

Contingentia

Revista do Setor de
Alemão da UFRGS

v.7 n.2

Gerson Neumann
Helano Ribeiro
Gabriel Munsberg
(Orgs.)



Contingentia

Contingentia vol. 7 n. 2

Capa: José Henrique Dias De Sousa

Diagramação: Gabriel Felipe Pautz Munsberg

Revisão: Gerson Roberto Neumann, Helano Jader Cavalcante Ribeiro e Gabriel Felipe Pautz Munsberg

Editores

Gerson Roberto Neumann, UFRGS

Helano Ribeiro, UFPel

Comissão Editorial

Gabriel Felipe Pautz Munsberg, UFRGS

Murilo Neves dos Santos, UFPel

Assistência e Revisão Geral / Editoração Digital- SEER

Gabriel Felipe Pautz Munsberg, UFRGS

Conselho Editorial (Internacional)

Arne Ziegler, Universität Graz

Dirk Niefanger, Friedrich-Alexander-Universität

Elóide Kilp, Universität Salzburg

Göz Kaufmann, Universität Freiburg

Joachim Born, Universität Giessen

Jürgen Fohrmann, Universität Bonn

Ligia Chiappini Moraes Leite, Freie Universität Berlin

Mechthild Habermann, Friedrich-Alexander-Universität

Sebastian Kuerschner, Katholische Universität Eichstätt-Ingolstadt

Susanne Klengel, Universität Mainz/Germersheim

Zinka Ziebell-Wendt, Universität Bremen/Freie Universität Berlin

Conselho Editorial (Nacional)

Bernardo K. Limberger, UFPel

Márcia Ivana Lima e Silva, UFRGS

Paulo Soethe, UFPR

Elcio Loureiro Cornelsen, UFMG

Helmut Galle, USP

Felix Valentin Bugueno Miranda, UFRGS

Cléo V. Altenhofen, UFRGS

Celeste H. M. Ribeiro de Sousa, USP

Rosani Úrsula Ketzer Umbach, UFSM

Gabriel Sanches Teixeira, UFSC, Brasil

Tito Lívio Cruz Romão, UFC, Brasil

Karen Pupp Spinassé, UFRGS, Brasil

CONTINGENTIA / Instituto de Letras / Setor de Alemão. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019. v. 7, n. 2, Jul-Dez (p. 001-135)
ISSN 1980-7589

Contingentia. Org. por Gerson Roberto Neumann, Helano Jader Cavalcante Ribeiro e Gabriel Felipe Pautz Munsberg

1. Letras – Periódicos. 2. Literatura. 3. Linguística. 4. Línguas estrangeiras. 5. Tradução. I. Neumann, Gerson Roberto; Ribeiro, Helano Jader Cavalcante; Munsberg, Gabriel Felipe Pautz.

Contingentia

Gerson Roberto Neumann
Helano Jader Cavalcante Ribeiro
Gabriel Felipe Pautz Munsberg
(Orgs.)

Vol. 7, No. 2, Jul-Dez. 2019 | ISSN 1980-7589

Apresentação

Gerson Neumann, Helano Ribeiro e Gabriel Munsberg 7

Artigos

Entre vozes e ecos: o (des)pertencimento e seus danos em *Morte no Paraíso*: a tragédia de Stefan Zweig, de Alberto Dines e *Os Emigrantes*, de W. G. Sebald

Carla Klos Schöninger 11

Entre pais e filhos: a questão da culpa pelo passado em Bernhard Schlink

Gabriela Gomes de Oliveira 27

Vozes da prisão de Hörschönhausen: testemunhos da opressão na República Democrática Alemã

Elcio Loureiro Cornelsen 41

***Tonio Kröger*: o estranho que em mim habita**

Helano Ribeiro e Murilo Neves dos Santos 57

Literatura e algoritmo: A questão do autor em fuga em Italo Calvino e Clemens Setz

Robert Schade 73

En el cambiante espejo de las aguas. Literatura y viaje en *El Danubio*, de Claudio Magris

Víctor Manuel Ramos Lemus 85

Onde está Jonas no Quirguistão – uma tentativa de pertencimento em *Kirgistan gibt es nicht*, de Jan Sprenger

Sofia Froehlich Kohl e Michael Korfmann 107

A aquisição “quase” simultânea de alemão e português: um estudo de caso

Daniele Ione Schneiders, Kainã Pereira Gonçalves,
Wendy Kaori Usuki e Andressa Brawerman-Albini 115

Resenhas

Resenha Kunkel-Razum, Kathrin und andere. *Warum es nicht egal ist, wie wir schreiben*.

Félix Valentín Bugueño Miranda 127

Camões, por Wilhelm von Chézy

Vinícius Casanova Ritter 131

Apresentação

A *Revista Contingentia*, Revista do Setor de Alemão da UFRGS em parceria com a UFPel, publica artigos tanto da Linguística como da Literatura, com o objetivo de oferecer uma maior visibilidade ao leitor brasileiro acerca das produções teóricas relacionadas à Germanística desenvolvidas no meio acadêmico brasileiro e internacional. Além disso, a *Revista Contingentia* seleciona artigos voltados para os estudos da tradução, assim como aspectos linguísticos e pedagógicos do ensino de alemão como língua estrangeira (DaF). Ela também publica traduções comentadas e oferece espaço para resenhas.

O número lançado neste momento é de temática livre, apresentando sete artigos de literatura, um de aspectos linguísticos e pedagógicos, e duas resenhas.

O artigo que abre este número tem como título “Entre vozes e ecos: o (des)pertencimento e seus danos em *Morte no Paraíso*: a tragédia de Stefan Zweig, de Alberto Dines e *Os Emigrantes*, de W. G. Sebald”, no qual a autora Carla Klos Schöninger analisa a escrita melancólica de ambos os escritores. Para marcar o entre-lugar e a experiência diaspórica, a autora ampara-se em Homi Bhabha e Stuart Hall ao analisar aspectos como a dispersão de povos, exilados, refugiados e emigrantes.

Em “Entre pais e filhos: a questão da culpa pelo passado em Bernhard Schlink”, Gabriela Gomes de Oliveira verifica as relações entre gerações presentes em algumas obras de Schlink abrangendo o passado da Alemanha. A partir das perspectivas de pais e filhos, perpetradores e vítimas, a autora aponta para uma viagem temporal pela história contemporânea alemã realizada por Bernhard Schlink.

Elcio Loureiro Cornelsen nos apresenta em seu artigo “Vozes da prisão de Höhenschönhausen: testemunhos da opressão na República Democrática Alemã” um texto contundente em torno dos relatos de testemunho sobre a repressão política na República Democrática Alemã, publicados na obra *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten* (2007; “Presos em Hohenschönhausen. Prisioneiros da Stasi relatam”), organizada por Hubertus Knabe. A leitura dos 24 textos que compõem o livro permite sua sistematização a partir de sete aspectos que, em certa medida, surgem recorrentemente, a saber: chegada; descrição; condições; interrogatório; tortura; cela; reflexão.

No artigo “Tonio Kröger: o estranho que em mim habita”, Helano Ribeiro e Murilo Neves trazem uma discussão conceitual acerca da questão do estrangeiro na novela de Thomas Mann *Tonio Kröger*, através de uma problemática com base teórica, sobretudo, em Jacques Derrida e Jean-Luc Nancy. Segundo Nancy (2006), experimentar a chegada do estrangeiro é apreciar uma série de mudanças nos nossos comportamentos morais, e por isso tão importante que esta entidade deixa de ser o tema e passa a ser o foco.

Já Robert Schade apresenta a questão do autor em tempos de inteligência artificial no artigo “Literatura e algoritmo: A questão do autor em fuga em Italo Calvino e Clemens Setz”. Nas duas abordagens são analisadas a ideia de uma máquina-autor de Italo Calvino (*Cibernetica e fantasmi*, 1967) e o Bot de Clemens Setz (*Bot. Gespräch ohne Autor*, 2018). Para Schade, a máquina combinada de Calvino, análoga a um procedimento algorítmico, substituiu o autor. O autor não é mais a origem do texto, como também enfatiza Roland Barthes. Todavia, segundo Schade, a máquina não pode prescindir dos espíritos condicionados social e individualmente que a assombraram. O escritor contemporâneo Clemens Setz, por outro lado, deixa um robô abastecido com o arquivo de seus textos responder às perguntas de entrevista durante sua ausência.

Víctor Manuel Ramos Lemus pretende apresentar em seu artigo “En el cambiante espejo de las aguas. Literatura y viaje en El Danubio, de Claudio Magris” novas formas da escritura em que a liberdade expressiva se mostra na ruptura das fronteiras entre ficção, testemunho e história, como objeto, o autor se vale da obra *Danúbio*, escrita pelo germanista italiano Claudio Magris. Nesse cenário de renovação, o eu buscado nas águas turbulentas do Danúbio explora, simultaneamente, os limites da escrita, não somente da história, mas também da ficção.

No artigo de Sofia Froehlich Kohl e Michael Korfmann “Onde está Jonas no Quirguistão – uma tentativa de pertencimento em *Kirgistan gibt es nicht*, de Jan Sprenger”, há uma proposta de análise do romance de Jan Sprenger, *Kirgistan gibt es nicht*, sob a ótica da necessidade de pertencimento, personificada pelo narrador, vinculada ao conceito de *Heimat* (DORN & WAGNER, 2012). Os autores partem das resenhas propostas pela Revista Cultural *Perlentaucher* (2012), por Vladimir Balzer (2012), para a *Deutschlandfunk Kultur* e Friederike Gösweiner (2013), para a *literaturkritik.de*.

No artigo “A aquisição ‘quase’ simultânea de alemão e português: um estudo de caso” Daniele Ione Schneiders, Kainã Pereira Gonçalves, Wendy Kaori Usuki e Andressa Brawerman-Albini abordam uma comunidade bilíngue no oeste de Santa Catarina, onde se concentra uma grande população descendente de imigrantes alemães. Assim, foi realizada uma entrevista com dois jovens falantes de português e alemão, junto de seus pais, buscando definir o processo de aquisição das duas línguas na infância e a interferência das mesmas entre si. Este estudo procura doar suporte de investigação para outros casos de imigrantes em todo o país a respeito da aquisição de línguas em um ambiente bilíngue.

O texto de Félix Valentín Bugueño Miranda é uma resenha do livro de Kathrin Kunkel-Razum e outros autores *Warum es nicht egal ist, wie wir schreiben*, que é o resultado de uma discussão sobre o domínio da competência ortográfica dos falantes do alemão, sobretudo daqueles que frequentam a escola. As reflexões são interessantes não somente para germanistas, mas também para demais professores de L1.

Por fim, em sua resenha “Camões, por Wilhelm von Chézy”, Vinícius Casanova Ritter apresenta Wilhelm Theodor von Chézy (1806 – 1865), que foi um escritor, tradutor e jornalista franco-alemão conhecido pela sua coleção de memórias *Erinnerungen aus meinem Leben* (1863-1864) [Memórias da minha vida] e, principalmente, por novelas de cavalaria. Nenhum de seus trabalhos foi traduzido para o português. Aqui, Ritter escolhe a peça *Camoens* [Camões].

Assim, os artigos aqui avaliados e selecionados apontam para a pesquisa produção de conhecimento em torno dos estudos germanísticos no Brasil. Finalmente, a Revista *Contingentia* agradece aos autores e avaliadores que contribuíram para esse número.

Os editores

Entre vozes e ecos: o (des)pertencimento e seus danos em *Morte no Paraíso*:
a tragédia de Stefan Zweig, de Alberto Dines e *Os Emigrantes*,
de W. G. Sebald

Carla Luciane Klos Schöninger¹

Resumo: Muitas vozes e ecos ressoaram no Pós-Guerra, elementos esses, que continuam sendo analisados na contemporaneidade. Neste sentido, propõe-se um estudo comparado entre os livros *Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*, de Alberto Dines e a quarta narrativa - "Max Aurach" - de *Os Emigrantes*, de W. G. Sebald. O primeiro remete ao destino de Zweig, como protagonista que viveu os embates, tristezas, fuga, sentimento de (des)pertencimento. O segundo, nas vozes do narrador, que ouve os ecos ressoantes de pessoas que vivenciaram a Segunda Guerra e do personagem Aurach, representando uma vida assombrada pela guerra. Ambas as obras evidenciam traços da memória como discurso de resistência e infelicidade, dando lugar à escrita melancólica: uma em que há o padecimento trágico e a outra que busca desvendar um passado velado. Apoiados principalmente nos estudos de Homi Bhabha, em *O local da cultura*, e em Stuart Hall, *Da Diáspora*, estudaremos aspectos como a dispersão dos povos, de exilados, emigrantes e refugiados, marcando o entre-lugar e a experiência diaspórica. Os danos para Zweig foram irreparáveis na vida, encontrou solução na morte. Já Sebald tentou reparar os danos através dos ecos de outrem, seu protagonista termina em um hospital, com o rosto cor de cinza.

Palavras-chave: (Des)pertencimento; *Morte no Paraíso*: a tragédia de Stefan Zweig; *Os Emigrantes*.

Zusammenfassung: Viele Stimmen und Echos erklangen in der Nachkriegszeit, Elemente, die auch in der heutigen Zeit analysiert werden. So, wird ich eine vergleichende Studie vorschlagen zwischen den Büchern *Tod im Paradies: die Tragödie des Stefan Zweig*, von Alberto Dines und der vierten Geschichte „Max Aurach“- von *Die Auswanderern*, von W. G. Sebald. Der Erste bezieht sich auf das Schicksal von Zweig als dem Protagonisten, der die Zusammenstöße, die Trauer, die Flucht und das Gefühl der (Un)Zugehörigkeit erlebt hat. Die Zweite, in den Stimmen des Erzählers, der das Echo von Menschen hört, die den Zweiten Weltkrieg erlebt haben, und die Figur Aurach, die ein vom Krieg heimgesuchtes Leben darstellt. Beide Werke zeigen Erinnerungsspuren als Diskurs über Widerstand und Unglück, die melancholischen Schriften entsteht: eine, in der tragisches Leid herrscht, und die andere, die verborgene Vergangenheit enthüllen will. Hauptsächlich gestützt auf die Studien von Homi Bhabha *Die Verortung der Kultur* und Stuart Hall, *Von Diaspora*, wir werden Aspekte wie die Zerstreuung von Völkern, Verbannten, Auswanderern und Flüchtlingern untersucht, unterstreichen die Zwischen-Ort und die diasporische Erfahrung. Der Schaden war für Zweig irreparabel im Leben, er fand Lösung im Tod. Sebald hat durch die Echos von die anderen, seinen eigene Schaden reparieren versucht, sein Protagonist endet in einem Krankenhaus, und sein Gesicht ist grau.

Schlüsselwörter: (Un)Zugehörigkeit; *Tod im Paradies: die Tragödie des Stefan Zweig*; *Die Auswanderern*.

¹ Mestra em Letras (URI). Docente do Instituto Federal Farroupilha, campus Panambi. Doutoranda em Letras (UFRGS). carla.luciane@yahoo.com.br

1 Introdução

“No mar, tanta tormenta e tanto dano
Tantas vezes a morte apercebida.
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade avorrecida
Onde pode acolher-se um fraco ser humano?,
onde terá segura a curta vida.”
Camões, *Os Lusíadas*.

A Segunda Guerra Mundial deixou muitas marcas, e por isso, ainda hoje, as vozes e os ecos que ressoaram nesse momento histórico e após ele, mesmo que abafados, devem ser resgatados. Neste sentido, propõe-se um estudo comparado entre o livro: *Morte no Paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*, de Alberto Dines e o capítulo “Max Aurach”, de *Os Emigrantes*, escrito por Sebald. O texto do biógrafo Alberto Dines remete ao destino de Stefan Zweig como protagonista que viveu os embates, tristezas, traições, fuga, sentimento de (des)pertencimento e a produção de Sebald revela os medos e angústias de um escritor que vive nas sombras do pós-guerra e busca encontrar-se nos ecos ressonantes de pessoas que viveram a experiência da Segunda Guerra. Ambas as obras evidenciam traços da memória como discurso de resistência e infelicidade dando lugar à escrita melancólica: uma em que há o padecimento trágico e a outra que carrega ecos abafados de um sobrevivente.

Devido às incógnitas que assombraram o gesto trágico de Stefan Zweig, sua história teve grande repercussão mundial. Esta dupla tragédia, o suicídio de Zweig e de sua esposa Lotte, resultou na produção de textos e produção cinematográfica que abordassem o acontecimento na tentativa de compreender melhor esse desfecho. Sendo assim, no ano de 1981, Alberto Dines escreveu o livro: *Morte no Paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*, desenvolvendo de maneira sublime o itinerário e a morte do austríaco judeu.

Já a construção das narrativas de Sebald se dá através da rememoração de outras vozes que vivenciaram a guerra. Para tal, usa-se como recurso uma elaboração composta de personagens reais e fictícios. O livro *Os Emigrantes* está dividido em quatro narrativas intituladas com nomes dos personagens Dr. Henry Selwyn, Paul Bexter, Ambros Adelwarthe e Max Aurach. O quarto capítulo intitulado Max Aurach apresenta fotos e trechos de escrituras, bem como discurso intercalado entre o narrador e o protagonista Aurach.

Este estudo tem como embasamento teórico Homi Bhabha, *O local da cultura* (1998), que trata da dispersão dos povos num contexto de margens culturais, em que exilados, emigrantes e refugiados passam a reunir-se nas fronteiras, marcando esta temporalidade como entre-lugar. Stuart Hall, no livro *Da Diáspora* (2003), ao tratar das experiências diaspóricas enfatiza que não há uma casa para a qual retornar, prevalecendo a sentimento de (des)pertencimento e Ricoeur, em *A memória, a história, o esquecimento* (2007), tratando de questões concernentes à memória de si e de outrem.

A delimitação temática para este texto está na evidência do sentimento de (des)pertencimento e nos danos causados por este nas vidas de Zweig, Sebald e na do personagem do Aurach, bem como a tentativa desses de superar as angústias e o vazio deixado por lacunas da Guerra.

2. Zweig e Sebald: escritas com resquícios da Segunda Guerra Mundial

Winfried Georg Maximilian Sebald utiliza-se da apropriação de vozes de outros e da rememoração para narrar os acontecimentos e as experiências, retratando uma realidade que não vivera diretamente. O escritor nasceu um ano antes do término da Segunda Guerra Mundial, em Wertach na região do Allgäu, em 1944, filho de uma família católica da Bavária, na Alemanha. Vivenciou um pós-guerra de silêncios e lacunas. As atrocidades do período nazista não foram comentadas, abordadas em diálogos, ou tratadas por determinado tempo, o que deixou ao jovem- ecos abafados daquele tempo.

Em “Max Aurach”, Sebald cria um narrador que aos 22 anos, no ano de 1966, decide mudar-se para a Inglaterra. Há o relato de um indivíduo que não teria vivido diretamente nos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial, mas sofrera com a expatriação, tendo que viver em outros lugares. Ao viver exilado, não se sente pertencente ao lugar que escolhera para viver, sofrendo indiretamente os transtornos causados pela guerra. Muito se silenciou, rastros foram apagados, assim como arquivos e há também a ausência de sepulturas, há muito que jamais se saberá.

Neste sentido, por muitas vezes os sobreviventes escondem-se no anonimato ou por detrás de vozes dos outros. No caso de Sebald, os pais judeus foram deslocados ao gueto. Ele percebeu no pai George o quanto a guerra o havia atingido emocionalmente, pois não conseguia narrar fatos da guerra, nem ser pai presente, o passado do pai sempre foi uma incógnita. George fora prisioneiro em 1947. Sebald

percebeu somente na juventude a obscuridade e o mistério que configuravam o passado. Conheceu uma Alemanha sombria, foi estudar em Manchester, ouvindo as vozes de outras pessoas que vivenciaram esse fato histórico e com isso produziu escritos que constituíram narrativas capazes de romper o silêncio que o perturbava.

Stefan Zweig nasceu dia 28 de novembro de 1881, em Viena na Áustria. Viena era considerada a capital “da idade da ansiedade, eixo do gênio judaico e a cidade do qual o Holocausto filtrou-se [...] vitrina de antinomia, fusão de decadência com espiritualidade, fábrica dos talentos explosivos e revolucionários” (DINES, 1981, p. 91). Um local de requinte intelectual, mas que fez com que Zweig sofresse com a censura e o exílio. Muitos vienenses procuravam a morte voluntária, em atos desesperados para escapar da levandade e do supérfluo. Em 1910 ocorreram frequentes suicídios na alta burguesia vienense, o que despertou atenção especial dos psicanalistas.

Neste belo jardim, conciliador e arrebatado, nasceu, cresceu e se formou, junto com o mundo que cantaria e pelo qual se mataria, Stefan Zweig - poeta, biógrafo, novelista, humanizador da História, europeu, cosmopolita, idealista, assimilador e assimilado, viajante infatigável que nunca saiu de onde estava - um homem em busca do Paraíso (DINES, 1981, p. 92).

Na capa do livro *Morte no Paraíso: a tragédia de Stefan Zweig* há somente a imagem de Stefan, um retrato seu enterrado nas areias do paraíso. Ao seu redor, o verde das palmeiras e atrás a imensidão do mar. Tal metáfora sugere o sentimento de solidão, perda e desgaste do escritor, que se sentia enterrado na amargura e no desapontamento. Mesmo estando no lugar que considerava ideal para passar o resto de sua vida, um paraíso chamado “Brasil”, ele não passava de um eterno exilado: “Não existia, não era. Estava” (DINES, 1981, p. 97). Ele tentou sentir-se patriota no amado Brasil, mas não conseguiu, no fundo tinha plena consciência de que nem mesmo o Éden poderia disfarçar exílios (DINES, 1981, p. 21).

Com as pressões do governo brasileiro, a infelicidade ao lado da jovem Lotte, que se demonstrava cada vez mais doente; a depressão foi inevitável. E “num suicídio tudo conta, pesa tudo: amor demais ou de menos, sucesso muito ou nenhum, chuva na vidraça, céu constrangedoramente azul e limpo” (DINES, 198, p. 21). Qualquer pretexto contribuía para seu estado deprimente.

3. A voz de outrem: entre a biografia e as memórias do outro

O livro *Morte no Paraíso: a tragédia de Stefan Zweig* foi escrito pelo biógrafo Alberto Dines que narra a trajetória do escritor, as relações pessoais, suas produções escritas, decepções, bem como sua paixão pelo Brasil. Tudo isso, fazendo uso de fotos e escritos pertencentes ao próprio Zweig. No quarto capítulo do livro *Os Emigrantes – “Max Aurach”* – W. G. Sebald constrói um narrador que dá voz às testemunhas. A partir disso, escreve-se a narrativa costurada cuidadosamente com as linhas da memória dos sobreviventes.

O uso das vozes dos outros permite um “preenchimento” do vazio que o narrador possui; o que é o caso do próprio Sebald, que com a apropriação das memórias de outrem faz uma atribuição a si mesmo. Conforme Paul Ricoeur,

no caso da atribuição a si mesmo, o “preenchimento” e seu nome- é direto, imediato, certo; ele imprime em meus atos a marca de uma possessão, de uma minhadade sem distância; uma aderência pré-temática, pré-discursiva, antepredicativa, subtende o juízo de atribuição e a ponto de tornar transparente a distância entre si e suas lembranças, e de dar razões às teses da escola do olhar interior. De fato, o juízo de atribuição somente se torna explícito quando replica, no plano reflexivo, à suspensão da atribuição espontânea a si dos fenômenos mnemônicos; ora, essa abstração não é arbitrária; ela é constitutiva do momento linguístico da memória, tal como a prática da linguagem cotidiana a promoveu, é ela que permite nomear e descrever de maneira distinta o “mental” a *Mind*, enquanto tal (RICOEUR, 2007, p.137).

Ouvir os outros, registrar e arquivar fotos e documentos permite a Sebald produções singulares. Essa apropriação das vozes possibilitou uma melhor compreensão de um tempo que viveu, mas do qual não faz parte. Ele sai de seu país para preencher as lacunas e fazer descobertas. Ouve as vozes dos outros e o personagem Max, é uma das figuras que descreve. Sebald faz uso dessas memórias para configuração narrativa.

Essa palavra de outrem, depositada sobre uma vida inteira, ao preço das dificuldades e dos conflitos que se conhecem, confere um apoio de linguagem, um aspecto decididamente auto-referencial, a todas as operações de apropriação pessoal que gravitam em torno do núcleo mnemônico[...] Acreditamos na existência de outrem porque agimos com ele e sobre ele somos afetados por sua ação[...] Uma fenomenologia do pertencimento e é convidada a dar a si mesma sua conceitualidade própria sem se preocupar com sua derivação a partir de um polo egológico (RICOEUR, 2007, p. 139).

O capítulo “Max Aurach” possui um narrador em primeira pessoa, que não se identifica, mas que se confunde com o próprio Sebald. Uma das primeiras sensações do narrador ao chegar em Manchester era de frio e de confiança, mas declara logo perceber que era uma sensação falsa de confiança. Em Manchester

[...] Portas pregadas, e bairros inteiros arrasados de modo que se podia ver, por cima dessas ruínas, a cidade prodigiosa do séc. XIX [...] Na verdade, podia-se pensar que a cidade fora abandonada por seus moradores, transformada em cemitério ou mausoléu [...] (SEBALD, 2002, p. 151).

O narrador, após a conclusão do trabalho de reconstrução das memórias de Aurach, visita o amigo na enfermaria a fim de que ele aprove sua escrita. Ricoeur considera as pessoas que nos contam suas histórias como “os próximos”. A relação de distanciamento e aproximação para com elas varia, numa dinâmica que está em constante movimento.

Entrementes, meus próximos são aqueles que me aprovam por existir e cuja experiência e partilha da afirmação que cada um faz de seus poderes e de seus não-poderes, e que chamo de atestação em Si mesmo como um outro. O que espero dos meus próximos, é que aprovelem o que atesto: que posso falar, agir, narrar, imputar a mim mesmo a responsabilidade de minhas ações (RICOEUR, 2007, p. 142).

Aurach o recebeu, mas ficou sentado junto do enfermo, que praticamente nada dizia, numa aparência doentia e esgotada. Estava “cor de cinza cada vez mais exausto” e assim, o narrador saiu e andou pelas ruas.

O livro de Dines traça todo o itinerário do escritor, predominando o caráter biográfico e ao mesmo tempo retratando situações sociais e morais da época, trechos de cartas, depoimentos, fotos, artigos jornalísticos e alguns aspectos literários.

Stefan Zweig se desloca ao Rio de Janeiro, no Brasil, na busca pelo paraíso. Zweig acreditava que no Brasil não iria sofrer com o nazismo, no entanto, passou a viver sob a ditadura de Vargas. O Brasil não era tão livre e aberto como fizeram o escritor acreditar. Zweig logo respondeu que o Brasil o recebera bem, e aguardava o visto de permanência, assim como uma pátria de judeus em solo brasileiro. Stefan Zweig nutria a esperança de ser recompensado por Getúlio Vargas, pensando que o presidente lhe devolveria uma pátria.

O texto *Morte no Paraíso: a tragédia de Stefan Zweig* possui uma introdução intitulada “Caleidoscópio”, já indicando uma estrutura textual diferenciada em que múltiplos aspectos são abordados sob os diferentes ângulos: “A biografia do biógrafo é um jogo de espelhos, a história do historiador um caleidoscópio - impossível esconder-se, há sempre um ângulo revelando aquele que maneja os prismas” (DINES, 1981, p.17). Alberto Dines é quem manipula seu caleidoscópio, os espelhos são os dados biográficos e o estilo de sua escrita corresponde aos pontos coloridos que surgem e se misturam dando formato a inúmeras imagens abstratas. O leitor, por sua vez, é quem movimenta o caleidoscópio, compreendendo os acontecimentos sob estes prismas, concretizando aspectos da obra.

Ao perder sua identidade nacional austríaca, a carência da nacionalidade era o que perseguia Zweig. A necessidade de visto, autorizações, passaporte para viajar e o fato de ser exilado passaram a lhe afligir. Ele perdera a liberdade de se movimentar, como muitos naquele tempo de guerra, ele se sentia um estrangeiro. O que mais o atingiu foi o fim da Áustria que o tornara um “internacionalista, um miserável apátrida, condenado a esperar em longas filas, junto com Lotte, na porta do Ministério do Interior Inglês para obter uma carteira de identidade e voltar a ser alguém” (DINES, 1981, p.196).

Dines descreve o escritor como “um biógrafo suicida, cronista aterrado, incapacitado de testemunhar” (DINES, 1981, p. 18). Suas páginas destinam-se ao relato da história de um historiador, o qual se tornou extremamente abatido por suas próprias observações, não suportando, por uma lado: sua vida e, por outro, o seu tempo. Um homem “célebre, rico, amado, no auge da maturidade, protegido pelo carinho de uma pirâmide de amigos que ajudou a erigir, não obstante absurdamente corroído pela amargura e pressa” (DINES, 1981, p. 20).

4. O (des)pertencimento e seus danos em *Morte no Paraíso: a tragédia de e Os Emigrantes*

Zweig sentia-se sedentário “num mundo tornado tão móvel e arisco, riscado por tantos êxodos e diásporas, os afortunados sobreviventes deveriam estar quietos, parados” (DINES, 1981, p. 200) Estão vivos, mas são órfãos. Aos 60 anos de idade, Stefan se declara um errante sem pátria.

Quando o narrador do capítulo sobre Aurach chega no hotel Arosa, a pergunta que a anfitriã lhe faz é: *And where have you sprung from?* Parecia que ele fugia de algo. Apareceu na manhã de uma Sexta-Feira Santa. A chegada foi marcada por “quietude e vazio” (SEBALD, 2002, p. 153). No hotel sentia uma “incompreensível sensação de isolamento” (SEBALD, 2002, p.154). Junto do texto há imagens da cidade, sendo uma delas contendo as docas do porto, lugar em que muitos navios entravam e saíam por um grande arco, mas que há anos, já não mais navegavam por tais superfícies.

Homi Bhabha em seu livro *O local da cultura*, trata da dispersão dos povos num contexto de margens culturais, em que exilados, emigrantes e refugiados passam a reunir-se nas fronteiras, convivendo com línguas estranhas e costumes diferentes. Tentam uma nova vida em um lugar que não lhes pertence.

Os motivos desta “disseminação” são vários, cada grupo com seus motivos: perseguição, questões políticas, por fugir de realidades assustadoras. A pergunta elaborada por Mohmoud Darwich: Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?, citada por Bhabha, retrata essa insegurança e incerteza. Onde essas pessoas devem buscar a paz, o sossego e renovar as esperanças quando não há mais céu esperando por elas?

A busca e pesquisa de Sebald se tornaram imprescindíveis para sua vida, ele precisa juntar os retalhos do passado para compreender o presente. Em conformidade com Bhabha “os fragmentos, retalhos e restos da vida cotidiana devem ser repetidamente transformados nos signos de uma cultura nacional coerente, enquanto o próprio ato da performance narrativa interpela um círculo crescente de sujeitos nacionais” (BHABHA, 1998, p. 207). Ao estar no lugar estranho, como é o caso do personagem de *Os Emigrantes*: Max Aurach e de Stefan Zweig, em sua biografia, uma imagem é criada sobre a ligação que existe com o seu lugar e, ao mesmo tempo, uma imagem do exterior. Para Bhabha há então a temporalidade do entre-lugar.

A fronteira que assinala a individualidade da nação interrompe o tempo autogerador da produção nacional e desestabiliza o significado do povo como homogêneo [...] Estamos diante da nação dividida no interior dela própria, articulando a heterogeneidade de sua população. A nação barrada Ela/própria [It/Self], alienada de sua eterna autogeração, torna-se um espaço liminar de significação, que é marcado internamente pelos discursos de minorias pelas histórias heterogêneas de povos em disputa cultural [...] Essa escrita-

dupla ou disseminação não é simplesmente um exercício teórico nas contradições internas da nação liberal moderna (BHABHA, 1998, p. 209-210).

O que ocorre então é que o sujeito se divide entre o território que lhe era familiar e com um significante que “desaparece gradualmente” e o performativo, num efeito determinístico ou “estadista” (BHABHA, 1998, p. 217).

Deste modo, há um sentimento de (des)pertencimento. Tal sensação é facilmente percebida nos depoimentos de Aurach, ao retratar a Alemanha sombria, bem como nos de Zweig, ao falar de uma Europa destruída e do Brasil como pátria escolhida por ele. No entanto, não mais se identificam com esses lugares.

Aurach diz que as imagens fragmentadas da Alemanha lhe parecem alucinações, ele vê a Alemanha como um país atrasado, destruído, cujas pessoas possuem rostos belíssimos e ao mesmo tempo terríveis (SEBALD, 2002, p. 181). Ele sente que é estranho em sua terra natal, não a considera mais como casa,

[...] onde começam e onde terminam as fronteiras? quando regionalmente cada uma é cultural e historicamente tão próxima de seus vizinhos e tantos vivem a milhares de quilômetros de “casa”? Como imaginar sua relação com a terra de origem, a natureza de seu “pertencimento”? (HALL, 2003, p. 26)

Aurach viveu na Inglaterra boa parte da vida e descreve que o frio do inverno e os nevoeiros remetiam às sombras que a guerra deixava, “e quando no inverno emergiam de repente do nevoeiro sem que se pressentisse sua aproximação, movendo-se silenciosos e logo desaparecendo no ar branco”, Aurach continua: “para mim era sempre um espetáculo incrível que por algum motivo me abalava profundamente [...] acho que ele não gostava de responder às minhas perguntas sobre essa fase ou sobre a história anterior de sua vida” (SEBALD, 2002, p. 166).

Zweig viveu entre o Brasil e a Áustria e considerava o primeiro como um paraíso no qual viveria o resto de sua vida, mas fora perseguido e lhe negada a nacionalidade. Apesar disso, sentiu muito amor pelo Brasil, deixando suas palavras nos fragmentos: “tenho a última obrigação de dar um carinhoso agradecimento a este maravilhoso país que é o Brasil” (DINES, 1981, p. 71). “[...] a cada dia aprendi a amar este país mais e mais” (p. 93) “[...] em parte alguma poderia eu reconstruir minha vida, agora que o mundo de minha língua está perdido e o meu lar espiritual, a Europa autodestruído” (p. 131). “[...] depois de 60 anos são necessárias forças incomuns para começar tudo de

novo.” (177). “[...] Assim, em boa hora e conduta ereta, achei melhor concluir uma vida na qual o labor intelectual foi a mais pura alegria e a liberdade pessoal o mais precioso bem sobre a terra” (p.285), “[...] saúdo todos os meus amigos. Que lhes seja dado ver a aurora desta longa noite. Eu, demasiadamente impaciente, vou-me antes” (p. 393).

Zweig via a Europa como estranha, terra irreconhecível. Mais tarde se decepçiona com a negação do visto no Brasil. Hall aborda o sentimento do não reconhecimento:

Muitas sentem que a “terra” se tornou irreconhecível. Em contrapartida, são vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas. Sentem-se felizes por estar em casa. Mas a história, de algumas formas, interveio irrevogavelmente. (HALL, 2003, p. 27)

Tanto para o personagem de Sebald: Aurach, quanto para Zweig, essa história foi a Segunda Guerra Mundial. Zweig sentira na pele a perseguição, o desprezo, o exílio, o (des)pertencimento.

Não podemos jamais voltar para casa, voltar à cena primária enquanto momentos esquecidos de nossos começos e “autenticidade, pois há sempre algo no meio [between]. Não podemos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos, isto é, quando este é trazido para dentro da linguagem e de lá embarcamos numa viagem” (HALL, 2003, p. 27).

Em *Os Emigrantes*, no capítulo em estudo, o narrador encontra o estúdio do pintor Aurach, o qual trabalha dez horas por dia em suas pinturas e demonstra gostar das coisas intocadas, permitindo que a poeira tome conta de seu ambiente de trabalho. O narrador declara que nos três anos em que esteve em Manchester ao menos uma vez na semana se encontrava com Aurach, que contava muito sobre sua vida.

Aos 18 anos, em 1944, Aurach fora convocado ao exército, tendo que deixar seus estudos de Arte. Estava há 22 anos em Manchester e ainda sentia que tudo era estranho e, como forma de fuga, mantinha a mesma devoção ao trabalho. A imagem de um olho atento, concentrado (SEBALD, 2002, p. 177) acentua o olhar do artista que está em constante reinvenção.

Em suas pinturas, o pincel percorria várias vezes a tela de modo a encobrir o que pintara anteriormente e até a raspar a tela. Max Aurach representa em suas

pinturas as vivências, sombras e angústias decorrentes da deportação e morte dos pais nos campos de concentração.

[...] não apenas pintara por cima várias vezes, mas, quando a tela não aguentava mais de tanto raspar e recolocar tinta, ele destruíra e queimara o quadro diversas vezes. O desespero pela sua incapacidade, que o atormentava bastante durante o dia estendia-se cada vez mais pelas noites insones, de modo que, de tão esgotado, em breve só conseguia trabalhar aos prantos (SEBALD, 2002, p. 174).

Apesar de se recolher-se nas pinturas e expressar-se através das tintas nas telas, a cada pincelada ele esboça angústias, frustrações, medo, insegurança e isso acaba por desencadear num desgaste físico e mental, trazendo aos poucos a exaustão total.

Aurach assinala as poucas lembranças que possui da mãe, única figura feminina a qual se refere, e carrega consigo fotos e escritos que a ela pertenciam. Ao ler os papéis conhece um pouco mais a mulher que o gerou. O pintor não recordava mais das últimas palavras que trocara com os pais, não se lembrava deles no Aeroporto de Frankfurt, depois da despedida, só se recordava das paisagens. Estudou e trocou correspondências com os pais, mas em novembro de 1941, o recebimento de correspondências cessou e chega mais tarde a notícia da morte deles.

Fossem quais fossem as providências que consciente e inconscientemente tomei para me imunizar contra o sofrimento dos pais e o meu próprio, e por mais que eu conseguisse por algum tempo manter o equilíbrio emocional em meu isolamento, a infelicidade daquele meu noviciado juvenil se enraizara tão profundamente em mim que mais tarde voltou a desabrochar, dando flores perversas e recobrendo-me com seu telhado de folhas venenosas que tanto sombreou e escureceu meus últimos anos (SEBALD, 2002, p.190).

O pintor deixou ao narrador fotografias e páginas manuscritas com anotações que a mãe fizera entre 1939 e 1941 em Sterwarstrasse, mencionando principalmente sua própria juventude. Em Steinach, um terço do povoado era judeu e nos escritos, há menções sobre a educação:

Estamos na escola há vários anos. É uma escola de uma só sala de aula, exclusivamente para as crianças judias da aldeia, mas não é que se entende por escola judaica [...] Uns devem treinar caligrafia, outros fazer contas ou compor uma redação ou desenhar no caderno de Geografia. Um grupo tem uma aula para treinar a acuidade visual. (SEBALD, 2002, p. 201)

Junto dos escritos, fotos da família, de Luisa Lanzberg (mãe de Aurach) e do marido. A pesquisa continua e a partir do conjunto de dados obtidos pelo narrador, ele viaja para Kissinger. Lá “A nova Sinagoga que substituíra a antiga casa de oração, uma construção pesada, meio alemã, meio bizantina da virada do século, fora demolida na Noite dos Cristais e arrasada nas semanas seguintes” (SEBALD, 2002, p. 218).

Ele visita o cemitério que parece abandonado, nem todas as inscrições podiam ser lidas nas pedras: “Fiquei no cemitério judeu até o meio-dia e andei entre as fileiras de túmulos lendo os nomes dos mortos, mas bem por fim descobri perto do portão trancado uma sepultura mais recente onde estavam os nomes de Lily e Lazarus Lanzberg e os de Fritz e Luisa Aurach” (SEBALD, 2002, p. 221).

O narrador ficara vários dias em Kissinger e em Steinach pesquisando, e revela: “senti cada vez mais que o empobrecimento espiritual me rodeava, e a falta de memória dos alemães, a habilidade com que tudo fora removido e limpo, começavam a atacar meus nervos e minha cabeça” (SEBALD, 2002, p. 222).

Ao buscar por rastros, percebera o quanto esses foram apagados, destruídos, restavam apenas ruínas de um passado que se queria esquecer, mas os danos foram tantos e para tantas vidas que mesmo com poucos vestígios, as memórias se reconstruíram.

Nas últimas páginas do capítulo o narrador revela o trabalho em reconstruir a história de Max Aurach.

Era um trabalho muito laborioso que muitas vezes empacava no mesmo ponto durante horas ou dias, e não raro voltando atrás, quando eu era constantemente atormentado por escrúpulos cada vez mais perceptíveis, que me paralisavam cada vez mais. Esses escrúpulos provavelmente tinham a ver com o objeto de minha narrativa, a que eu pensava não conseguir fazer justiça, e com a precariedade da profissão do escritor (SEBALD, 2002, p. 228).

Stefan Zweig teria sido um eterno insatisfeito (DINES, 1981, p. 139). Sua inquietação começara muito antes da tragédia, visto que em uma das cartas que envia a Friderike ele tenta explicar as causas de suas crises depressivas:

[...] não existe razão alguma para elas, nem no meu trabalho nem no fumo. É uma crise de idade ligada com a exagerada visão da realidade, um tanto desproporcional à própria idade ... não espero mais nada de mim mesmo- que venda dez mil exemplares ou 155 mil de um novo livro, é imaterial. A coisa importante seria começar algo, outro tipo de vida, outras ambições, uma diferente relação com a

existência- emigrar, não apenas no sentido estrito da palavra ... Eu gostaria, nos próximos anos, de tornar-me mais móvel - frequentes viagens, isto seria melhor para nós [...] (DINES, 1981, p.153).

Este comportamento do escritor não tinha sido entendido na época, nem por sua companheira, indicando que estas crises se tratavam de tentativas de escapar da depressão profunda, alternativa sábia e ao mesmo tempo insana para fugir da melancolia.

Sua acuidade para com a alma feminina não foi o suficiente para que fosse feliz na vida conjugal. Os dois casamentos, o primeiro com Friderike Maria Von Wintternitz (que já tinha duas filhas) e o segundo com a jovem Charlotte Elizabeth Altmann (com a qual não teve filhos), foram frustrados. Em depoimentos de Fridericke, no momento em que ela demonstrara interesse em ter um filho, Stefan ameaçou suicidar-se. O escritor austríaco eleva seu egocentrismo em muitos momentos de sua vida, Dines aponta que isto se dá por que “tudo foi fácil para Stefan, por isso com auto-flagelação, tornava tudo tão difícil” (DINES, 1981, p. 101).

A representação de Lotte é de uma mulher de 27 anos, tímida e submissa. Stefan declara: “Acreditei, ao casar com uma mulher jovem, garantir-me com uma provisão de alegria para os meus dias da velhice. Agora, no entanto, eu é que tenho que ajudá-la” (DINES, 1981, p. 282). “Em Lotte estava a “sombra trágica, quase pernicioso” (DINES, 1981, p.192). Sua reação frente à proposta do marido sobre suicídio foi de lhe dizer o quanto o amava, e que o amava mais do que a si mesma. Só queria ter a certeza de que não haveria outra saída. E assim, permanece ao lado do marido até o fim. A relação com as duas mulheres se resume nestas palavras “o casamento de 20 anos com Friderike, a sólida e ativa companheira do pacifismo [...] A ligação com Lotte, a jovem secretária, devotada e submissa, que havia criado um dilema dilacerante na alma de quem necessitava de sossego e da figura referencial de mulher forte e norteadora” (DINES, 1981, p. 57).

No final da vida, aos amigos, Zweig enviou os seguintes versos de *Os Lusíadas* de Camões:

No mar tanta tormenta e tanto dano,
tantas vezes a morte apercebida;
Na terra tanta guerra, tanto engano
Tanta necessidade avorrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano?
Onde terá que segura a curta vida,

Que não se arme e se indigne o céu sereno
Contra um bicho-da-terra tão pequeno?
(CAMÕES, Canto primeiro Estrofe 116 *apud* DINES, 198, p. 255)

Os versos condensam a situação de Zweig ao abordar a agitação e a tormenta no mar, os danos causados por isso, bem como a evidência da guerra, do engano e no quinto verso o questionamento: Onde pode acolher-se um fraco ser humano? Remetendo ao sentimento de (des)pertencimento.

Os livros de Montaigne haviam mexido muito com suas ideias, tanto que o pensamento que prevalece nestes últimos dias foi: “Quanto mais voluntária é a morte, mais bonita ela é”. A ideia da morte gerou em Zweig e sua esposa Lotte, um sentimento de vida: “Um homem agarra-se à ventura por mil razões, mesmo quando não há razão aparente. O espectro da morte gera tais espasmos de vitalidade” (DINES, 1981, p. 57).

Lotte e Stefan foram encontrados deitados em suas camas, o rosto de Stefan demonstrava tranquilidade, era como se estivesse em um sono profundo, suas mãos estão postas sobre seu próprio corpo. O óbito detectou que Lotte morreu horas mais tarde. Dines descreve a imagem dos corpos: “Lotte sobre ele, agarrada num último gesto de posse” (DINES, 1981, p. 403). Na última declaração, o retorno ao egocentrismo: “Agora está tudo em ordem: o eterno intranquilo está em paz. Coisa inverossímil: o destruído encontra-se em união íntima com o mundo” (DINES, 1981, p. 408).

A morte de ambos, apesar de violenta, não deixara violência alguma. Foram duas mortes serenas, em que marido e mulher permaneceram unidos até o fim. “Suicidas solidários são firmes, determinados. Com parceiro, comparsa- inquiridor ou submisso – o momento final é agonia à parte [...] quanto mais voluntária a morte, mais bela. A vida depende da vontade de outrem- a morte, da nossa.” (DINES, 1981, p. 398) Esta última frase traz incertezas quanto a sua autoria, confundem-se Montaigne e Zweig. Pensamentos que se misturam, personalidades que se infundiam com a leitura, autor e leitor, passaram a ser um só.

A morte foi escolhida como paradeiro para a angústia:

matou-se para serenar, fabricou um estrondo. Pretendia sossego, ganhou tormentos. Escreveu sensualmente, morreu seco. Descobriu um paraíso, premiaram-no com o desdém. Sonhava com a segurança, viveu atocaiado. Almejava a renúncia, mas não teve estofo para a marginalização integral. Descobriu seu judaísmo e enterraram-no longe dos seus. Matou-se Stefan porque desejava respeito, produziu

elogios fáceis, palavras gasosas, amáveis encômios, inclusive velhacarias. Reconheceu-se impaciente, sepultaram-no com pressa. Não conseguiu acomodar-se ao exílio, os exilados reagiram à capitulação (DINES, 1981, p. 429).

Considerações Finais

Stefan Zweig cansou-se das agitações de um mar tão turbulento, não mais suportava os enganos que a vida lhe proporcionara, nem a guerra que a tantos inocentes matara e que espalhara os sobreviventes pelo mundo. Não tinha mais pulsão para dar continuidade a sua vida, pois com ela, continuaria seu sofrimento. Esse ser humano, junto de sua esposa, tentou acolher-se em outro mundo, preferiu a tranquilidade do “céu sereno”.

Já W. G. Sebald encontrou em muitas pessoas “os próximos”, o narrador de Max Aurach e Sebald se misturam, não se sabe ao certo distinguir a quem pertence a voz em primeira pessoa. “Os próximos” lhe contaram suas histórias, preenchendo as lacunas que o silêncio do pós-guerra deixara. Os ecos que ressoaram do passado sombrio, através da partilha de outrem, imputaram a si a responsabilidade de narrar os gritos silenciosos. A experiência de escrever entre a realidade e a ficção contribuíram para a constituição dele mesmo.

A sensação de (des)pertencimento em Zweig e Aurach trouxe danos e tormentos que prevaleceram por suas vidas. Zweig não esquecia a ideia de que não pertencia à Áustria e não conseguia pertencer ao Brasil, como tanto sonhara. Da mesma forma, Aurach não se sentia pertencente à Alemanha e nem à Inglaterra, tudo lhes parecia estranho. Os danos para Zweig foram irreparáveis na vida, encontrou solução na morte. Já Sebald, tentou reparar os danos através dos ecos de outrem, e no capítulo “Max Aurach”, o protagonista termina em um hospital, com o rosto cor de cinza. “No mar tanta tormenta, e tanto dano, tantas vezes a morte apercebida! Na terra tanta guerra, tanto engano, tanta necessidade avorrecida! Onde pode acolher-se um fraco ser humano, onde terá segura a curta vida”. Os tormentos da guerra trouxeram danos ao narrador, ao protagonista Aurach, ao próprio autor Sebald e o escritor Stephan Zweig e esposa Lotte, as diferentes entidades de ambos os textos em estudo (narrador, personagem, autor e escritor) passaram a ver na devoção ao trabalho uma forma de fuga, trabalhos focados na arte: arte de pintar e arte de escrever, mas o sentimento de (des)pertencimento prevaleceu e na vida não puderam acolher-se e ter segura as suas vidas.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis. Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. São Paulo, SP: Martin Claret, 2000.

DINES, Alberto. **Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Org. Liv. Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende [Et al.] Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**- Trad. Alain François [Et al.] Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

SEBALD, W. G. **Os Emigrantes**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Entre pais e filhos: a questão da culpa pelo passado em Bernhard Schlink

Gabriela Gomes de Oliveira¹

Resumo: O passado histórico da Alemanha figura não apenas em textos de caráter biográfico, mas também em produções ficcionais que objetivam lançar um olhar singular para diversos fatos reais que penetram na história do país. Os horrores do Holocausto, das duas Guerras Mundiais, a questão da divisão da Alemanha e da Queda do Muro de Berlim são eventos que perpassaram, e ainda perpassam, várias gerações que vivenciaram ou que questionam o desenrolar desses acontecimentos. A literatura surge, deste modo, como um dos meios que promovem não somente a discussão sobre as diferentes formas de lidar com esse passado tão presente, mas antes como uma espécie de palco onde as várias histórias dessas inúmeras gerações ganham voz. Bernhard Schlink parece querer, por meio de uma viagem temporal pelos principais episódios da Alemanha contemporânea, proporcionar a reflexão sobre o passado alemão sob a perspectiva dos filhos e dos pais, dos perpetradores e das vítimas. Desta forma, pretendeu-se, aqui, analisar de maneira breve as relações entre gerações presentes em algumas obras do autor e compreender como elas impactam a questão da culpa e da superação do que se passou naquela sociedade.

Palavras-chave: Bernhard Schlink; Culpa; Memória; Passado.

Zusammenfassung: Die historische Vergangenheit Deutschlands scheint sich nicht nur in Texten mit biografischem Charakter zu bestrafen, sondern auch in Produktionen, die darauf abzielen, einen einzigartigen Blick auf einige reale Tatsachen zu werfen, die die Geschichte des Landes durchdringen. Die Schrecken des Holocaust, die beiden Weltkriege, die Frage der Teilung Deutschlands und des Falls der Berliner Mauer sind Ereignisse, die mehrere Generationen durchdrungen und immer noch durchdrungen haben, die den Verlauf dieser Ereignisse erlebt oder in Frage gestellt haben. Die Literatur tritt somit als eines der Mittel auf, das nicht nur die Diskussion über die verschiedenen Arten des Umgangs mit dieser gegenwärtigen Vergangenheit fördert, sondern als eine Art Bühne, auf der die verschiedenen Geschichten dieser unzähligen Generationen Gehör finden. Bernhard Schlink scheint, durch eine zeitliche Reise durch die wichtigsten Episoden des heutigen Deutschlands, über die deutsche Vergangenheit aus der Perspektive von Kindern und Eltern, Tätern und Opfern nachdenken zu wollen. Es war daher in dem folgenden Beitrag beabsichtigt, die Beziehungen zwischen den in einigen Werken des Autors vorhandenen Generationen kurz zu analysieren und zu verstehen, wie sie sich auf die Schuldfrage auswirken und das Geschehen in dieser Gesellschaft überwinden.

Schlüsselwörter: Bernhard Schlink; Schuld; Gedächtnis; Vergangenheit.

1. Introdução

O escritor austríaco Peter Henisch (1943–) descreve em seu romance autobiográfico *Die kleine Figur meines Vaters* (1975) sua relação, por vezes conflituosa, com seu pai Walter Henisch – fotógrafo da imprensa austríaca que fez carreira como correspondente de guerra e que apoiou com seu trabalho a propaganda nazista. Ao

¹ Mestre em Literaturas Modernas e Contemporâneas – com ênfase na Literatura de Língua Alemã – pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (Deutsche Philologie) da Universidade de Colônia, Alemanha, com bolsa de estudos fomentada pelo DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst). gabrielagomes.deoliveira@outlook.com

contar a vida de seu pai, os escritos de Peter parecem evocar um certo tom crítico; representando a figura do indivíduo que se opõe veementemente aos terrores da guerra, e ao mesmo tempo, um olhar sensível; representando, por sua vez, a figura do filho que discorda claramente da posição do pai durante a guerra, mas que não deixa de nutrir um sentimento de carinho por ele. Em certo momento da narrativa, Peter coloca em discussão a identidade do progenitor a fim de descobrir a sua própria. “Eu quero saber quem ele é, para que fique claro quem sou eu”². A busca da imagem paterna se dá, portanto, por meio de uma reflexão sobre o passado e a tentativa de compreensão do presente. Será o filho também culpado pelos atos cometidos por seu pai durante aquele período? Essa sensação de incerteza que ronda o protagonista parece ser a mesma que atravessou as gerações do pós-guerra.

O romance de Henisch, publicado trinta anos após o fim da Segunda Guerra Mundial e, por conseguinte, pertencente à uma das primeiras gerações posteriores aos fatos, poderia ser lido como um significativo ‘apelo’, sob o viés literário, de filhos e filhas que procuram por respostas. Também vários outros autores se ocuparam dessa temática, como é o caso de Peter Härtling em *Nachgetragene Liebe* (1980), Brigitte Schwaiger em *Wie kommt das Salz ins Meer?* (1977), Christoph Meckel em *Suchbild: über meinen Vater* (1980) e, mais recentemente, Bernhard Schlink. Jurista e escritor, Schlink nasceu em 1944 na cidade de Bielefeld, Alemanha, e ocupou o cargo de professor de direito e filosofia na Universidade Humboldt de Berlim. Escreveu livros de teor jurídico, mas se tornou conhecido após a publicação de seu romance “O leitor”, que ganhou adaptação fílmica em 2008 e foi traduzido para cerca de 45 línguas. Segundo Galle (2007, p. 153), o livro constitui “o maior êxito internacional da literatura alemã desde “O tambor de lata”, de Günter Grass, e “O perfume”, de Patrick Süskind”.

Pretende-se, aqui, realizar uma breve leitura de quatro obras de Bernhard Schlink a fim de identificar como são construídas as relações e os conflitos entre a geração que vivenciou períodos de guerra e de instabilidade política e social com aquela posterior. Para tanto, nos debruçaremos sobre a análise de “O leitor” (2009), originalmente publicado em 1995 com o título, em língua alemã, *Der Vorleser*, “A volta para casa” (2009), em alemão *Die Heimkehr* (2006), “O fim de semana” (2010), em alemão *Das Wochenende* (2008) e *Olga* (2018).

² *Ich möchte wissen, wer er ist, um mir darüber klar zu werden, wer ich bin* (HENISCH, 1975, p. 9).

2. Passado, presente e futuro: memórias que atravessam gerações

O romance “O leitor” (2009) se passa no período pós Segunda Guerra Mundial e conta a história do jovem Michael Berg, naquela época com 15 anos de idade, que vive um romance com Hanna Schmitz, 21 anos mais velha. Após o desaparecimento de Hanna, Michael, então estudante de Direito, volta a reencontrá-la no tribunal. Durante a Guerra, ela fora guarda de um campo de concentração e era julgada por ter contribuído para a morte de dezenas de pessoas. Conforme Ramalheira (2015, p. 373), Hanna representa a *Tätergeneration* (geração dos perpetradores) e Michael pertence à Geração de 1968, a primeira geração do pós-guerra, os *Nachgeborenen*. Pode-se dizer que o romance levanta questões sobre o conflito de gerações na Alemanha, uma vez que Michael se depara, por um lado, com Hanna e seus atos cometidos durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto guarda da SS, e, por outro, sente-se condenado “a ter de lidar com um passado recente traumático que envolvia toda uma nação” (RAMALHEIRA, 2015, p. 373).

Alguns tinham estado na guerra, entre eles dois ou três oficiais da Wehrmacht e um oficial da Waffen-SS, alguns poucos fizeram carreira no Judiciário ou na administração, tínhamos professores e médicos entre nossos pais, e um de nós tinha um tio que fora alto funcionário no Ministério do Interior. Estou certo de que eles, até onde lhes perguntamos e nos responderam, tinham coisas totalmente diferentes para contar (SCHLINK, 2009, p. 103).

O fragmento acima destaca o papel dos pais dos alunos do curso de Direito, o qual Michael frequentava. Os *Nachgeborenen* parecem se colocar em posição de questionamento, mas, ao mesmo tempo, precisam aprender a lidar com a “longa sombra do passado” nacional-socialista, de que fala Aleida Assmann (2011)³. De acordo com Correia (2014, p. 13-14), “os *Nachgeborenen*, encontram-se numa posição estrangeira dentro do grupo, onde se sentem, ainda assim, parte integrante e portadores da respectiva identidade”. O que as gerações posteriores deveriam fazer? O que as gerações anteriores poderiam ter feito? Essas questões, dentre outras, permeiam todo o romance. Hanna Schmitz, perguntada se não saberia agir de outro modo, libertando as

³ ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

prisioneiras da igreja onde ocorria o incêndio que lhes tirou a vida, respondeu ao juiz: “– O que o senhor teria feito?” (SCHLINK, 2009, p. 124).

Ao mesmo tempo me pergunto e já me perguntava naquela época: o que a minha geração deve e deveria fazer com as informações sobre as atrocidades do extermínio dos judeus? Não devemos ter a pretensão de compreender o que é incompreensível, não temos o direito de investigar, porque quem investiga, mesmo sem colocar nas perguntas as atrocidades, faz delas objeto da comunicação, não as tomando como algo diante do que só se pode emudecer, horrorizado, envergonhado e culpado. Devemos apenas emudecer, horrorizados, envergonhados e culpados? Com que fim? Não que o ímpeto da revisão e do esclarecimento em que eu tomara parte no seminário simplesmente tivesse se perdido. Mas uns poucos sendo julgados e condenados, e nós, a geração seguinte, ficando mudos, horrorizados, envergonhados e culpados – devia ser assim? (SCHLINK, 2009, p. 115-116).

Nesta passagem, percebe-se que as perguntas acima referidas possuem grande relevância ao longo do romance. Não é possível esquecer o passado, o que ocorreu com milhares de judeus e outros povos, durante o Holocausto, não cairá no esquecimento. Entretanto, o dilema alemão da *Vergangenheitsbewältigung*, isto é, “a reconciliação com o passado” ou “a superação do passado” parece presente na obra de Schlink. O próprio autor afirma em seu artigo *Die Bewältigung von Vergangenheit durch Recht* (2002) ser impossível o esquecimento definitivo do passado. Segundo ele, “daß in Deutschland [...] der findende Begriff der Vergangenheitsbewältigung gebräuchlich geworden ist, offenbart Sehnsucht nach Unmöglichem: das Vergangene so in Ordnung zu bringen, daß seine Erinnerung nicht mehr auf der Gegenwart lastet” (SCHLINK, 2002, p. 89)⁴. Quando Michael questiona o que sua geração poderia fazer frente aos perpetradores com quem, muitas vezes, possuem laços afetivos estreitos, e suas consequentes atitudes durante o regime nazista, nota-se que “a superação do passado” e a tentativa de “colocá-lo em ordem” parecem distantes de uma resolução permanente. O sentimento de culpa aparenta rondar as gerações dos *Nachgeborenen*, assim como a geração daqueles que mantêm relação de proximidade com indivíduos que realizaram ações políticas ou sociais consideradas criminosas, a exemplo de “O fim de semana” (2010).

⁴ na Alemanha [...] o conceito de *Vergangenheitsbewältigung* (de reconciliação com o passado ou superação deste) que tornou-se comum, revela um desejo pelo impossível: colocar o passado em ordem para que sua memória não pese mais sobre o presente. [minha tradução]

Jörg é um antigo integrante da *Rote Armee Fraktion* (Fração do Exército Vermelho), uma organização guerrilheira de extrema-esquerda, que foi fundada na antiga Alemanha Ocidental em 1970. Foi considerado um dos mais significativos grupos extremistas do Oeste Europeu, depois do fim da Segunda Guerra Mundial. Após passar 24 anos preso, acusado de terrorismo, Jörg recebe o indulto por essa acusação e deixa o presídio. Sua irmã Christiane reúne amigos em sua casa de veraneio, tendo como objetivo celebrar sua liberdade. O fim de semana marca o encontro dos antigos companheiros de luta que, com o passar dos anos, desistiram da revolução contra o Estado e seguiram carreira em diversas áreas. Os antigos membros da RAF parecem considerar o combate e os conflitos de outrora irrelevantes: “Sim, a luta foi uma bobagem. Mas tudo naquela época era bobagem. A Guerra Fria e os serviços secretos e a corrida armamentista e as guerras quentes na Ásia e na África... quando me lembro de tudo isso, me parece absurdo” (SCHLINK, 2010, p. 49).

Marko, entretanto, planeja que o retorno de Jörg desperte os ideais revolucionários da nova geração, sendo o único a insistir que o companheiro se posicione como o verdadeiro líder que havia sido antes da prisão. “Precisamos de alguém com autoridade. As outras pessoas da Fração do Exército Vermelho vieram de joelhos, chorando, e se arrependeram e se desculparam. Não é o seu caso. Você não faz ideia da autoridade que possui” (SCHLINK, 2010, p. 65). A insistência de Marko evoca, nos outros ex-membros da RAF, a rememoração do passado que muitos queriam esquecer. Mais uma vez, a temática da obra de Schlink gira em torno do “não esquecimento” do passado, tido como uma instância em constante retorno que, ao mesmo tempo, reflete a imagem do presente como uma “longa sombra” do que se passou. A revolução vivida por todos, mas apagada por muitos, abre espaço para outro conceito central nos romances do autor: *Gedächtnis* (memória).

Jedes individuelle Gedächtnis konstituiert sich in der Kommunikation mit anderen. Diese anderen sind aber keine beliebige Menge, sondern Gruppen, die ein Bild oder einen Begriff von sich selbst, d. h. ihrer Einheit und Eigenart haben und dies auf ein Bewußtsein gemeinsamer Vergangenheit stützen (ASSMANN, 1988, p. 10)⁵.

⁵ Cada memória individual é constituída em comunicação com os outros. Esses outros, no entanto, não são um conjunto arbitrário, mas grupos que têm uma imagem ou conceito de si mesmos, isto é, sua unidade e individualidade que se baseiam em uma consciência de um passado comum. [minha tradução]

O passado comum compartilhado pelos antigos companheiros de Jörg constitui a imagem que esse grupo tem de si e, com isso, sua própria “memória individual”. Dito de outra forma, o fato de terem participado juntos de ações revolucionárias fomenta a constituição de uma memória partilhada entre os componentes desse grupo. As experiências individuais de cada sujeito, entretanto, parece ser o que difere a recepção e o posicionamento diante dessa memória. Fato é que quase todos os ex-revolucionários optaram por viver longe da RAF e buscar outras maneiras de conduzir a vida, tal foi o impacto particular que essa “memória individual” causou a cada um deles. A experiência comum do grupo, que forma sua *individuelles Gedächtnis* indiscutível, segundo Assmann (1988, p. 13), se difere daquela compartilhada por toda uma nação, como é o caso, por exemplo, da Segunda Guerra Mundial e dos horrores do Holocausto. O autor ainda pontua que, além da “individual”, a “social” também figura entre as principais formas de memória: “sie untersucht die Gedächtnisfunktion der Kultur, ihrer Institutionen und symbolischen Formen” (ASSMANN, 1988, p. 13)⁶.

A função da memória em dada cultura pode ser percebida no romance no momento em que o filho de Jörg acusa os ex-revolucionários de não serem tão dessemelhantes aos antigos soldados da SS. “Vocês não são diferentes. Como seria? “Você se lembra de como matou aquela mulher durante o assalto ao banco? Ou o policial na fronteira? Ou o gerente do banco? Ou o presidente da confederação empresarial?” (SCHLINK, 2010, p. 178). O passado nazista da história alemã permanece na memória da sociedade e da cultura. A forma simbólica da memória se deu, nesse caso, na comparação entre os perpetradores do Holocausto e os do terrorismo do pós-guerra, demonstrando que o conceito de *Vergangenheitsbewältigung* (“a reconciliação com o passado”) retorna como temática constante. São visíveis as marcas deixadas pelo nacional-socialismo e pelo terrorismo da RAF na Alemanha, principalmente com relação a gerações posteriores. O filho de Jörg, por exemplo, revoltado com as atitudes do pai à época da revolução, expressa seus pensamentos e sentimentos de uma maneira que lembra o posicionamento dos *Nachgeborenen*.

Você é incapaz para sentir a verdade e a tristeza, tanto quanto os nazistas. Você não é um tiquinho melhor do que eles quando assassina pessoas que nunca lhe fizeram nada e depois não compreende o que

⁶ Ela examina a função de memória da cultura, suas instituições e formas simbólicas. [minha tradução]

fez. Vocês se rebelaram contra a geração de seus pais, a geração dos assassinos, mas se tornaram iguais (SCHLINK, 2010, p. 179).

O conflito geracional visto em “O leitor” (2009) reaparece em “O fim de semana” (2010), seguido da reflexão acerca do passado e do sentimento de culpa. A geração que vivenciou o peso deixado pelo Holocausto, não deveria, segundo o filho de Jörg, render-se a atos criminosos. Nesse momento, os fatos que permanecem na memória cultural da Alemanha, como é o caso dos horrores da Segunda Guerra Mundial, retornam sob a perspectiva das gerações futuras, representadas pelo jovem Ferdinand. Agora, o mal perpetrado é o terrorismo. A percepção do bem e do mal, por sua vez, figura entre um dos principais temas da obra “A volta para casa” (2009) que, como as demais, também retoma os embates entre a *Tätergeneration* e os *Nachgeborenen*. Peter Debauer, nascido em 1945, é bacharel em Direito e trabalha em uma editora de livros jurídicos. Quando criança, passava férias com os avós paternos na Suíça, onde se deparou com o manuscrito de um romance sobre um soldado que retorna da guerra.

Durante anos, ele imaginou que seu pai fora morto durante a Segunda Guerra Mundial, mas, ao buscar as origens do manuscrito, encontra a partir daí sua própria origem. Alguns momentos importantes da história da Alemanha, como o pós-guerra e a reunificação das Alemanhas com a Queda do Muro de Berlim, atravessam o romance. Conforme Ventura (2009, p. 140-141), a “própria existência civil [de Peter] é questionada, evidenciando a teia de mentiras tão comum de ser tecida em tempos de guerras, em que documentos e pessoas se perdem e as últimas podem desejar reaparecer com uma nova identidade”. A busca pelo passado e pela identidade intercala-se às diversas ocorrências históricas porque passou a Alemanha entre 1945 e 1990. As discussões sobre mentira e verdade, sobre bem e mal e sobre culpa ocupam também um lugar de destaque na obra.

Encontrei capítulos sobre o papel da verdade e da mentira, do racionalismo e da ideologia no direito. Muitas vezes as verdades eram mentiras e as mentiras eram verdades, e, quando o racionalismo destrói a visão de mundo de uma ideologia, está criado o espaço para outra. Isso não quer dizer que não existam verdades e mentiras, mas que nós criamos as verdades e as mentiras e que a decisão do que é verdadeiro e do que é falso precisa ser de responsabilidade individual. Também temos de decidir individualmente sobre o bem e o mal, e se o mal pode ficar vagando livremente ou se precisa agir a

serviço do bem. Isso não quer dizer que tomemos essa decisão livremente (SCHLINK, 2009, p. 258).

Ao entrar em contato com seu verdadeiro pai, que se tornou professor universitário e constituiu família – escondendo-se do seu passado na época da Segunda Guerra Mundial e do seu contato com importantes oficiais nazistas –, Peter lê um texto científico do pai e se depara com um discurso sobre o papel da verdade, da mentira, do bem e do mal na sociedade. O personagem infere que o pensamento do pai apenas serve para livrá-lo da culpa por ter desaparecido e o abandonado, e por ter participado da guerra ao lado dos nazistas. Essas oposições, vistas por outro ângulo, parecem acentuar a emergência da unificação alemã, eliminando o caráter bom ou mal do lado oriental e do lado ocidental para, enfim, alcançarem algo comum.

Não há espaço para bons e maus – para Ocidente e Oriente contrapostos e sim para a mais do que desejada, imprescindível reunificação, que pode dar sentido às existências individuais e reconstruirá o tecido social já fragmentado pela Segunda Guerra e renovadamente roto pela divisão drástica simbolizada pelo Muro (VENTURA, 2009, p. 143).

A partir dessas considerações, nota-se a necessidade de averiguar o papel que essas dicotomias desempenham nas obras de Schlink. A fragmentação emocional, social e territorial, em decorrência da Segunda Guerra Mundial, está presente nas três obras até aqui mencionadas. A divisão a que se refere a passagem acima, o Muro, é representada também pelo sentimento de culpa que rodeia as gerações seguintes à Guerra, assim como o conflito que separa gerações que viveram a violência do nazismo e dos grupos extremistas, como a RAF. A própria questão da identidade, ou da falta dela, presente em “A volta para casa” (2009), demonstra o impacto que um estado de exceção pode causar em uma sociedade, fazendo da memória um mecanismo de recuperação do passado e, ao mesmo tempo, de reflexão. A culpa pelo passado se faz presente nos pensamentos de Peter. “Mas percebi que tinha topado novamente com a regra de ferro, que não era outra coisa senão a disponibilidade de se expor ao mal como justificativa para aplicá-lo” (SCHLINK, 2009, p. 259). A regra de ferro, teoria cunhada pelo pai e professor, desperta no filho a sensação de repúdio. Ele culpa o pai por suas atitudes no passado, por suas mentiras e enganos, e desqualifica o conceito, dizendo que este apenas serve para justificar atos maldosos.

When we speak of guilt about the past, we are not thinking about individuals, or even organisations, but rather a guilt that infects the entire generation that lives through an era – and in a sense the era itself. Even after the era is past, it casts a long shadow over the present, infecting later generations with a sense of guilt, responsibility and self-questioning (SCHLINK, 2009, p. 1)⁷.

A culpa da qual fala Schlink pode ser notada no posicionamento de Peter, que acusa o pai, dentre outras coisas, de querer justificar seu envolvimento com o nazismo ao recorrer a conceitos e situações criados por ele. Também este sentimento permeia os atos de Michael, quando este se culpa pela afeição que carrega por Hanna e se questiona sobre o que sua geração deveria fazer com as informações sobre a época do Holocausto. Ferdinand, filho de Jörg, culpa o pai pelo assassinato de inocentes e por não sentir remorso por seus atos, enquanto membro da RAF. Sendo assim, a assertiva de Schlink sobre o peso da culpa pelo passado que atravessa gerações, parece ser comprovada em seus próprios romances. Os conflitos geracionais apontados até aqui aparentam ir de encontro com o que Galle (2007, p. 159) denomina “ruptura” entre gerações. Segundo ele, “a ruptura era necessária para que os fatos atrozes em sua inteira complexidade viessem à tona”, também “para estabelecer um discurso político que permitisse detectar e combater qualquer tendência suspeita a criar situações análogas ao “Terceiro Reich” ” e, finalmente, a ruptura “era necessária por razões da identidade coletiva daquela geração que não podia se basear na identificação com os atores de um crime de tal dimensão (GALLE, 2007, p. 159-160).

Em seu livro mais recente e ainda sem tradução para o português, *Olga* (2018), Bernhard Schlink parece trabalhar a questão da culpa ou da superação do passado por ângulos um pouco distintos. O romance narra a história de uma menina nascida em condições precárias, que logo cedo perde os pais. Decidida a se tornar professora primária, Olga luta contra os preconceitos de seu tempo e se dedica aos estudos. “Sie sah stolz aus; vielleicht war sie stolz, weil sie anders war als die anderen jungen Frauen und nicht nur Mode und Männer im Kopf hatte” (SCHLINK, 2018, p. 48)⁸. O romance se passa do final do século XIX até a década de 1970, de modo que a protagonista,

⁷ Quando falamos de culpa sobre o passado, não estamos pensando em indivíduos, ou mesmo em organizações, mas sim em uma culpa que infecta toda a geração que vive em uma era - e, em certo sentido, na própria época. Mesmo depois que a era é passada, ela lança uma longa sombra sobre o presente, infectando gerações posteriores com um sentimento de culpa, responsabilidade e autoquestionamento. [minha tradução]

⁸ Ela parecia orgulhosa; talvez ela estivesse orgulhosa, pois ela era diferente das outras mulheres jovens e não pensava apenas em moda e em homens. [minha tradução]

alcançando uma idade extremamente avançada, vivencia alguns dos principais acontecimentos da história alemã como o *Kaiserreich*, a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais e o pós-guerra.

“Olga” ist nicht nur die Biografie einer willensstarken Frau, sondern auch eine Liebesgeschichte und ein Stück Zeitgeschichte. Wir erfahren von Bismarck, Weimarer Republik und Nazizeit, von zwei Weltkriegen, Nachkriegsdeutschland und den folgenden Jahren. Mehrfach lässt Schlink Olga über die fatale deutsche Neigung sinnieren, “alles zu groß” zu wollen, ein brandgefährlicher Größenwahn, an dessen Ende zwei Weltkriege stehen (WOLFFHEIM, 2018)⁹.

A história de amor mencionada no fragmento acima se passa entre Olga e Herbert – um homem de espírito aventureiro e conquistador, que se dedica a várias expedições ao continente africano, passando pelas Américas e obcecado pelo continente de gelo: “Deutschlands Zukunft liegt in der Arktis. In dem Land, das dort jungfräulich unter Schnee und Eis schlummert [...], in der Nordostpassage, die Deutschland schnell und leicht mit seinen pazifischen Kolonien verbindet” (SCHLINK, 2018, p. 81)¹⁰. Herbert nunca retornou de sua aventura no Ártico e também nunca assumiu verdadeiramente seu romance com Olga, uma vez que sempre esteve envolvido em suas ambições patrióticas, seja no exército, em missões de guerra ou em viagens expedicionárias. Na ausência de seu amado, Olga dedica seu tempo a Eik; um jovem que ela conhece desde criança e por quem ela nutre um grande carinho. Assim como nas obras anteriores, os impactos da Segunda Guerra Mundial figuram também aqui. Dessa vez, entretanto, a guerra ainda está para acontecer. Quando Olga descobre que Eik se filiou ao NSDAP (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães) e que, logo depois, entrou para a SS (Schutzstaffel ou “esquadrilha de proteção”), sentiu-se atordoada e revoltada. “Sie hatte Eiks Interessen, seine Lektüren, seine Liebhabereien begleitet, hatte über alles mit ihm gesprochen, ihn bei allem gefördert. Und jetzt das?” (SCHLINK, 2018, p. 105)¹¹.

⁹ “Olga” não é apenas a biografia de uma mulher com força de vontade, mas também uma história de amor e um pedaço da história contemporânea. Aprendemos sobre Bismarck, a República de Weimar e a era nazista, sobre as duas guerras mundiais, a Alemanha do pós-guerra e os anos seguintes. Por várias vezes, Schlink faz Olga pensar sobre a tendência fatal alemã de querer “tudo muito grande”, uma megalomania ameaçadora, no final de duas guerras mundiais. [minha tradução]

¹⁰ O futuro da Alemanha está no Ártico. Na terra que repousa, virgem, sob neve e gelo [...], na passagem nordeste, que conecta a Alemanha de maneira rápida e fácil com suas colônias do Pacífico. [minha tradução]

¹¹ Ela acompanhara os interesses de Eik, suas leituras, seus passatempos, conversando com ele sobre tudo, encorajando-o em tudo. E agora isso? [minha tradução]

Pode-se dizer que o processo de “ruptura entre gerações” se passa de maneira inversa no romance, isto é, dessa vez é a geração anterior – a de Olga – que parece romper relações, criticar e questionar a geração posterior – a de Eik. Conforme Correia (2014, p. 11), “à medida que o tempo passa e os acontecimentos se sucedem uns aos outros, velhas gerações são substituídas por novas que devem assumir a história que lhes foi deixada pelos seus antecessores”. A substituição da geração ‘velha’ pela ‘nova’, neste caso, surge como a causa dos problemas. “Und auf den Ersten Weltkrieg würde ein Zweiter folgen” (SCHLINK, 2018, p. 106)¹². Enquanto Olga se posicionava contra a ideologia do Partido Nacional-Socialista, Eik – talvez aqui simbolizando toda a sua geração – acreditava que somente o nacional-socialismo poderia salvar o futuro da Alemanha. O desapontamento com relação as atitudes de seu antigo protegido e a invasão nazista no vilarejo onde morava levaram a protagonista a perder a audição. Olga estava surda. “Sie war froh, dass sie die Lautsprecher nicht mehr hörte. Mit den Nazis war die Welt laut geworden; sie hatten überall Lautsprecher installiert, aus denen immer wieder Reden und Märsche und Aufrufe dröhnten und einen verfolgten” (SCHLINK, 2018, p. 108)¹³. Os sons da vida parecem emudecer em tempos de guerra.

Anos após o conflito, Olga encontra trabalho como costureira em uma casa tradicionalmente alemã. Nesse momento da narrativa, Schlink retoma a questão dos posicionamentos das gerações na Alemanha a partir de 1945, mas, desta vez, será a geração posterior novamente a questionar a atitude da geração anterior. Um dos filhos da família que, ao longo do romance, se torna muito próximo a Olga, relata certas dificuldades ao lidar com o pensamento e com as repreensões dos pais: “Als ich älter wurde, begannen die Konflikte mit meinen Eltern, besonders mit meiner Mutter. Ich las die falschen Bücher und sah die falschen Filme, meine Freunde trugen Nietenhosen, rauchten und tranken Alkohol [...]” (SCHLINK, 2018, p. 127)¹⁴. É possível perceber um comportamento de revolta do filho frente às inúmeras críticas dos pais e, pela primeira vez até aqui, é a figura materna a ganhar destaque diante da situação conflituosa que se passava em meados de 1950.

¹² E a Primeira Guerra Mundial seria seguida por uma Segunda. [tradução minha]

¹³ Ela estava feliz por não ouvir mais os alto-falantes. Com os nazistas, o mundo ficou barulhento; instalaram alto-falantes em todos os lugares, dos quais discursos, marchas e chamadas eram ouvidos repetidas vezes e perseguiam. [minha tradução]

¹⁴ Quando eu fiquei mais velho começaram os conflitos com meus pais, especialmente com a minha mãe. Eu lia os livros errados, assistia aos filmes errados, meus amigos vestiam calça de brim, fumavam e consumiam álcool. [minha tradução]

Als ich auch noch begann, an Adenauers Politik zu zweifeln, für die meine Eltern Wahl um Wahl stimmten, und mit ihnen darüber reden wollte, sah mein Vater von mir die Welt angegriffen, die er nach den Furchtbarkeiten des Nationalsozialismus mit aufgebaut hatte (SCHLINK, 2018, p. 128)¹⁵.

Após ter vivido os horrores da Segunda Guerra, os pais temem que os filhos façam escolhas erradas e que o mundo por eles construído caia novamente em ruínas. De acordo com Assmann (1988, p. 16), existem diferentes formas e funções no ato de rememoração do passado. “Die einen erinnern sich an die Vergangenheit aus Angst, von ihrem Vorbild abzuweichen, die anderen aus Angst, sie wiederholen zu müssen” (ASSMANN, 1988, p. 16)¹⁶. É notório que, nesse caso, o medo permeia as lembranças da guerra vivida pelos pais. Estes que tentam controlar os atos e as escolhas dos filhos para que nada esteja ‘fora de lugar’, de modo a garantir que erros, como aqueles que ocasionaram tempos de terror, não se repitam. Os filhos, por sua vez, não se sentem livres para debater determinados assuntos e se posicionar diante das imposições de seus progenitores. Segundo Correia (2014, p. 54), “a culpa do passado não é individual ou de gerações, mas sim algo que se sente a um nível geracional”. Talvez seja interessante acrescentar também a ideia de ‘medo do retorno do passado’, uma vez que o posicionamento dos pais narrados em *Olga* (2018) parece pautar-se antes no receio de que o passado sombrio renasça a partir do ‘possível’ comportamento errôneo de seus filhos.

3. Algumas considerações

Adentrar o universo da *Vergangenheitsbewältigung* é uma tarefa ainda repleta de lacunas que talvez nunca sejam totalmente preenchidas. A obra de Bernhard Schlink, por vezes criticada no âmbito da germanística dentro e fora da Alemanha, oferece um material literário e jurídico amplo que nos permite obter uma visão – mesmo que a do próprio autor, pertencente à geração pós 1945 – sobre relações familiares e sociais, construídas sob o viés da ficção, que atravessam diferentes momentos turbulentos da história da Alemanha. Conforme Galle (2007, p. 163), “para o resto do mundo, a

¹⁵ Quando eu também comecei a duvidar das políticas de Adenauer, a favor das quais meus pais votaram nas eleições, e queria conversar com eles sobre isso, meu pai me viu atacando o mundo que ele havia ajudado a construir após os horrores do nacional-socialismo. [minha tradução]

¹⁶ Alguns se lembram do passado por medo de abandonar seu exemplo, outros por medo de repeti-lo. [minha tradução]

Alemanha tem que assumir a herança da culpa. Isso provavelmente exige uma reconsideração das relações intergeracionais [...]”. Reconsiderar as relações intergeracionais parece convergir com o que Schlink nos apresenta nas quatro obras aqui brevemente analisadas. Não se trata, porém, de reconsiderar no sentido outro que a palavra permite, ou seja, arrepender-se ou recuar. Mas sim, apoiar-se no terceiro sentido do verbo: repensar. Assim como Peter Henisch rememorou, por meio de seu romance autobiográfico, toda a vida de seu pai, a fim de tentar compreender seus atos, Michael, de “O leitor”, Ferdinand, de “O fim de semana” e Peter, de “A volta para casa” necessitaram reconsiderar (repensar) as ações de seus pais e de pessoas próximas para confrontá-las.

Dessa maneira, a *Tätergeneration* e a geração dos *Nachgeborenen* parecem em constante conexão; seja porque são relações entre pais e filhos, seja porque são relações de um indivíduo nascido em uma geração que questiona o posicionamento da geração anterior – ou posterior, como no caso de Olga e Eik. A “reconsideração das relações intergeracionais”, portanto, surge como um fio condutor que transmite os acontecimentos sociais, históricos e políticos de um tempo a outro, fazendo com que o passado sempre se encontre com o presente e com o futuro. Repensar as relações entre gerações parece traçar um caminho para a ininterrupta presença do passado, uma vez que sempre haverá uma geração predecessora e uma seguinte na evolução da sociedade. “Aber was geschehen ist, ist geschehen. Das Vergangene ist unerreichbar und unveränderbar” (SCHLINK, 2002, p. 89)¹⁷.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, A. **Der lange Schatten der Vergangenheit: Erinnerungskultur und Geschichtspolitik**. München: Verlag C. H. Beck, 2006.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Unicamp, 2011.
- ASSMANN, Aleida. **Vier Formen des Gedächtnisses**. Erwägen-Wissen-Ethik, Paderborn, v. 13, n. 2, p. 183-190, 2002.
- ASSMANN, Jan. Kollektives Gedächtnis und kulturelle Identität. In: ASSMANN, Jan; HÖLSCHER, Tonio (Orgs.). **Kultur und Gedächtnis**. Frankfurt: Suhrkamp, 1988. p. 9-19.
- CORREIA, Susana dos Santos. **“Was hätten Sie denn gemacht?”: pós-memória, culpa e perdão em Der Vorleser, de Bernhard Schlink, e Liliths Töchter, de Anselm Kiefer**. 2014.

¹⁷ Mas o que aconteceu está feito. O passado é inatingível e imutável. [minha tradução]

84 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparatistas) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.

GALLE, Helmut. Entre vítima e perpetrador: a identidade problemática da segunda geração pós-Shoá na Alemanha e a proposta do romance *O leitor*, de Bernhard Schlink. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, DF, n. 29, p. 153-164, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323127092010>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

HÄRTLING, Peter. **Nachgetragene Liebe**. Munique: Luchterhand, 1980.

HENISCH, Peter. **Die kleine Figur meines Vaters**. Berlim: Fischer, 1975.

MECKEL, Christoph. **Suchbild: über meinen Vater**. Hamburgo: Claassen, 1980.

RAMALHEIRA, Ana Maria Pinhão. A iliteracia moral e política no Terceiro Reich e o trauma da memória do Holocausto na geração do pós-guerra: “Der Vorleser” [O Leitor] (1995) de Bernhard Schlink. **Forma Breve**, [S.l.], n. 12, p. 371-388, 2015. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/3690>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

SCHLINK, Bernhard. **A volta para casa**. Tradução de Claudia Abeling. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SCHLINK, Bernhard. **Das Wochenende**. Zurique: Diogenes, 2008.

SCHLINK, Bernhard. **Der Vorleser**. Zurique: Diogenes, 1995.

SCHLINK, Bernhard. Die Bewältigung von Vergangenheit durch Recht. In: SCHLINK, Bernhard. **Vergangenheitsschuld und gegenwärtiges Recht**. Frankfurt: Suhrkamp, 2002. p. 89-123.

SCHLINK, Bernhard. **Die Heimkehr**. Zurique: Diogenes, 2006.

SCHLINK, Bernhard. **Guilt about the Past**. Toronto: House of Anansi Press, 2009.

SCHLINK, Bernhard. **O fim de semana**. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SCHLINK, Bernhard. **O leitor**. Tradução de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SCHLINK, Bernhard. **Olga**. Zurique: Diogenes, 2018.

SCHWAIGER, Brigitte. **Wie kommt das Salz ins Meer?** Wien: Paul Zsolnay, 1977.

VENTURA, Susana Ramos. A guerra acabou ontem e Berlim fica logo ali: dois passeios pelo muro. **Ciências e Letras**, Porto Alegre, n. 46, p. 139-147, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://seer3.fapa.com.br/index.php/arquivos/article/view/14>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

WOLFFHEIM, Franziska. **Neues von Bestsellerautor Bernhard Schlink: Ach, Olga, du bist zu gut!** Spiegel Online, [S.l.], jan. 2018. Disponível em: <http://www.spiegel.de/kultur/literatur/bernhard-schlink-was-taucht-olga-der-neue-roman-des-der-vorleser-autors-a-1187283.html>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

Vozes da prisão de Hohenschönhausen: testemunhos da opressão na República Democrática Alemã

Elcio Loureiro Cornelsen¹

Resumo: Nossa contribuição visa a um estudo de relatos de testemunho sobre a repressão política na República Democrática Alemã, publicados na obra *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten* (2007; “Presos em Hohenschönhausen. Prisioneiros da Stasi relatam”), organizada por Hubertus Knabe. Embora o subtítulo *Stasi-Häftlinge berichten* (“Prisioneiros da Stasi relatam”) sinalize para o leitor de que estaríamos diante de relatos *stricto sensu*, a leitura revela outro quadro, em que nos deparamos também com outros tipos textuais, não apenas relatos, como diários ou mesmo textos ficcionais, sendo que vários deles foram adequados à publicação em termos de tamanho e, portanto, revelam-se fragmentários. A leitura dos 24 textos que compõem o livro *Gefangen in Hohenschönhausen* nos permitiu sistematizá-los a partir de sete aspectos que, em certa medida, nos pareceram recorrentes: chegada; descrição; condições; interrogatório; tortura; cela; reflexão. As marcações textuais passam pela questão da autoria e da construção do foco narrativo, em que aquele que esteve preso se instaura como um “eu” (*ich*) ao falar de si e da carga psicológica a qual fora exposto, mas que às vezes muda para a primeira pessoa do plural “nós” (*wir*) ao narrar sobre algo da ordem do coletivo dentro da prisão, e também para a terceira pessoa do singular (*er, es, sie*), ao simular objetividade em descrições ou mesmo ao narrar sobre terceiros. Cabe lembrar que os 24 textos contam com um elemento paratextual que informa o leitor sobre cada autor, logo abaixo do título do texto, em texto destacado em itálico: nome; ano de nascimento e, se for o caso, de falecimento; idade no momento da detenção; profissão; motivo alegado para a detenção; período em que esteve recluso na prisão de Hohenschönhausen. Através do estudo de textos memorialísticos e autobiográficos, cujos autores, na maioria, perseguidos e ex-presos políticos, relatam sobre suas vivências sob o regime totalitário do SED – *Sozialistische Einheitspartei Deutschlands* (Partido Socialista Unitário da Alemanha), pudemos vislumbrar as diversas formas e fases da violência praticada pelo Estado contra possíveis dissidentes políticos na República Democrática Alemã.

Palavras-chave: *Gefangen in Hohenschönhausen*; Hubertus Knabe; testemunho; literatura de cárcere; República Democrática Alemã.

Zusammenfassung: Unser Beitrag widmet sich einer Studie über die Zeugnisberichte von der politischen Unterdrückung in der Deutschen Demokratischen Republik, die im Buch *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten* veröffentlicht wurden, dessen Herausgeber Hubertus Knabe ist. Obwohl der Untertitel „Stasi-Häftlinge berichten“ für den Leser signalisiert, dass es um Berichte darin geht, trifft man auch andere Textsorten, nicht nur Zeugnisberichte, sondern auch Tagebücher oder sogar fiktionale Texte, wobei viele an der Veröffentlichung angepasst wurden, was die Länge besagt, und deshalb fragmentarisch sind. Die Lektüre der 24 Texte, die im Buch *Gefangen in Hohenschönhausen* veröffentlicht wurden, erlaubten uns deren Systematisierung in sieben spezifischen Kategorien, die sich gewisserweise ständig wiederholten: Ankunft; Beschreibung; Umstände; Verhör; Folter; Zelle; Nachdenken. Die Textmarkierungen hängen sowohl von der Autorschaft als auch von der Erzählperspektive ab, indem derjenige, der inhaftiert war, in ein Ich-Erzähler beim Reden von sich selbst und vom psychologischen Ballast investiert, dem er ausgesetzt wurde. Manchmal ändert sich die

¹ Doutor em Literatura Moderna Alemã (Neuere Deutsche Literatur) pela Freie Universität Berlin (1999); Professor Associado IV da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais; Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. cornelsen@letras.ufmg.br

Erzählperspektive vom Ich- zum Wir-Erzähler beim Bericht über etwas Kollektives innerhalb des Gefängnisses, wie auch zum Er-, Sie oder Es-Erzähler bei der anscheinenden Objektivierung in Beschreibungen oder sogar beim Erzählen über Dritten. Es soll daran erinnert werden, dass die 24 Texte ein paratextuelles Element haben, das den Leser über jeden Autor informiert und gleich nach dem Titel des Textes auf hervorgehobene Weise vorkommt: Name; Geburtsjahr; gegebenfalls Todesjahr; Jahresalter bei der Inhaftierung; Beruf; behauptete Begründung zur Inhaftierung; Inhaftierungszeitraum in Hohenschönhausen. Durch die Studie über die erinnerungsorientierten und selbstbiographischen Texte, dessen Autoren, in ihrer Mehrheit politisch Verfolgte und ehemalige Gefangene, über ihre Erlebnisse unter dem Joch des totalitären Regimes der SED – Sozialistische Einheitspartei Deutschlands berichten, konnten die verschiedenen Arten und Phasen der Unterdrückung und Gewalt festgestellt werden, die im jenen Staat gegen mutmasslich politische Andersdenkende verübt wurden.

Schlüsselwörter: *Gefangen in Hohenschönhausen*; Hubertus Knabe; Zeugnis; Gefangenenliteratur; Deutsche Demokratische Republik.

1. Introdução

Há exatos 30 anos, em 09 de novembro de 1998, iniciava-se um processo que modificaria o contexto geopolítico europeu e mundial: a Queda do Muro de Berlim seria não só o marco inicial da chamada *Wende* (“guinada”, “virada”), que conduziria a Alemanha a sua reunificação política, formalizada em 03 de outubro de 1990, como também imporia um rearranjo de forças para uma fase pós-Guerra Fria. Até os dias de hoje, sente-se as reverberações de tal acontecimento.

Em decorrência desse fato, que acarretou o fim da República Democrática Alemã e a consequente integração dos “novos Estados” à jurisprudência constitucional da República Federal da Alemanha, passou-se a vislumbrar o passado no “Estado de Operários e Camponeses” (*Arbeiter- und Bauernstaat*, no jargão oficial). Sem dúvida, para além da questão geopolítica, a Reunificação Alemã representou também uma “renegociação” identitária, que superasse as cisões expressas em termos como *Wessis* (ocidentais) e *Ossis* (orientais), de acordo com aspectos geográficos, ou mesmo em termos pejorativos como *Besserwessis* (ocidentais sabichões) ou *Jammerossis* (orientais lamuriosos) (JÜRGS; ELIS, 2006). Não é por acaso que, nas décadas seguintes, o “muro mental” sobreviveu ao muro de concreto que, aliás, também era designado, de acordo com os sentidos geográficos e ideológicos, como *Schandmauer* (muro da vergonha) e *antifaschistischer Schutzwall* (parede de proteção antifascista). E tal “muro mental” é resultado de décadas de divisão e de desenvolvimento com estruturas sociais, econômicas e políticas diversas.

Nesse sentido, não surpreende que tenham surgido entre os ex-cidadãos da RDA sentimentos opostos em relação ao passado em seu antigo país: de um lado, ventos

nostálgicos passaram a soprar, à medida que as expectativas criadas em torno da Reunificação Alemã não se concretizaram na prática, gerando um fenômeno que passou a ser designado de *Ostalgie*, uma nostalgia pelo lado oriental; de outro lado, vozes silenciadas por décadas de controle e repressão de Estado procuraram se fazer ouvir, evidenciando “memórias subterrâneas” (POLLAK, 1989, p. 5), que, de acordo com Michael Pollak, são aquelas pautadas por “lembranças traumatizantes, lembranças que esperam o momento propício para serem expressas” (POLLAK, 1989, p. 5).

Nossa contribuição visa a trazer essas vozes “antiostálgicas”. Para isso, tomamos por base a obra *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten* (2007; Presos em Hohenschönhausen. Prisioneiros da Stasi relatam), organizada por Hubertus Knabe.

Em termos metodológicos, realizamos a leitura e a análise dos 24 relatos que compõem a obra *Gefangen in Hohenschönhausen* e adotamos como fundamentação teórica o Testemunho na tradição anglosaxã e germânica, em que conceitos como “trauma” (*Trauma*), “testemunha” (*Zeugnis*), “sobrevivente” (*Überlebende*) etc. são centrais. Sem dúvida, pensadores como Giorgio Agamben, em *O que resta de Auschwitz*, contribuíram para se pensar o sobrevivente de eventos traumáticos, marcados por atos de violência, em toda sua complexidade, tanto como *testis* (a testemunha ocular que presencia o ato), quanto como *superstes* (aquele sobre o qual recai a violência e, portanto, que é atravessado pela dor) (AGAMBEN, 2008). A seguir, apresentaremos os procedimentos de pesquisa e alguns exemplos de relatos de ex-presos políticos da RDA.

2. Os relatos de presos de Hohenschönhausen: um estudo

Conforme mencionado anteriormente, a obra *Gefangen in Hohenschönhausen* é composta por 24 relatos de ex-presos políticos, cujo tamanho gira em torno de 10 a 20 páginas cada um. Além disso, embora o subtítulo *Stasi-Häftlinge berichten* (“Prisioneiros da Stasi relatam”) sinalize para o leitor de que estaríamos diante de relatos *stricto sensu*, impressão reforçada também pela frase *Erschütternde Zeugnisse von den Opfern eines Unrechtsregimes* (“Testemunhos comoventes de vítimas de um sistema de injustiça”) na contra-capá (KNABE, 2007), a leitura revela outro quadro, em que nos deparamos também com outros tipos textuais, não apenas relatos, como diários ou mesmo textos ficcionais, sendo que vários deles foram adequados à publicação em termos de tamanho e revelam-se fragmentários.

Não obstante o fato de reconhecer que, via de regra, se trata de textos documentais, escritos por ex-presos de Hohenschönhausen somente após sua libertação, Hubertus Knabe chama à atenção, no prefácio, para o fato de que dois ex-presos, os escritores Jürgen Fuchs e Klaus Kordon, optaram por apresentar suas vivências traumáticas em forma de ficção (KNABE, 2007, p. 18-19). Podemos incluir, ainda, o texto de Matthias Melster por seu caráter ficcional. A seguir, a título de exemplo, apresentaremos detalhes sobre nossa análise da referida obra, embora não possamos, no espaço do presente artigo, apresentar nossas observações referentes a cada um dos textos, isoladamente.

A leitura dos textos nos permitiu sistematizá-los a partir de sete aspectos que, em certa medida, nos pareceram recorrentes: chegada; descrição; condições; interrogatório; tortura; cela; reflexão.

Quadro de Sistematização Temática

OS ANOS 40							
Nome	chegada	descrição	condições	interrogat.	tortura	cela	reflexão
Walter Pritzkow	X		X		X		
Heinrich George			X				
Heinz-Joachim Schmidtchen		X					
Ewald Ernst	X	X	X	X	X	X	X
Hermann Becker		X	X	X	X	X	
Arno Wend	X	X	X	X	X	X	X
Dieter Rieke	X	X	X	X	X	X	X
OS ANOS 50							
Nome	chegada	descrição	condições	interrogat.	tortura	cela	reflexão
Kurt Müller		X	X	X	X	X	X
Erica Wallach		X	X	X	X	X	X
Fritz Sperling	X	X	X	X	X	X	X
Horst Fichter	X	X	X	X	X	X	X
Karl Wilhelm Fricke		X	X	X	X	X	
Walter Janka	X	X	X	X	X	X	X
Hans-Eberhard Zahn	X	X	X			X	X

OS ANOS 60							
Nome	chegada	descrição	condições	interrogat.	tortura	cela	reflexão
Dieter Borkowski		X	X	X		X	X
Klaus Schulz-Ladegast	X	X	X	X		X	X
Wolfgang Kockrow	X	X	X			X	X
Sigrid Paul	X	X	X	X	X	X	X
OS ANOS 70							
Nome	chegada	descrição	condições	interrogat.	tortura	cela	reflexão
Klaus Kordon		X	X	X	X	X	X
Jürgen Fuchs	X	X	X	X		X	X
OS ANOS 80							
Nome	chegada	descrição	condições	interrogat.	tortura	cela	reflexão
Waltraud Krüger	X	X	X	X		X	X
Vera Lengsfeld	X	X	X	X		X	X
Freya Klier	X		X	X			X
Matthias Meister			X			X	X

Através da sistematização dos aspectos recorrente pudemos chegar a várias conclusões com relação ao modo como tais aspectos se estabelecem nos diversos textos, seja pela incidência com que ocorrem, seja pela variedade que pode ser detectada na avaliação dos relatos a partir da distribuição dos textos em décadas, conforme eles foram organizados por Hubertus Knabe no livro.

A chegada à prisão de Hohenschönhausen aparece como um dos temas em 15 dos 24 textos analisados. Para muitos, a chegada marcou o momento não só do primeiro contato com o sistema carcerário da RDA, como também das primeiras humilhações, como podemos identificar na seguinte passagem do *Tagebuch einer Haft* (“Diário de uma prisão”), de Freya Klier, anotada em 25 de janeiro de 1988:

No Lada claro, entre os agentes, através do trânsito matutino das pessoas indo para o trabalho, construo uma grade em torno de mim. Na cela de triagem o já há muito conhecido – despir tudo, entregar tudo, deixar que olhem em seu ânus. Humilhações que, certamente, ainda sobreviverão ao século. Quando me entregam um agasalho de treino e meias brancas até o joelho, me recuso a vestir essas coisas e reclamo da ordem prisional. A funcionária da Stasi reage em um tom estridente, eu permaneço irredutível. Ela deixa o recinto. Quando ela

volta, me autoriza a vestir novamente minhas próprias coisas, com exceção da meia-calça (Klier, 2007, p. 335²).

Como podemos observar, a chegada à prisão e à “cela de triagem” (*Effektenkammer*³) marcam o momento em que a pessoa é expropriada de sua liberdade e dos traços de sua vida cotidiana, e lhe é imposta toda uma ordem do sistema carcerário que regia o universo de Hohenschönhausen. As primeiras humilhações no contexto da chegada à prisão, para muitos, não se traduziam em palavras de maneira plena. No caso de Freya Klier, notamos que o processo de retirada de suas roupas e de revista corporal é reduzido a expressões que não se articulam como frases desenvolvidas e detalhadas. Além disso, o tempo verbal é o tempo presente, em parte por se tratar de um texto que se estrutura como um diário, composto de nove apontamentos referentes ao período de 25 de janeiro a 02 de fevereiro de 1988, período esse em que Freya Klier esteve detida, e em parte por produzir um efeito de presentificação da vivência traumática daqueles dias passados na prisão.

Por sua vez, a estratégia narrativa de descrição é outro aspecto recorrente, com uma ocorrência que atinge 20 dos 24 textos analisados. Em geral, é o momento em que o preso suspende a narrativa de si, em primeira pessoa, para uma narrativa em terceira pessoa, onde espaços e pessoas são descritos, muitas vezes, com detalhes: corredores, celas, salas de interrogatório, espaços reservados para o banho de sol, mas também outros presos, carcereiros, agentes, oficiais que conduziam os interrogatórios, advogados, promotores, juízes etc. A título de exemplo, citamos a seguir uma passagem do relato *Im Karzer* (“No cárcere”), de Hermann Becker:

Ao todo, em janeiro [de 1949], estive 23 dias no cárcere. Primeiramente, fui conduzido a uma cela bem estreita, que não media mais do que um metro de largura e, seguramente, não mais do que dois metros de comprimento. Na parede de trás encontrava-se uma

² *Im hellen Lada, zwischen den Organen durch den morgendlichen Berufsverkehr errichte ich ein Gitter um mich. In der Effektenkammer das Altbekannte – alles ausziehen, alles abgeben, sich ins Arschloch gucken lassen. Demütigungen, die wohl noch das Jahrhundert überdauern werden. Als mir ein blauer Trainingsanzug und weiße Kniestrümpfe gereicht werden, weigere ich mich, die Sachen anzuziehen, und poche auf die Anstaltsordnung. Die Stasi-Beamtin bekommt einen schrillen Ton, ich werde störrisch. Sie verläßt den Raum. Als sie zurückkommt, darf ich mit Ausnahme der Strumpfhosen meine Privatsachen wieder anziehen. [minha tradução]*

³ Optamos por traduzir o termo *Effektenkammer* por “cela de triagem”, ao invés de “câmara de efeitos” ou mesmo “câmara de haveres”, expressões que não fariam sentido em português. Tratava-se, exatamente, do primeiro espaço de confinamento em Hohenschönhausen: antes de ser conduzido à cela, todo preso passava por uma cela de triagem, gradeada, na qual lhe eram tirados seus pertences, onde também se fazia a revista do corpo, após o preso se despir, e este recebia, então, novas roupas, em geral, agasalhos do tipo esportivo (cf. ERLER, 2008, p. 61).

tábua estreita para se sentar, fora isso não havia nada mais além do chão de cimento e das paredes nuas, nenhum catre e também nenhum balde para servir de latrina. Na porta da cela, havia o costureiro visor. Esse cárcere se encontrava ainda no andar das celas. Fiquei aqui algumas horas, e então fui levado para outro cárcere (BECKER, 2007, p. 73⁴).

O terceiro aspecto que nos pareceu recorrente nos relatos analisados diz respeito às condições de higiene, alimentação, locomoção, isolamento, enfim, de confinamento na prisão, que foram tema de 23 dos 24 textos. No relato *Das Verhör* (“O interrogatório”), de Arno Wend, encontramos a seguinte passagem, na qual são apresentadas as péssimas condições numa cela sem ventilação:

Eu cheguei à primeira cela interna, a qual não tinha nenhuma janela e nenhum respiradouro. O ar no recinto estava totalmente viciado e acrescido de gases clorídricos. Esse gás se formava através do lançamento de cloro no balde que servia como latrina. A cela era frequentemente ocupada por quatro ou mais prisioneiros. Devido à falta do respiradouro formava-se água em condensação no teto da cela, que pingava o dia todo. O catre de madeira, sem qualquer cobertura, estava constantemente úmido. Do mesmo modo que as vestes, as quais se decompunham sob o efeito da umidade e dos gases clorídricos (WEND, 2007, p. 79⁵).

Antes de prosseguirmos, devemos ressaltar que, nos últimos dois exemplos, trata-se de relatos de ex-presos políticos – Hermann Becker e Arno Wend – que estiveram detidos em Hohenschönhausen, nos anos 1940, ainda sob administração soviética do NKWD.

Já o quarto aspecto recorrente nos relatos diz respeito aos interrogatórios aos quais os presos eram submetidos em condições desumanas, por horas a fio, sem pausa para alimentação e descanso. Além de representarem o momento em que o preso descobria as alegações por parte do Estado para sua detenção, os interrogatórios

⁴ [...] Insgesamt war ich im Januar [1949] 23 Tage im Karzer. Zunächst kam ich in eine ganz schmale Zelle, die etwas über einen Meter breit und sicher nicht viel länger als zwei Meter war. An der Rückwand befand sich ein schmales Brett zum Sitzen, sonst war nichts da als Zementboden und die kahlen Wände, keine Pritsche und auch kein Kübel. In der Zellentür war das übliche Guckloch. Dieser Karzer befand sich noch in dem Zellengeschoß. Hier blieb ich einige Stunden, dann wurde ich in einen anderen Karzer gebracht. [minha tradução]

⁵ Ich kam in die erste innere Zelle, die kein Fenster und keine Belüftung hatte. Die Luft im Raum war vollkommen verbraucht und durch Chlorgase angereichert. Dieses Gas entwickelte sich durch die Einstreuung von Chlor in die Kübel. Die Zelle war ständig mit vier oder mehr Häftlingen belegt. Durch die fehlende Belüftung bildete sich an der Zellendecke Kondenswasser, das den ganzen Tag über abtropfte. Die Holzpritsche, ohne jeden Belag, war laufend naß. Ebenso die Bekleidung, die unter Einwirkung der Nässe und der Chlorgase langsam zerfiel. [minha tradução]

aparecem em vários relatos não apenas como parte do cotidiano da prisão de Hohenschönhausen – uma *Untersuchungshaft*, “prisão de averiguação” –, mas também como momentos em que o preso era submetido a torturas psicológicas, seja por meio de ameaças e intimidações, seja pelo modo de tratamento que levava o preso, após longas horas, à exaustão, como é o caso da seguinte passagem do relato *Im Haftkrankenhaus* (“No hospital da prisão”), de Waltraud Krüger:

[...] Nem todos conseguiam suportar os interrogatórios brutais do Serviço de Segurança de Estado. No caso de meu marido também pensei que, um dia, ele assinaria. Eu tive de ter claro para mim que eu prejudicaria minha família, caso eu prosseguisse com a minha greve de fome. Passou o dia 17 de junho. Física e mentalmente eu me tornei um trapo. Sob o efeito das drogas e da adaptação permanente não havia restado muito de mim. Eu fui colocada todo dia sobre uma balança. Agora eu ainda pesava apenas 42 kg (KRÜGER, 2007. p. 314⁶).

Em decorrência dos interrogatórios aos quais fora submetida e dos medicamentos prescritos por um psiquiatra durante o período em que esteve no hospital da prisão de Hohenschönhausen, Waltraud Krüger teve a mente e o corpo debilitados. Aliás, o “motivo” para a sua detenção no período de 09 de junho a 14 de julho de 1980 foi o fato de Waltraud Krüger ter requerido, várias vezes, o direito de viajar para fora da RDA. Ela, o marido e a filha de quinze anos foram presos, e algo que fica implícito na passagem citada, o temor de que o marido “assinasse” algum documento, se refere justamente a uma declaração oficial de que eles não teriam intenção de se transferir para a Alemanha Ocidental e que permaneceriam na RDA, cuja assinatura foi exigida insistentemente pelos agentes da Stasi durante os interrogatórios.

Em termos da enunciação, podemos considerar que, *a posteriori*, ou seja, levando em consideração o distanciamento temporal e o estado atual em que não se encontrava mais sob o efeito de drogas ou mesmo da exaustão prolongada pelos interrogatórios frequentes, Waltraud Krüger conseguiu formular de modo coerente suas vivências traumáticas durante o período de prisão em Hohenschönhausen.

⁶ [...] Den brutalen Verhören der Staatssicherheit war nicht jeder gewachsen. Auch bei meinem Mann rechnete ich eines Tages mit der Unterschrift. Ich mußte mir klar darüber werden, daß ich meiner Familie schadete, wenn ich meinen Hungerstreik fortsetzte. Der 17. Juni war vorbei. Körperlich und seelisch war ich zum Wrack geworden. Unter den Drogen und der ständigen Anpassung war nicht viel von mir übriggeblieben. Ich wurde täglich auf eine Waage gestellt. Jetzt wog ich nur noch 42 Kilo. [minha tradução]

Com relação ao tema “tortura”, recorrente nos textos que compõem a coletânea *Gefangen in Hohenschönhausen*, podemos extrair algumas conclusões a partir do quadro: em primeiro lugar, constata-se uma ocorrência do referido tema em 13 dos 24 textos analisados; em segundo lugar, nota-se que 11 das 13 ocorrências aparecem em relatos de ex-presos que passaram pela prisão nas décadas de 1940 e 1950.

Isso nos leva a concluir que, sobretudo nas décadas de 1940, ainda sob administração soviética do NKWD – “Comissariado Popular para Assuntos Internos” –, e de 1950, já sob administração do MfS – *Ministerium für Staatssicherheit* (“Ministério de Segurança do Estado”) – a partir de 1951 com o *Staatssicherheitsdienst* (“Serviço de Segurança do Estado”, a “Stasi”), as práticas de tortura – inclusive física – eram mais comuns em Hohenschönhausen. Como bem aponta Hubertus Knabe no prefácio à obra *Gefangen in Hohenschönhausen*, predominavam nas primeiras duas décadas a violência física e a privação do sono como técnicas de tortura, enquanto que, a partir da década de 1960, tais “técnicas” foram substituídas por métodos psicológicos de tortura, inclusive pesquisados e ensinados na Academia do Serviço de Segurança do Estado em Potsdam, nos arredores de Berlim (KNABE, 2007, p. 13). Aliás, isso nos faz lembrar a cena inicial do filme *Das Leben der Anderen* (2006; *A vida dos outros*), de Florian Henckel von Donnersmarck, na qual ocorre uma apresentação simultânea de um interrogatório em Hohenschönhausen, intercalado por uma aula na referida “Academia”, na qual o professor e capitão da Stasi Gerd Wiesler procura transmitir a seus “alunos”, aspirantes a agentes, os métodos psicológicos de tortura.

A título de exemplo do tratamento do tema “tortura” em textos publicados na coletânea *Gefangen in Hohenschönhausen*, selecionamos passagens de dois textos referentes a detenções em décadas diferentes. No primeiro deles, *Opfere Dich für die Partei!* (“Sacrifique-se pelo partido!”), Fritz Sperling relata sobre torturas sofridas ainda no período em que a prisão já era administrada pelo NKWD, em 1951:

Sim, eu também fui espancado (por algum tempo). Eu fui agredido com socos, fui espancado com uma régua tetra de aço. Durante a tomada de um depoimento, fui colocado em uma mesa. O chefe do grupo de interrogadores soviéticos, que estava sentado ao meu lado, agrediu-me com a mão espalmada, em curtos intervalos, na região do coração doente, apesar de que ele sabia que eu havia tido por duas vezes um enfarte. Essa tortura durou por volta de duas horas. Na mesma noite, me golpearam nas tíbias, me espancaram com socos na cabeça, e me arrancaram cabelos. Durante outro interrogatório, conduzido sem testemunhas, quebraram meus óculos. A armação de

platina foi roubada. Durante outros interrogatórios isolados eu tive de ficar de pé por horas a fio. As mãos eram mantidas algemadas junto às costas, e eu tive de voltar o rosto para a parede. Sempre fui conduzido algemado aos interrogatórios no período de 1951 a 1952, apesar de que não havia nem possibilidade nem intenção de fuga (SPERLING, 2007, p. 149-150⁷).

Notamos que essa passagem do relato de Fritz Sperling, ex-presidente do Partido Comunista da Alemanha na Alemanha Ocidental, que esteve preso em Hohenschönhausen no período de fevereiro de 1951 a outubro de 1953 (SPERLING, 2007, p. 147), se constrói como um depoimento distanciado no tempo, sem que haja uma presentificação das cenas de tortura, pois o tempo de narração é sempre o pretérito.

O segundo exemplo do tratamento do tema “tortura” foi extraído do relato *Mauer durchs Herz* (“Muro através do coração”), de Sigrid Paul, no qual, diferentemente do exemplo anterior, em que Fritz Sperling relata sobre torturas físicas sofridas durante o período de confinamento, aparece outro “método”: a privação de sono:

Nos primeiros catorze dias, como quase todos os prisioneiros políticos de minha época, fui submetida a uma permanente privação de sono. Isso significava que, também durante a madrugada, a luz permanecia acesa direto. A cada dez minutos uma sentinela fazia o controle olhando pelo visor. Essa privação de sono levou necessariamente ao enfraquecimento da concentração, e foi justamente isso que os interrogadores haviam tido em mente. Eu também senti após alguns dias, muito nitidamente, que eu não me opunha mais ao conteúdo dos protocolos de depoimento e assinava tudo o que fosse colocado na minha frente (PAUL, 2007, p. 239⁸).

⁷ Ja, ich wurde auch geschlagen (zeitweilig). Ich wurde mit Fäusten geschlagen, ich wurde mit einem Vierkantenlineal aus Stahl geschlagen. Bei einer Vernehmung wurde ich an den Tisch gesetzt. Der Chef der sowjetischen Vernehmerbrigade, welcher neben mir saß, schlug mir mit der flachen Hand in kurzen Intervallen an das kranke Herz, obwohl er wußte, daß ich zweimal einen Herzinfarkt hatte. Diese Tortur dauerte etwa zwei Stunden. In derselben Nacht wurde mir gegen Schienbeine getreten, mit den Fäusten auf den Kopf geschlagen, und es wurden mir Haare ausgerissen. Bei einer anderen Vernehmung, die ohne Zeugen durchgeführt wurde, wurde mir die Brille zerschlagen. Die Platinfassung der Brille wurde gestohlen. Bei anderen Einzelvernehmungen mußte ich stundenlang stehen. Die Hände waren mit Handschellen auf dem Rücken gefesselt, und ich mußte das Gesicht zur Wand drehen. Zu den Vernehmungen wurde ich im Jahre 1951 bis 1952 überhaupt nur gefesselt geführt, obwohl keinerlei Flugmöglichkeit und keine Fluchtabsicht bestanden. [minha tradução]

⁸ In den ersten vierzehn Tagen war ich, wie fast alle politischen Häftlinge zu meiner Zeit, einem permanenten Schlafentzug ausgesetzt. Das bedeutete, daß auch in der Nacht das Licht durchgehend an war. Circa alle zehn Minuten schaute ein Posten zur Kontrolle durch den Spion. Dieser Schlafentzug führte unweigerlich zu Konzentrationsschwäche, und auf die hatten es die Vernehmer abgesehen. Auch ich spürte nach einigen Tagen sehr deutlich, daß meine Kräfte nachließen. Am Ende war ich so ausgelaugt, daß ich mich dem Inhalt der Vernehmungsprotokolle nicht mehr widerstetzte und alles unterschrieb, was mir vorgelegt wurde. [minha tradução]

De maneira semelhante ao relato de Fritz Sperling, o relato de Sigrid Paul, detida em Hohenschönhausen no período de março a agosto de 1963 e, novamente, de outubro de 1963 a agosto de 1964, sob a acusação de “cumplicidade na fuga da República” (*Beihilfe zur Republikflucht*) (PAUL, 2007, p. 239), é narrado no pretérito, sem a presentificação da tortura, da mesma forma, a partir de um depoimento distanciado no tempo.

Por sua vez, o penúltimo aspecto diz respeito às reflexões ou descrições de celas, traços recorrentes em vários relatos que compõem a obra *Gefangen in Hohenschönhausen*, com ocorrências em 20 dos 24 textos analisados. Enquanto espaço de confinamento e isolamento, na maioria das vezes, individual, no caso da prisão de Hohenschönhausen, onde, em geral, se evitava o contato entre prisioneiros, a cela se tornava também espaço a partir do qual se refletia sobre a própria vivência traumática na prisão. A título de exemplo, selecionamos uma passagem do relato *Ein Schachspiel mit ungleichen Figuren* (“Um jogo de xadrez com peças assimétricas”), de Klaus Schulz-Ladegast:

[...] Equipado dessa maneira, fui trancado em uma cela. Pela primeira vez eu ouvi esse aferrolhar e fechar, essa dupla garantia de estar fechado à chave, esse encarceramento, que é mais uma exclusão: Você está excluído da vida. [...] (SCHULZ-LADEGAST, 2007, p. 218⁹)

Conforme podemos constatar pela passagem citada do texto de Klaus Schulz-Ladegast, preso aos 20 anos de idade sob acusação de “espionagem” (*Spionage*), detido em Hohenschönhausen no período de agosto a novembro de 1961 (SCHULZ-LADEGAST, 2007, p. 216), a cela e o fato de nela estar encerrado significam, dentro do complexo carcerário, o espaço diminuto de exclusão, em que o autor considera a privação de liberdade como uma exclusão da própria vida.

Essa relação com o espaço de confinamento em uma cela é tratada, de maneira paradoxal, numa passagem do relato *Ein Grab voller Erinnerungen* (“Uma cova repleta de recordações”), de Erica Wallach:

Quando ficava cada vez mais e mais frio – só havia aquecimento nos corredores –, mesmo os mais intensos exercícios físicos, que naturalmente eram proibidos, não podiam me aquecer. Mas eu amava

⁹ [...] So ausgestattet wurde ich in eine Zelle geschlossen. Zum ersten Mal hörte ich dieses Verriegeln und Einschließen, diese verdoppelte Versicherung des Verschlössenseins, dieses Einsperren, das mehr ein Aussperren ist: Du bist ausgesperrt vom Leben. [...] [minha tradução]

o meu lar, e quando, por motivos desconhecidos, eu fui transferida por alguns dias para uma cela maior e iluminada, de cujas janelas o céu azul olhava para dentro, eu me senti arruinada; eu não podia suportar mais o céu azul e o ar puro da liberdade, fui acometida de um terrível lumbago e só me revigorei quando me trouxeram de volta ao meu amado porto seguro – a cela número 61 (WALLACH, 2007, p. 135¹⁰).

O paradoxo dessa cena se situa no fato de que Erica Wallach (1922-1993), filha adotiva de Noel Field, cidadão norte-americano que fora preso como “agente” (Agent), e que, em decorrência disso, estivera detida em Hohenschönhausen no período de agosto de 1951 a setembro de 1952 (WALLACH, 2007, p. 130), chama de “meu lar” a cela diminuta, sem contato externo, nem mesmo com a natureza. Com isso, ela potencializa o estado de ânimo na prisão, tal o nível de desumanização a que fora submetida. Não é por acaso que o título de seu relato seja *Ein Grab voller Erinnerungen*, pois é como se a cela 61, ao mesmo tempo, fosse o “lar” e a “sepultura”, da qual, anos mais tarde, ela tenta dar conta através da memória.

Por fim, o último aspecto recorrente nos relatos que compõem a obra *Gefangen in Hohenschönhausen* diz respeito ao modo como vários de seus autores apresentam reflexões e digressões ao longo dos textos enquanto estratégias narrativas. A título de exemplo, elegemos uma passagem do relato *Das Kellergefängnis* (“A prisão nos porões”), de Walter Janka (1914-1994), diretor da Editora *Aufbau* (“Construção”), de Berlim Oriental, que esteve preso em Hohenschönhausen no período de dezembro de 1956 a julho de 1957 (JANKA, 2007, p. 174):

Quem ainda não percorreu o caminho através de porões como esses, não consegue imaginar os prejuízos psíquicos, aos quais os prisioneiros estão submetidos, antes de serem envolvidos na dissimulação dos interrogadores. A gente precisa tê-lo percorrido, a fim de entender porque os prisioneiros, quase sempre, prestam declarações. A maioria faz isso imediatamente ou após poucos dias (JANKA, 2007, p. 177-178¹¹).

¹⁰ Wenn es kälter und kälter wurde – Heizung gab es nur auf den Gängen –, konnten mich selbst die wildesten Turnübungen, die natürlich verboten waren, nicht erwärmen. Aber ich liebte mein Heim, und als ich aus unbekannten Gründen für ein paar Tage in eine große, helle Zelle verlegt wurde, durch deren Fenster der blaue Himmel hereinschaute, kam ich völlig herunter; ich konnte den blauen Himmel und die frische Luft der Freiheit nicht mehr ertragen, bekam einen scheußlichen Hexenschuß und lebte erst wieder auf, als man mich in meinen geliebten sicheren Hafen – Zelle Nummer 61 – zurückbrachte. [minha tradução]

¹¹ Wer den Weg durch solche Keller noch nicht gegangen ist, kann sich keine Vorstellung von den psychischen Belastungen machen, denen die Häftlinge ausgesetzt sind, bevor sie von den Vernehmern in die Mache genommen werden. Man muß ihn gegangen sein, um zu begreifen, warum Häftlinge fast immer Geständnisse ablegen. Die meisten tun es sofort oder nach wenigen Tagen. [tradução minha]

Como podemos constatar na passagem acima, Walter Janka reflete sobre as implicações psicológicas que o cotidiano da prisão e sua topografia acarretam aos prisioneiros. Além da narrativa em terceira pessoa do singular, nota-se também a presentificação do próprio ato de percorrer os corredores da ala de celas nos porões da prisão até atingir as salas de interrogatórios no andar superior. Podemos considerar também que, com a afirmação de que seria necessário ter passado por aquela situação – quer dizer, percorrido o mesmo caminho na situação de prisioneiro – para poder conceber as implicações psicológicas, Walter Janka chama à atenção para a singularidade de seu testemunho.

Além disso, reflexões também podiam ser despertadas não apenas em relação à topografia da prisão, como no caso de Walter Janka, mas também com relação às pessoas que integravam o grupo daqueles que estavam a serviço do regime do SED e mantinham o sistema prisional da RDA em funcionamento. No relato *Lebendig begraben* (“Sepultado vivo”), Horst Fichter (1928*), preso aos 23 anos de idade por ter criticado o regime do SED, e que esteve detido em Hohenschönhausen no período de junho a setembro de 1952 (FICHTER, 2007, p. 154), reflete sobre as funções das sentinelas e carcereiros ao vigiarem permanentemente os presos:

Os tapetes e passadores grossos diante das celas estavam justamente colocados para que a gente não ouvisse as sentinelas da Stasi, que a cada um ou dois minutos tinham de olhar através do visor na porta das celas. Quando um desses tipos da Stasi, alto e magrelo, estava de serviço, ele sempre se fazia anunciar com o som arrastado de suas botas. Mas que profissão era essa, por horas, dia após dia, olhar através de um visor na porta, para ver se um dos detentos se enforcou, se um prisioneiro não observou a proibição de não se deitar, ou se um teve o “atrevimento” de pegar no sono. Mas que nível intelectual possuem esses guardas miseráveis, o que pensam esses parasitas da Stasi quando vêem essas pessoas torturadas e esfoladas?! (FICHTER, 2007, p. 157¹²).

Os diversos exemplos aqui apresentados com relação aos aspectos que, em nossa leitura dos 24 textos que compõem a obra *Gefangen in Hohenschönhausen*, se revelaram recorrentes – chegada, descrição, condições, interrogatório, tortura, cela, e

¹² Die dicken Teppiche und Läufer vor den Zellen waren deshalb ausgelegt, damit man die Stasi-Posten, die alle ein bis zwei Minuten durch das Guckloch in der Zellentür schauen mußten, nicht hören sollte. Wenn so ein großer, hagerer Stasi-Heini Dienst hatte, meldete der sich mit seinen knarrenden Stiefeln immer an. Was war das nur für ein Beruf, stundenlang, tagaus, tagein, durch so einen Türspion zu gucken, ob sich einer der Gefangenen aufgehängt, ob sich ein Häftling verbotenerweise hingelegt hat oder ob einer die „Freiheit“ besitzt und eingeschlafen ist. Was haben diese erbärmlichen Aufpasser nur für ein geistiges Niveau, was denken diese Stasi-Parasiten, wenn sie diese gequälten, geschundenen Menschen sehen?! [minha tradução]

reflexão – foram extraídos de textos que se apresentam como relatos de testemunho *stricto sensu*. As marcações textuais passam pela questão da autoria e da construção do foco narrativo, em que aquele que esteve preso se instaura como um “eu” (*ich*) ao falar de si e da carga psicológica a qual fora exposto, mas que às vezes muda para a primeira pessoa do plural “nós” (*wir*) ao narrar sobre algo da ordem do coletivo dentro da prisão, e também para a terceira pessoa do singular (*er, es, sie*), ao simular objetividade em descrições ou mesmo ao narrar sobre terceiros. Cabe lembrar que os 24 textos contam com um elemento paratextual que informa o leitor sobre cada autor, logo abaixo do título do texto, em texto destacado em itálico: nome; ano de nascimento e, se for o caso, de falecimento; idade no momento da detenção; profissão; motivo alegado para a detenção; período em que esteve recluso na prisão de Hohenschönhausen, como nos dois exemplos a seguir:

Walter Pritzkow (1924-2004) era estudante e ingressou em agosto de 1945, aos 21 anos de idade, no Campo Especial soviético, por “porte de arma” (PRITZKOW, 2007, p. 23¹³). [grifo original]

Karl Wilhelm Fricke (1929) era jornalista e, após seu sequestro em Berlim Ocidental, esteve na prisão de averiguação do Serviço de Segurança do Estado de abril de 1955 a junho de 1956 (FRICKE, 2007, p. 16414). [grifo no original]*

Paratextos desse tipo estabelecem relações com os textos, como não poderia deixar de ser, e, de certo modo, condicionam a leitura no sentido de que, ao longo do texto, ocorrem passagens que não só ratificam o conteúdo do paratexto, como também esclarecem mais detalhadamente as informações apresentadas apenas de modo sucinto. Além disso, o livro *Gefangen in Hohenschönhausen* inclui, ao final, uma seção intitulada “Die Autoren” (“Os autores”), contendo informações detalhadas de cada um deles (KNABE, 2007, p. 366-376).

Considerações finais

O estudo desenvolvido sobre o testemunho da repressão e da violência na República Democrática Alemã, documentado na obra *Gegangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*, permitiu-nos alcançar os seguintes objetivos: estudar as especificidades dos órgãos de repressão e encarceramento na RDA; estudar a

¹³ *Walter Pritzkow (1924-2004) war Student und kam im Augsut 1945 mit 21 Jahren wegen “Waffenbesitz” in das sowjetische Speziallager. [minha tradução]*

enunciação e a constituição discursiva dos relatos de testemunho; estudar aspectos que revelavam na própria linguagem a vivência de eventos traumáticos, inscritos na própria enunciação.

Através do estudo de textos memorialísticos e autobiográficos, cujos autores, na maioria, perseguidos e ex-presos políticos, relatam sobre suas vivências sob o regime totalitário do SED – *Sozialistische Einheitspartei Deutschlands* (Partido Socialista Unitário da Alemanha), pudemos vislumbrar as diversas formas e fases da violência praticada pelo Estado contra possíveis dissidentes políticos na República Democrática Alemã.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha. Homo Sacer III*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- BECKER, Hermann. Im Karzer. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 68-78.
- ERLER, Peter; KNABE, Hubertus. *Der verbotene Stadtteil: Stasi-Sperrbezirk Berlin-Hohenschönhausen*. 3. ed., Berlin: Jaron-Verlag, 2008.
- FRICKE, Karl Wilhelm. *Die Technik der psychologischen Einkreisung*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 164-173.
- JANKA, Walter. *Das Kellergefängnis*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 174-191.
- JÜRGS, Michael; ELIS, Angela. *Typisch Ossi – Typisch Wessi. Eine längst fällige Abrechnung unter Brüdern und Schwestern*. München: Goldmann, 2006.
- KLIER, Freya. *Tagebuch einer Haft*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 334-347.
- KNABE, Hubertus. *Die Autoren*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 366-376.
- KNABE, Hubertus. *Einführung*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 7-19.
- KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007.
- KRÜGER, Waltraud. *Im Haftkrankenhaus*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 303-317.
- PAUL, Sigrid. *Mauer durchs Herz*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 236-247.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>; Acesso em: 08 jul. 2009.

PRITZKOW, Walter. *Die Einlieferung*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 23-36.

SCHULZ-LADEGAST, Klaus. *Ein Schachspiel mit ungleichen Figuren*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 216-227.

SPERLING, Fritz. *Opfere Dich für die Partei!*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 147-153.

WALLACH, Erica. *Ein Grab voller Erinnerungen*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 130-146.

WEND, Arno. *Das Verhör*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 79-87.

Tonio Kröger: o estranho que em mim habita.

Helano Jader Cavalcante Ribeiro¹

Murilo Neves dos Santos²

Resumo: Falar sobre as relações que se estabelecem entre o estrangeiro e a sociedade que oferece asilo, as que possuem o poder da hospitalidade, parece urgente. Principalmente quando pensamos nas crescentes ondas migratórias que têm levado muitos emigrantes e refugiados para países emergentes, tais como Brasil, na América do sul, e Alemanha, na Europa. No entanto, sempre abordamos a temática, ou sempre que a temática é abordada, observamos um padrão: falar sobre o tema a partir da perspectiva do portador da linguagem de direito excluindo do debate a visão do principal agente das ações migratórias; o estrangeiro. O presente artigo surge como uma tentativa de análise e caracterização desse sujeito estranho a partir da teoria de Jacques Derrida (2003), que afirma ser essa entidade, e somente ela, a portadora da *questão* dos valores agregados nas relações que se estabelecem entre estranho e sociedade. Além disso, segundo Jean Luc-Nancy (2006), experimentar a chegada do estrangeiro é apreciar uma série de mudanças nos nossos comportamentos morais, e por isso tão importante que esta entidade deixa de ser o tema e passa a ser o foco. Para que tal análise fosse realizada, tomamos como objeto de leitura a novela escrita por Thomas Mann (1971), intitulado *Tonio Kröger* (1902). O enredo da obra e a própria construção do personagem Tonio nos proporciona uma visão interessante da problemática que é a do sujeito, que apesar de pertencer e estar inserido no contexto social que invade, questiona as convenções morais vigentes a partir da sua própria constituição de *estranho*, e por isso, é constantemente classificando como um estrangeiro social. A partir disso, buscamos traçar caracterizações identificadas no personagem com o intuito de responder as seguintes perguntas: quem é esse estrangeiro? E o que faz dele um estrangeiro? Chegando então a tripla caracterização deste indivíduo social, do estranho que em mim habita.

Palavras-chave: estrangeiros; mestiço; parricídio; intruso.

Abstract: Talking about the relations that are established between the foreigner and the asylum society, those with the power of hospitality, seems urgent. Especially when we think of the rising migratory waves that have driven many emigrants to emerging countries such as Brazil in South America and Germany in Europe. However, whenever we approach the theme, or whenever the theme is approached, we observe a pattern that is to talk about the theme from the perspective of the holder of the language of law excluding from the debate the view of the main agent of migratory actions; the foreigner. The present article emerges as an attempt to analyze and characterize this strange subject from Jacques Derrida's (2003) theory, which claims to be this entity, and only her, the bearer of the "question" of aggregate values in the relations established between them. Strange and society. Moreover, according to Jean Luc-Nancy (2006), experiencing the arrival of foreigners is enjoying a series of changes in our moral behaviors, and so important that this entity is no longer the theme and becomes the focus. For such an analysis to be performed, we took as reading object the tale written by Thomas Mann (1971), entitled *Tonio Kröger* (1902). The plot of the work and the very construction of the character Tonio gives us an interesting insight into the problematic that is the subject, which despite belonging and

¹ Professor Adjunto de Língua Alemã Universidade Federal de Pelotas. hjcribeiro@gmail.com

² Graduando em dupla licenciatura em Português e Alemão, na Universidade Federal de Pelotas. murilo_edu_9@hotmail.com

being inserted in the social context that invades, questions the prevailing moral conventions from his own constitution of stranger, and so it is constantly classifying as a social alien. From this, we seek to trace characterizations identified in the character in order to answer the following questions: who is this foreigner? And what makes him a foreigner? Then comes the triple characterization of this social individual, of the stranger that dwells in me.

Keywords: foreigners; mixed race; parricide; intruder.

1. Introdução

O presente artigo surge com intuito de realizar uma análise da novela, escrita por Thomas Mann, *Tonio Kröger* publicada pela primeira vez em 1903. O enredo da obra nos apresenta relatos experiências do narrador Tonio, acerca da estranheza que sente perante a cultura imposta pela sociedade à qual está inserido e também uma série de questionamentos constantes, levantados pelo próprio narrador, na busca da razão de não se sentir pertencente a ela. Por isso, primeiramente, buscamos validar esse autoquestionamento acerca da sua própria natureza a partir da perspectiva de Jacques Derrida (2003) ai afirmar que o estrangeiro é sempre o portador da primeira questão.

O segundo passo foi responder a seguinte pergunta: “Mas o que é, e o que torna alguém um estrangeiro?” Para a primeira parte da pergunta temos a seguinte resposta: Estrangeiro, Estranho, *Extrêus*, *Etrangér*, *Xénus*, *Ausländer* ou *Queer*; à primeira vista, um conjunto de palavras distintas em seu processo de formação morfológica e aplicação sintática, provenientes das mais variadas línguas modernas e antigas já utilizadas no globo, mas com o único objetivo semântico: Classificar indivíduos, portadores de características físicas e culturais que não são pertencentes ao habitat do senso comum. A definição semântica do termo estrangeiro em si já é bem didática e Derrida (2003), através da perspectiva filosófica, aprofunda a discussão não se preocupando com o *quem*, mas com o *como* se estabelecem as relações entre intruso e sociedade, em outras palavras o *resultado* da presença, intrusão/hospitalidade, do estrangeiro e para o estrangeiro. Ainda para ele, a figura do estrangeiro, sendo o portador da questão, não apenas se questiona, mas também surge para “contestar a autoridade do chefe, (...), do poder da hospitalidade, do *hosti-pet-s*” (DERRIDA, 2003, p. 3) e é isso que faz dele um estranho, um parricida.

Na obra literária *Tonio Kröger*, o narrador questiona a cultura do patriarca, assim, há um rompimento, no rompimento há um assassinato, nesse mesmo assassinato, um

parricídio. E não são só os questionamentos que emergem do narrador sobre si e sobre a sociedade na qual está inserido que o tornam um parricida, mas também sua bissexualidade, homoafetividade, característica que foge completamente do padrão imposto pela sociedade heteronormativa à qual ele está sujeito, e isso nos leva ao terceiro e último tópico neste trabalho a ser debatido: a tripla caracterização do indivíduo estranho.

Por mais que Derrida (2003) aponte para diversas formas de identificar o sujeito estranho e o tratamento a ele concedido pela sociedade que o hospeda, sua tarefa como filósofo não é apontar *quem* e *quando* um indivíduo se torna um estrangeiro, mantendo essa entidade no abstrato, sua tarefa é conceder ao leitor e ao seu pré-conhecimento o exercício de tirá-lo do plano das ideias e materializá-lo em seu contexto, uma caracterização que só é possível, neste trabalho, através da fala de Jean Luc-Nancy (2006):

El intruso no es otro que yo mismo y el hombre mismo. No otro que el mismo que no termina de alterarse, a la vez aguzado y agotado, desnudado y sobreequipado, intruso en el mundo tanto como em sí mismo, inquietante oleada de la ajeno, *conatus* de uma infinidade excrement. (NANCY, 2006, p.45)

NANCY (2006), generaliza a entidade do sujeito estranho e ao generalizá-la ele abre diferentes possibilidades de imagens para lermos o objeto. O filósofo defende a ideia de que, não importa a entidade, mesmo aquele que seja efetivamente pertencente ao núcleo social à qual está inserido e portador da mesma língua de direito, em todos os sentidos semânticos aplicáveis da questão, que em um determinado momento se enxergue deslocado socialmente e sendo-lhe imposto uma série de deveres e obrigações pertencentes às regras morais e éticas da sociedade que o hospeda, torna-se um estrangeiro social.

As presentes teorias supracitadas concedem margens à uma leitura ainda não realizada da novela *Tonio Kröger* (1902), do autor Thomas Mann, e nos levam a apontar características no narrador que efetivamente o tornam um marginal perante a sociedade que representa e descreve em seus relatos, uma visão amplamente debatida que parte de si e para si. No entanto, antes de nos aprofundarmos em questões essenciais para a construção da teoria aqui proposta, analisemos os conteúdos formais da obra.

2. Thomas Mann

Falar sobre Thomas Mann e sua vasta historiografia literária não parece ser uma tarefa hercúlea aos olhos inocentes, ainda hoje, sua obra e biografia têm suscitado debates e discussões no meio acadêmico e literário fomentando novas leituras e criando palcos para novas discussões sobre objetos que se supunha até então, lidos criticamente das mais variadas formas e na mais vasta fortuna crítica. No entanto, a sociedade modifica-se e com essa constante metamorfose, surgem novos questionamentos acerca das posturas que convencionamos como coletivas e que às vezes parecem necessitar de respostas imediatas. Retomar aquilo que aparentemente foi dado como encerrado, parece tornar-se uma ferramenta essencial para ler a história da nossa constituição como civilização à contrapelo, com o único objetivo de tentar elucidar aquilo que mais precisa de resposta no momento, neste trabalho a biografia e a obra de Thomas Mann parecem ser exemplos disso.

Nascido em 6 de junho de 1875 no seio de uma das grandes famílias aristocráticas da época, os típicos representantes do clichê alemão, o autor, Thomas Mann, é inserido em um ambiente onde a responsabilidade moral, a disciplina e os valores burgueses predominam acima das relações e desejos pessoais. Lübeck, cidade de nascimento do autor, antiga capital da liga Hanseática, cercada pelos seus altos muros medievais e pelo Rio Trave, tornou-se objeto de apresentação em muitas das novelas do autor, principalmente a analisada neste artigo, e também os dramas reais das relações privadas. Os pais de Mann, Johan Heinrich Mann e Julia da Silva Bruhns, tornam-se o primeiro objeto de debate aqui elencado.

Julia, ou “Dodô” (MISKOLCI, 2003, p.108), de origem alemã, portuguesa e indígena, uma típica latina ou sulista, nasceu no Brasil e aos 8 anos foi mandada pelo pai para Alemanha. O pesquisador Miskolci ainda aponta diversas características que marcavam a personalidade da mulher, tais como a personalidade forte e exuberante, uma forte paixão pela arte e pela sensualidade da vida, predileção pela música e pelos autores românticos, além de claro, o curioso fato de ela “Pintar os cabelos claros de preto para realçar sua origem latina.” (MISKOLCI, 2003, p.107) Em contra ponto a essa figura singular e dionisiaca temos a figura paterna e o *ethos* alemão.

Como já supracitado os Mann, antepassados do autor, faziam parte do que Miskolci (2003) vem denominar de “*Bürgertum*”, classe social que se opõe a “*bourgeoisie*”, que não são os novos ricos, mas aqueles que desde sempre estiveram

inseridos em uma casta social abastada e por isso, tornam-se exemplos do que deveria ser a elite social que predominava seus negócios na vida comercial, baseando-se em uma grande disciplina e responsabilidade moral. O pai Johann Heinrich Mann, futuro senador da cidade de Lübeck e a figura típica do alemão tradicional, torna-se para o autor uma persona que despertava respeito pelo medo e não pela afetividade, busca em Julia a parceira para a vida. Uma união que não passou despercebida pela sociedade de Lübeck, onde Julia da Silva Bruhns não era bem vista.

Aparentemente temos duas figuras completamente opostas em uma relação, o *ethos* alemão e o *afrodisíaco* sulista, nas figuras da mãe e do pai do autor. Cabe lembrar, de acordo com o pesquisador Miskoci, que o “*Mischling*” não gozava de prestígios na Alemanha da época:

A miscigenação é um conceito originário do vocabulário da sexualidade do final do século XIX, o qual não expressa apenas o temor da sexualidade inter-racial, mas principalmente o seu resultado possível, o declínio da população. [...] Acreditava-se que a miscigenação era um malefício por afastar as pessoas de suas origens. (MISKOLCI, 2003, p. 49)

Os frutos dessa controversa união para os padrões do século XIX, além de Thomas Mann (1875), são o também escritor Luiz Heinrich Mann (1871), Julia Löhr (1877) e Carla Mann (1881) e o temporão Viktor Mann (1890). E não são apenas os filhos do casal os herdeiros dessa relação, a obra maniana por si só é um fruto do casamento inter-racial onde são amplamente representados o medo do exótico quando se contrapõe o *ethos* alemão na constituição do enredo e dos personagens. Outro fator marcante na biografia do autor é a sua bissexualidade, na adolescência, com o surgimento do primeiro amor.

Já na escola e inserido em todos os contextos sociais possíveis da burguesia, as crianças Mann e consequentemente Thomas Mann, acabaram por criar novos laços e estabelecer relações com outras pessoas. Um desses novos nomes que aparecem na biografia da família é o de Armin Martens, embora alguns anos mais novo, despertou no autor o amor na forma mais simples e, de acordo com o pesquisador Miskolci (2003), tal sentimento se manifestava em Mann da mesma forma que os pensamentos sobre “tocar violino, ou escrever poesia”, a quem dedicou muitos dos versos produzidos, porém, Armin tinha interesse na irmã de Mann, Julia, e apesar de não rejeitar os poemas, tratava-os meramente com humor e condescendência. Em cartas, Thomas Mann

revela a intensidade dos seus sentimentos pelo garoto Martens: “Ele foi meu primeiro amor [...] amei-o de verdade, e sentimento mais terno, mais eufórico, se bem que doloroso, nunca experimentei em toda a minha vida.” (MANN *apud* Hamilton, 1985, p.57)

Thomas Mann, um autor bissexual, retrata a temática da homoafetividade em suas obras de forma pura e artística, porém direta e clara, sem nenhum artifício que deixe o leitor confuso sobre os sentimentos que os narradores possuem por seus objetos de interesse. Em muito as próprias experiências afetivas que Mann nutriu por outros homens, são representadas nas suas obras mais comentadas, tais como: *Tonio Kröger* (1903), *A morte em Veneza* (1912) e *A montanha mágica* (1924).

A virada do século XIX para o século XX na Europa, significou para a literatura e a ciência, como um todo, um período efervescente de mudanças propostas pelo iluminismo e modernismo, e umas dessas mudanças foram sem dúvidas, excepcionalmente na Alemanha pré Segunda Guerra Mundial, um período em que grupo de homossexuais, segundo Michel Foucault (2013), começou a seguir lentamente na luta da constituição da imagem da comunidade:

Ora, o aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência, e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e “hermafroditismo psíquico” permitiu, certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais dessa região de “perversidade”; mas também possibilitou a constituição de um discurso de “reação”: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua “naturalidade”, e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico. (FOUCAULT, 2013, p. 111)

Parafraseando Foucault, “O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie.” (FOUCAULT, 2013, p.47) E parece que Thomas Mann tinha consciência disso, além da ampla apresentação das diferentes manifestações da sexualidade que fogem ao padrão heteronormativo, da forma como a construção dos personagens e das próprias indagações que eles estabelecem de si para si, e de si para a sociedade, fazem com que criemos uma ideia de Mann como consciente da sua marginalização como bissexual e como *outsider*. Essa autoconsciência, talvez tenha sido um dos motivos para que o autor, de forma empática, tenha assinado um documento proposto pelo

percursor de pesquisa em gênero e sexualidade Magnus Hirschfield, “com mais de cinco mil nomes de personalidades civis alemãs, para a derrubada do parágrafo 175º da constituição alemã que condenava qualquer tipo de manifestação da homossexualidade” (SETTERINGINTON, 2017, p.16).

Nos anos seguintes, mais maduro e com renome no meio acadêmico e literário, marcaram oscilações na vida do autor, entre eles o casamento com Katherine (1905), o prêmio Nobel de Literatura (1929), a experiência do fascismo alemão e ver a ascensão de Hitler ao poder (1933), o exílio para os Estados Unidos da América e o retorno à Europa. Uma informação que deve ser aqui aludida é que, um ano após a cerimônia de casamento, o autor, segundo Miskolci (2003), recebe a notícia do falecimento de Armins Marter, ainda de acordo com o sociólogo, eternizado anos antes em Hans Hansen, primeiro amor do personagem Tonio Kröger.

2.1 *Tonio Kröger*

Analisar criticamente a novela *Tonio Kröger* (1903) sem realizar uma comparação entre a obra e a própria biografia do autor parece errado, em muito os dois objetos se confundem e se tornam uma narrativa uníssona, dando eco a voz do narrador que se vê cheio de questões íntimas não resolvidas, mas que ao mesmo tempo vêm-se espelhadas nas questões sociais quando relacionadas ao trato do estrangeiro social. No entanto, este trabalho não busca associar o real do apresentado, ou equiparar a arte com a *biografia* do autor, aqui tomamos a tarefa de analisar a novela com objetividade na busca da caracterização do estrangeiro.

Voltando para os aspectos formais que compõe a novela, a obra analisada neste trabalho é pertencente ao conjunto de textos publicados na antologia denominada *Imortais da literatura* da Editora Abril, livro nº 17, juntamente com outra novela também maniano que é *A morte em Veneza*. A primeira edição de 1971 de *Tonio Kröger*, traduzido pela Sra. Maria Deling, possui um total de 74 páginas e é dividido em 7 capítulos.

A obra tem por abertura a voz narrativa em terceira pessoa, como se um ser onisciente adentrasse o enredo apenas para descrever o cenário ali representado.

O sol de inverno era apenas um pobre brilho leitoso [...] molhadas e leitosas estavam as ruas de casas com esguias

cumeeiras, e de vez em quando, caía, uma espécie de granizo macio, nem gelo nem neve. (MANN, 1971, p. 11)

Tal abertura no enredo nos proporciona a clara visão de um grupo de colegas saindo da escola, um ambiente em muito exclusivo da burguesia da época, aparentando apesar da dignidade dos mais velhos ou a malícia nos olhos dos mais jovens, o respeito o *ethos* alemão, na presença dos professores. É neste cenário que Tonio se apresenta ao leitor e ocorre a troca de narradores de terceira para primeira pessoa, “Afimal, você não vem, Hans? – Disse Tonio Kröger, que esperara longamente no meio-fio.” (MANN, 1971, p.11)

A partir desse ponto a narrativa segue a vida de Tonio, dos seus dias de estudante até a idade adulta. O menino carrega nos ombros diversas questões íntimas que serão amplamente levantadas ao decorrer das páginas, entre os principais são o fato de ser originário de uma relação inter-racial, um *Mischling*, e ter a consciência disso, além dos afetos, ou dos amores experienciados, por seu amigo Hans Hansen e a loura Ingeborg Holm. Essas três abordagens e amplamente dissertadas por Tonio são tão essenciais para o entendimento da narrativa para a construção do caráter estrangeiro do personagem, que cada uma delas ganha um capítulo, com exceção da sua relação com os pais que perpassa toda obra, para que se crie um melhor quadro simbólico a respeito da influência que tal afeto, ou período teve na vida adulta de Tonio.

A obra encerra com o retorno do mesmo a sua terra natal onde, apesar da origem familiar aristocrática, do renome que conseguiu ao se tornar um exímio literato, vê-se constantemente questionado e cerceado pelos portadores da linguagem de poder e mais uma vez um estrangeiro social.

3. A tripla caracterização do estrangeiro social: O estranho que em mim habita.

O problema da caracterização do estrangeiro é a imagem comum que temos do objeto, signo e significante. Sempre que pensamos a palavra logo criamos um quadro simbólico da imagem dos turistas americanos/europeus, muito brancos e vestindo bermudas de sarja caramelo nas praias de Ipanema, ou caminhando pelas ruas de Salvador, portando máquinas fotográficas. Ou, mais recentemente, pensamos também nos muitos imigrantes refugiados de zonas de guerra, principalmente na Europa, ou

ainda de zonas onde o clima político e a falta de recursos necessários para que se constitua a dignidade humana são escassos como na América do Sul, de países do continente africano e muitos dos países da América Central.

Advertimos que essa imagem não é errônea, esses também são os estrangeiros. No entanto a análise objetiva deste trabalho é outra, é a caracterização do estrangeiro social que é pertencente ao núcleo no qual está inserido, é portador da mesma língua materna, portanto inserido na língua de direito vigente e compartilhando das mesmas regras morais, mas que em determinadas circunstâncias, em momentos não tão específicos, vê-se completamente excluído do sistema das normas gerais e por isso, marginalizado, colocado às margens do poder e do direito. Quem é essa entidade que nos leva a produzir este artigo? Jacques Derrida (2003) nos apresenta o ponto de partida para uma reflexão contundente sobre o objeto.

Mas antes de ser uma questão a ser tratada, antes de designar um conceito, um tema, a questão do estrangeiro é uma questão vinda de estrangeiro, e uma questão ao estrangeiro. Como se o estrangeiro fosse, primeiramente, *aquele que coloca a questão*, ou *aquele a quem se endereça a primeira questão*. Como se o próprio estrangeiro fosse o *ser-em-questão*, a *própria questão do ser-em-questão*, ou o *ser-em-questão da questão*. Mas também *aquele que, ao colocar a primeira questão, me questiona*. (DERRIDA, 2003, p. 3)

A brincadeira que o filósofo faz com os pronomes *aquele* e *quem*, e com as preposições *ao* e *do*, nos levam, assim como a passagem *ao todo*, a refletir sobre a figura do estrangeiro de forma objetiva. Para ele, antes de iniciar uma discussão sobre o estrangeiro, devemos analisar o que esse estrangeiro questiona, por que são as interrogações que essa entidade levanta a cerca de si e sobre a sociedade à qual está inserido que nos levam as perguntas subsequentes, ansiosas por respostas contundentes e materializadas que são: quem é esse estrangeiro social? E o que faz dele um estrangeiro? É então que Tonio surge como objeto de análise.

Tonio Kröger, o narrador personagem, não só é o portador da questão como torna-se “o ser-em-questão da questão” como propõe Derrida (2003). Diversas são as passagens na obra em que Tonio, elabora perguntas a cerca de si, para si, e também das relações de si para com a sociedade, por exemplo: “Mas que se passa comigo? Como tudo terminará?”, “O artista afinal é um homem?”, “Mas o que é o artista?” (MANN, 1975, p. 16, 40 e 41) São tais questionamentos por ele elaborados que nos permitem refletir sobre as apresentações do estrangeiro na obra, não mais do que isso,

pois ir além é não apenas cair em uma antítese da tese proposta por Derrida para análise do estrangeiro, como também elaborar falsas afirmações sobre a constituição da *persona* estranha marginalizando-a ainda mais.

Outro ponto fundamental para Jacques Derrida, além do ser-em-questão é a questão do ser-em-questão. Para o filósofo quando o estrangeiro se questiona, ele começa a contestar “a autoridade do chefe, do pai, chefe de família, dono do lugar, do poder da hospitalidade, do *hosti-pet-s*.” (DERRIDA, 2003, p. 7)

Eis a questão temida, a hipótese revolucionária do estrangeiro. Ele se previne de ser parricida por denegação. Ele não cuidaria de se defender se sentisse, no fundo, que na verdade ele é parricida; virtualmente parricida, e que dizer “O não-ser é”, é um desafio da lógica paterna de Parmênides um desafio do estrangeiro. Como todo parricídio, este acontece em família, só pode ser parricídio se estiver de alguma forma em família (DERRIDA, 1996, p. 7).

O parricídio segundo Freud (2010) é o crime fundador da civilização, e ele aborda a temática do parricídio em duas grandes obras a primeira, “Totem e Tabu” e a segunda, “Moisés e o Monoteísmo”. Para o psicanalista, através da opinião expressa na obra “Totem e Tabu”, o parricídio é o crime expresso através da violência que ocorre no processo de identificação de uma cultura patriarcal e o assassinato da mesma. Ou seja, o rompimento com a cultura do ser e um compromisso com o não-ser.

Tais apontamentos levantados por Jacques Derrida (2003) e Freud (2010) nos fazem indagar a percepção que Tonio tem de si e de sua origem. O conceito de *Mischling*, muito abordado por Miskolci (2003), não foge das percepções do narrador que perpassa por todo o texto, e sua própria origem é contestada, e em determinado ponto renunciada.

A velha família Kröger, pouco a pouco, caíra em estado de desmoronamento e dissolução, e as pessoas tinham razões para também atribuir aos sinais desta situação ao próprio gênio e os modos de Tonio Kröger. A mãe de seu pai morrera, a cabeça da família, e pouco depois seguiu-lhe seu pai, aquele senhor alto, pensativo, que se vestia com cuidado e usava uma flor campestre na lapela. A grande casa dos Kröger, com sua respeitável história, estava à venda, e a firma extinta. A mãe de Tonio, porém, sua bela e fogosa mãe, que tocava tão maravilhosamente piano e bandolim, e a quem tudo era indiferente, casou-se novamente, depois de um ano, e por sinal com um músico, um *virtuoso* com nome italiano ao qual seguiu para as distâncias azuladas. (MANN, 1971, p.31-32)

A degradação do casamento inter-racial, condenado pela cultura da época, e a própria percepção de si como ápice desse declínio demonstram o quão Tonio, internamente, se questiona sobre a sua origem dando margem confirmação da acusação do núcleo social sobre sua família. O Declínio não começa nele, começa na junção do afrodisíaco sulista com o *ethos* alemão. A vó, a última da família a ter consigo a linguagem do poder, a representação da imagem de aristocracia e classicismo, morre deixando para o herdeiro o papel de dar continuidade a linhagem e status familiar. No entanto o que esperar de um *ethos* alemão que se permite levar pelo dionisíaco? A morte. E consequentemente a mãe, a imagem oposta ao pai, se casa novamente e retorna para o local de origem. O Rompimento, ou o parricídio, pode ser analisado segundo a seguinte passagem:

Vivia em grandes cidades, no sul, na esperança de que o sol de lá desse um amadurecimento fértil à sua arte; talvez fosse o sangue da sua mãe que o atraísse para lá. [...] Talvez fosse a herança de seu pai, do senhor comprido, pensador e bem vestido, com a flor campestre na lapela, que o fizesse sofrer tanto lá em baixo, e as vezes sentir uma fraca e saudosa lembrança, uma alegria de alma, que outrora fora dele, e que não encontrava mais entre todas as voluptuosidades. (MANN, 1975, p. 32 e 33)

Quando Tonio opta por seguir sua essência dionisíaca, tornando-se um célebre artista, ele rompe com o *ethos* alemão representado na figura paterna e na família patriarcal caracterizando-se então como um parricida. Porém, a posição de *outsider*, de não pertencente ao local em que agora se encontra, volta à psiquê do narrador, fazendo com que ele rompa também com a sua essência estrangeira, tornando-o também um matricida.

Faz muito tempo que imaginei pertencer aquele lugar. Arte, não é? Céu azul veludoso, vinho quente e doce sensualidade... Em resumo, não gosto disso. Renuncio. Toda Aquela beleza me põe nervoso. Também não gosto daquela gente lá de baixo, terrivelmente animada, com o escuro olhar de animal. Estes romanos, não tem consciência no olhar... Não, vou agora um pouco para a Dinamarca. [...] Esta inclinação nórdica deve vir do meu pai, pois minha mãe era mais pela Beleza, até um certo ponto, pois de resto tudo lhe era indiferente. (MANN, 1971, p. 41.)

O rompimento agora com a cultura afrodisíaca, representada pela figura da mãe, faz com que Tonio já adulto almeje uma viagem de volta ao lar.

O regresso ao lar nos proporciona um dos quadros simbólicos mais interessantes para análise do sujeito estranho/parricida. Derrida (2003) aponta que o sujeito estranho, tendo consciência da sua constituição como ser tentado o não-ser, previne-se de ser um parricida. E é exatamente o que Tonio faz quando, ao sair da hospedaria onde está instalado, na sua cidade de nascimento, lhe é questionado sua origem, “seu nome” e solicitado “os seus documentos” (MANN, 1971, p. 60) A resposta de Tonio, como afirma Derrida é a “denegação” (p.7):

Deveria acabar com tudo, dando-se a conhecer, dizendo ao Senhor Seehase que ele não era um aventureiro de nacionalidade incerta, não era de nascença um cigano num carro verde, e sum filho do Konsul Kröger, da família Kröger? Não. Não tinha vontade para isso. (MANN, 1971, p. 61)

Não foi a primeira vez que Tonio teve problemas com o seu nome, ou com a sua identidade. Cabe frisar aqui essa característica do estrangeiro: o nome. O primeiro encontro com o desconhecido, com uma novidade ou mesmo um intruso que invade nosso ambiente social nos impele para o questionamento do seu nome. O nome é inerente ao ser, é estanque, e essa imposição não pode ser alterada, não pode ser traduzida e segundo Derrida, eis que a “primeira violência” sofrida pelo estrangeiro acontece através da linguagem, afinal segundo Derrida (2003), “um nome próprio nunca é individual.” (p.23) E parece que Tonio entendia essa violência no momento em que era questionado sobre seu nome:

- Chamo você de Kröger por seu nome ser tão maluco, desculpe, mas não gosto dele. Tonio... Isto nem é nome. Bem você não tem culpa, Deus o livre! - Não! É provável que você em princípio se chame assim, porque tem um som tão estrangeiro e é algo esquisito. - Disse Jimmerthal e fingiu estar falando para o bem. - Os lábios de tonio tremeram. Controlou-se e disse: -Sim é um nome ridículo, preferiria, Deus sabe me chamar Henrique ou Guilherme, podem acreditar. Mas acontece que me batizaram com o nome de um irmão de minha mãe que se chama Antônio, pois minha mãe como sabem, é do estrangeiro. (MANN, 1971, p. 19).

Até o presente momento, uma dupla caracterização do indivíduo estranho foi realizada. O Primeiro, o indivíduo imerso em uma sociedade cultural que resolve romper com ela, o estranho parricida. E o segundo, o estrangeirismo provindo da origem que perpassa pela língua e nome do sujeito, que é o estranho étnico. Agora é preciso falar do sentir-se estranho; característica que em muito atravessa os sentimentos da própria

entidade que se propõe a invadir a sociedade que almeja. E para isso, nada mais crível que utilizar como objeto de análise os dois grandes e primeiros amores de Tonio Kröger; O viril Hans Hansen e a loura Ingeborg Hölm.

Os sentimentos de Tonio são a terceira e última chave para a caracterização do sujeito estranho aqui proposta, e o são porque surgem de dentro e não de fora, como propõe Nancy (2006); *“Mi corazón se convertía en mi extranjero: justamente extranjero porque estaba adentro. Si ajenidad venía de afuera, era porque antes había aparecido dentro.”* (NANCY, 2006, p. 18)

Este procedimento de observar-se a si mesmo e em relação com a vida desempenhava um papel importante no amor de Tonio por Hans Hansen. Amava-o primeiro porque era belo; mas depois porque lhe parecia, em todos os pontos, seu oposto e contraste. (MANN, 1971, p. 16)

Não nos admira que o narrador elabora um capítulo inteiro para falar dos seus amores de infância, um para Ingeborg Hölm e outro para Hans Hansen, capítulos retratos de um *ethos* alemão em constante confronto com o estrangeiro na figura de Tonio. Ali está disposto um padrão cultural que o narrador jamais poderia capaz de reproduzir sendo um estrangeiro, e por isso amava-os tão profundamente.

Enquanto Hans representa o ideal de virilidade que é exigida do modelo de homem germânico na cultura alemã; “um aluno excelente e, além disso companheiro alegre que montava a cavalo, fazia ginástica, nadava como um herói e era muito popular” (MANN, 1971, p. 16), Inge, a loura e educada Hingle representa o contraste ao viril, mas mesmo assim, nos padrões exigidos pela cultura alemã como sendo o de uma boa educação e modos superiores, afinal ele a conheceu na casa da aristocracia tendo aulas de dança onde “somente os filhos das primeiras famílias tomavam parte.” (MANN, 1971, p. 25)

Ora, Tonio sabia que não poderia jamais tornar-se exemplo do *ethos* alemão, seja pela virilidade, seja pelos costumes e modos, apesar de descender dessa cultura por parte de pai, pois “O que seria mais de se esperar da sua aparência estrangeira?”, representado do dionísio sulista herdado pela mãe. O *ethos* alemão procura seus iguais para manter-se, uma união que se comprova quando na última etapa da sua viagem Tonio encontra os dois, agora como um casal, dançando no salão do Hotel.

Tonio observo os dois a quais sofrera as penas de amor: Hans e Ingeborg. Não eram eles, tanto a devido sinais particulares e a semelhança das roupas, mas por força de igualdade de raça e tipo, este espécime claro, de olhos azul-ferrete e louros, que evocava uma ideia de pureza, serenidade, jovialidade e uma reserva intocável, ao mesmo tempo orgulhosa e simples... (MANN, 1971, p. 77)

Esse sentimento que caracteriza o estranho afetivo, como Nancy (2006) propõe que nasce quando alguma coisa dentro já é estrangeira, coloca Tonio no papel de subjugado a cultura da qual tenta fazer parte, afinal como ele mesmo expressa na obra, ele jamais esqueceu esse *ethos* alemão representada muito mais nos dois personagens do que na própria figura do pai, afinal “Foi para vocês que trabalhei!” (MANN, 1971, p. 77)

A própria constatação de Tonio sobre sua identidade estrangeira, mestiça, que perpassa por toda a obra, finda na conclusão que ele apresenta do que é o ser para o não-ser.

Meu pai, sabe, era de um temperamento nórdico; considerado, minucioso, correto, por puritanismo, inclinado a melancolia; minha mãe, de indistinto sangue exótico, bonita, sensual, ingênua, ao mesmo tempo displicente e apaixonada e de um desmazelo impulsivo. Sem dúvida alguma, foi esta mistura que encerrava extraordinários perigos. O resultado foi esse: um burguês que se perdeu na arte, um boêmio que sentia saudades da boa educação, um artista com a consciência pesada. (MANN, 1971, p. 83, 84)

Eis então a tripla caracterização do estrangeiro que perpassa a constituição do personagem narrador Tonio Kröger: O parricida, o étnico e o afetivo. Uma análise que só é possível, como amplamente demonstrado neste artigo, por que Tonio Kröger durante todo o enredo apresenta ao mundo uma série de questionamentos que partem de si e para si, das relações que este corpo estabelece com o *tópos* no qual está inserido, e como esse local estabelece a língua de direito para ele.

Considerações finais

A ideia do sujeito estranho como sendo o portador da questão, advinda do filósofo Jacques Derrida (2003), abre espaço para análise crítica das formas como se estabelecem as relações entre sujeito e sociedade. Afinal, como propõe Nancy (2006) receber ou estabelecer relações com o estrangeiro é uma experiência corretiva na

moral do portador da hospitalidade, um tema muito em voga na modernidade e contemporaneidade; uma vez que o rechaço das crescentes ondas migratórias pelos portadores da hospitalidade, tanto na Alemanha como no Brasil, de pessoas que buscam apenas por melhores qualidade de vida, os estrangeiros, são exemplos factuais do quão ainda estamos atrasados no debate sobre direitos e deveres da hospitalidade.

Tonio Kröger, escrito por Thomas Mann, tornou-se apenas um objeto materializado para que conseguíssemos caracterizar apenas três das muitas faces desse estrangeiro e muitas das formações na entidade que observamos são impostas por aquele que concede o asilo, o portador da hospitalidade, e como já vimos tais violências de manifestam no parricídio, na linguagem e na submissão do ser.

O primeiro, o parricídio, se manifesta quando o estrangeiro precisa romper coma cultura paterna para coexistir. Quando longe dos hábitos recorrentes, convenções morais e éticas do próprio *lugar* opta por ser o não-ser. Rompendo para adaptar-se, e mais uma vez rompendo por não se adaptar. A segunda a étnica, ou o nome, perpassa o nome, uma vez que é no substantivo próprio, intraduzível, que lhe é indagado no primeiro contato que contém toda a origem do ser; afinal como afirma Derrida (2003), “não há asilo se não houver procedência. E por último, mas não menos importante, o estrangeiro afetivo e subjugado.”

Como podemos notar em *Tonio Kröger*, o narrador consciente da sua origem mestiça, do *Mischling*, da sua estranheza e do seu deslocamento social, assume o papel do estrangeiro portador da questão que se questiona. Ele assume o papel de estrangeiro afetivo quando, apesar de ter a consciência de que não poderia jamais se enquadrar dentro do padrão imposto pelo *ethos* alemão, deseja ser parte dela, ele retorna ao seu local de origem e ali é confrontado não apenas com os dois amores de sua infância, mas com o que eles representam, a junção dos dois mundos presentes nele.

Estou entre dois mundos; não me sinto a vontade em nenhum dos dois e por isso tenho um pouco de dificuldade. Vocês, artistas, me chamam de burguês, e os burgueses sentem-se tentados a prender-me... Os burgueses são bobos. Vocês adoradores da beleza, porém, que me dizem ser eu fleumático e sem saudades, deviam imaginar um dom artístico tão profundo e tão do princípio e do destino, que nenhuma saudade lhe pareça ser mais doce e digna de ser sentida do que aquela pelas delícias da trivialidade (MANN, 1971, p. 84).

Por fim, como podemos notar na fala de Tonio, a junção de dois mundos presentes na constituição do ser são a origem desse estranho, pois só há um estrangeiro

quando este contesta as regras morais impostas por um grupo, fala muito bem representada na ideia de Jean-Luc Nancy (2006) “*Muy rápidamente, sin embargo, el otro como extranjero puede manifestarse: ni la mujer, ni el negro, ni el joven, ni el vasco, sino el otro inmunitario, el outro insubstituible a quien, empero, se há substituído*” (NANCY, 2006, p. 31) Ou qualquer um, que em determinado momento, sinta-se intimado a modificar sua essência para caber dentro de uma série de regras morais, afinal receber o estrangeiro é também, experimentar uma mudança no nosso padrão comportamental.

REFERÊNCIAS

- DERRIDA, JACQUES. Anne Dufourmantelle **Convida Jacques Derrida a falar de Hospitalidade**. Jacques Derrida [entrevistado]; Anne Dufourmantelle; tradução de Antonio Romane; revisão técnica Paulo Ottoni. – São Paulo; editora Escuta, ano 2003.
- FOUCAULT, MICHEL. **História da Sexualidade: 1 Vontade de Saber**. São Paulo: Editora terra e paz, ano 2013.
- FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu e outros trabalhos**. Vol. 8 Tradução de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, ano 2010.
- FULLBROOK, Mary. **A história concisa da Alemanha**. São Paulo. 2016. 2 edição. Editora Edipro
- HAMILTON, Nigel. **Os irmãos Mann: as vidas de Heinrich e Thomas Mann**. Tradução de Raimundo Araújo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- HELLER, Erich. **O Irônico Alemão: Um Estudo de Thomas Mann**. Londres: 1958 Editora Secker e Warburg.
- MANN, THOMAS. **Tonio Kröger e Morte em Veneza**. São Paulo. Editora Abril. Tradução Maria Deling. 1971
- MISKOLCI, Richard. **Thomas Mann: o artista mestiço**. São Paulo: Editora Anablume, 2003.
- NANCY, J. **El intruso**. 1ª Edição: Buenos Aires: Editora Amorrurtu, ano 2006.
- SETTINGTONTON, K. **Marcados pelo triângulo Rosa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2017.

Literatura e algoritmo: A questão do autor em fuga em Italo Calvino e Clemens Setz

Robert Schade¹

Resumo: Este artigo trata da questão do autor em tempos de inteligência artificial. A questão da intercambialidade do escritor empírico tem sido cada vez mais levantada desde a era da cibernética. Nas duas posições seguintes serão analisadas, a ideia de uma máquina-autor de Italo Calvino (*Cibernetica e fantasmí*, 1967) e o bot de Clemens Setz (*Bot. Gespräch ohne Autor*, 2018). A máquina combinada de Calvino, que é análoga a um procedimento algorítmico, substituiu o autor. O autor não é mais a origem do texto, como também enfatiza Roland Barthes. Contudo, a máquina não pode prescindir dos espíritos condicionados social e individualmente que a assombraram. O escritor contemporâneo Clemens Setz, por outro lado, deixa um robô abastecido com o arquivo de seus textos responder às perguntas de entrevista durante sua ausência. Para o leitor, a lógica humana e a técnica estão mais próximas do que o esperado. Paradoxalmente, é possível perceber em Clemens Setz que a encenação do autor ausente reforça sua própria figura, visto que esse precisa estar presente em entrevistas, cerimônias de premiação e discursos. Sinal de uma nova importância e visibilidade do autor?

Palavras-chave: autor; inteligência artificial; Italo Calvino; Clemens Setz; Roland Barthes.

Zusammenfassung: Der vorliegende Artikel beschäftigt sich mit der Autorfrage in Zeiten der künstlichen Intelligenz. Die Frage nach der Austauschbarkeit des empirischen Schriftstellers stellt sich dabei verstärkt seit dem Zeitalter der Kybernetik. Im Folgenden werden zwei Positionen, Italo Calvinos Idee einer Autormaschine (*Cibernetica e fantasmí*, 1967) und dem Autorbot bei Clemens Setz (*Bot. Gespräch ohne Autor*, 2018), untersucht. Calvinos Kombinationsmaschine, die in Analogie zu einem algorithmischen Vorgehen steht, hat den Autor ersetzt. Der Autor ist nicht mehr Ursprung des Textes, wie auch Roland Barthes betont. Doch die Maschine kommt nicht ohne die gesellschaftlich und individuell bedingten Geister aus, die sie heimsuchen. Der zeitgenössische Schriftsteller Clemens Setz lässt hingegen einen Bot, der mit dem Archiv seiner Texte gefüttert wurde, in seiner Abwesenheit auf Interviewfragen antworten. Menschliche und technische Logik liegen für den Leser dabei näher beieinander, als erwartet. Paradoxe Weise, so ist festzuhalten, bestärkt die Inszenierung des fehlenden Autors bei Clemens Setz aber die Autorfigur – denn der Autor muss sich in Interviews, auf Preisverleihungen und Reden bewähren. Zeichen einer neuen Wichtigkeit und Sichtbarkeit des Autors?

Schlüsselwörter: Autor; Künstliche Intelligenz; Italo Calvino; Clemens Setz; Roland Barthes.

1. 2018

$\min G \max D \text{ Ex}[\log(D(x))] + \text{Ez}[\log(1-D(G(z)))]$ é o nome dele, o nome de um autor de uma obra de arte. Em 2018, um algoritmo criou pela primeira vez um retrato. Para esse fim, o coletivo francês *Obvious*, utilizou um banco de dados com 15.000 retratos da história da arte e depois "pintou" o retrato um pouco obliterado da pessoa inventada Edmond de Belamy (vide imagem). Em outubro de 2018, a pintura foi

¹ Leitor do DAAD na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutorado em Literatura Comparada na Universidade de Potsdam.

vendida pelo preço incrível de 432.500 dólares². O nascimento de uma obra de arte através de um processo de cálculo é mais do que uma provocação. Várias questões surgiram: Quem é o autor dessa obra? O coletivo francês ou o algoritmo?

Vivemos em tempos transumanos onde a fronteira entre seres humanos e máquinas não é mais claramente nítida, como o famoso Teste de Turing em 1950 já tentava desambiguar. Nos tempos de inteligência artificial, as máquinas que “pensam” ou “escrevem”, robôs que fazem cirurgias, algoritmos que pretendem „conhecer“ ou “entender” os desejos dos seres humanos, máquinas que “respondem” ao telefone, algoritmos que preveem que um livro pode virar um best-seller³ geram tanto uma fascinação quanto uma incerteza e um medo da desumanização. Máquinas e robôs já substituíram o ser humano em várias áreas no mundo do trabalho e a probabilidade é que essa tendência aumente. As artes parecem ser o último bastião onde uma máquina não consegue substituir o ser humano. No entanto, a literatura ainda espera o primeiro conto de uma inteligência artificial, apesar de essa discussão sobre a capacidade das máquinas cibernéticas para escrever textos literários já ter uma história de pelo menos 50 anos.

Proponho a seguir um diálogo entre dois textos que têm 50 anos de diferença. O primeiro é um ensaio do escritor italiano Italo Calvino de 1967 sobre a imaginação de uma máquina-autor e o segundo é um livro do escritor contemporâneo Clemens Setz de 2018, que usava o funcionamento de um bot para estruturar uma entrevista. Entre esse espaço de tempo é possível perceber uma tradição forte da crítica da dominação do autor (JANNIDIS et al., 2017). Nesse meio tempo, o autor quase se dissolveu em vários passos. O surrealismo falou da (im)possibilidade de uma *écriture automatique* no ato de escrever, o *New Criticism* acabou com o autor no ato da interpretação do texto e o filósofo Roland Barthes já proclamou a “morte do autor” para deixar o nascimento do leitor acontecer. Porém, a função dos autores atualmente é mais ampla, como podemos ver no mercado literário. O dever de um autor de participar pessoalmente em entrevistas, palestras, feiras do livro ou premiações para se estabelecer no mercado são alguns exemplos.

2 <https://www.christies.com/features/A-collaboration-between-two-artists-one-human-one-a-machine-9332-1.aspx>

3 Como no livro de Jodie Archer/Matthew Jockers, *The bestseller-code*.



min G max D $E_x[\log(D(x))] + E_z[\log(1 - D(G(z)))]$: "Edmond de Belamy"

2. 1967

A ideia do autor-produtor como uma máquina foi tratada pelo escritor italiano Italo Calvino no seu ensaio "Cibernetica e fantasmi" (1967). Neste texto, Calvino propõe a ideia do escritor como uma máquina combinatória, que cria textos literários segundo as regras da linguagem: uma máquina escritor que *combina* elementos linguísticos e narrativas pré-fabricadas.

Nos anos 60, o escritor ficou fascinado pela informática e o regime da cibernética que é uma ciência de sistemas autorreguladores e autômatos. Em 1967, Calvino escreve que processos mentais neste tempo foram considerados como discretos, quer dizer compostos, ao invés de fluidos e contínuos, como foram descritos antigamente. A teoria da informática avançou a um elevado nível de complexidade com os seus modelos lineares e a sua lógica de decisão. Calvino pensa o cérebro eletrônico e humano como um mecanismo que funciona através de uma lógica combinatória muito complexa. Por causa disso, o termo processo combinatório (que ele usa no subtítulo do ensaio) parece adequado para descrever o funcionamento mecânico da língua, as combinações de elementos pré-fabricados e, em contrapartida, o desejo literário de fugir dessas restrições associadas a eles e de ver o mundo de uma maneira diferente e não convencional.

Calvino pergunta retoricamente se já teremos "la macchina capace di sostituire il poeta e lo scrittore" (CALVINO, 1980, p. 170). Ele propõe a ideia de uma *macchina scrivente*, que consegue, através de uma combinação de palavras, produzir textos

literários, dependendo do estilo atual predominante. Uma máquina literária dessas tem a capacidade de aprender e de reagir a um estilo literário já petrificado. Nesse contexto, o autor existe somente como um médium sem originalidade, que combina elementos já existentes na cultura. Mas o ensaio de Italo Calvino não termina neste ponto. Na segunda parte do texto, adicionalmente ao processo combinatório, é importante para o autor a *fuga* dessa estrutura fechada. A literatura quer transbordar essas limitações para procurar uma área ainda não descoberta. Para Calvino, a verbalização do indizível, do real, do tabu da sociedade ou do indivíduo, de tudo que não cabe na grade da ordem, é feita através de fantasmas que antigamente foram escondidos. Tudo isso pode ser alcançado através de novas combinações de palavras e signos que articulam um sentido ou desejo inconsciente. Desse modo, no lugar da leitura e com leitores empíricos, a literatura pode ultrapassar as limitações da língua controlada por máquinas. O *outro* dessa ordem completa literária e da racionalidade são os fantasmas, que trazem sentidos escondidos. Esses fantasmas se materializam de repente e se manifestam através de um erro no aparelho mecânico. Essa fuga que não corresponde mais a uma lógica combinatória ou a um formalismo representa um pensamento ou um desejo ainda não mapeado. Através do surgimento desse *outro* no mecanismo controlado e econômico, a literatura alcança uma liberdade de expressão, independente do autor e de suas intenções: “attraverso giochi combinatori che a un certo punto si caricano di contenuti preconsce e danno loro finalmente voce; ed è per questa via di libertà aperta dalla letteratura che gli uomini acquistano lo spirito critico e lo trasmettono alla cultura e al pensiero collettivo” (CALVINO, 1980, p. 179). É somente no lugar do leitor que se pode realizar este processo humanista e significativo.

No texto de Calvino, a posição do autor se fragilizou em benefício do leitor. A figura anacrônica do autor com os seus “piú gelosi attributi dell’intimità psicologica, dell’esperienza vissuta, dell’imprevedibilità degli scatti d’umore, i sussulti e gli strazi e le illuminazioni interiori” (CALVINO, 1980, p. 170) precisa ser substituída por estruturas linguísticas: “la persona psicologica viene sostituita da una persona linguistica o addirittura grammaticale” (CALVINO, 1980, p. 167). No ato da combinação a figura do autor se dissolve, porque Calvino pensa em primeiro lugar como chegar à página escrita. O que fica é o texto e o processo da leitura, independente da intenção do autor declarado morto. Calvino quer acabar com a ideia do autor que controla o texto, mas não quer eliminar necessariamente as qualidades humanas (a máquina tem

sensibilidade, desejos e tem uma inteligência humana; Calvino descreve um processo aberto pela realidade e pela vida). No final a literatura surge como um *outro* dessa ordem completa através do leitor:

Smontato e rimontato il processo della composizione letteraria, il momento decisivo della vita letteraria sarà la letteratura. In questo senso, anche affidata alla macchina, la letteratura continuerà a essere un luogo privilegiato della coscienza umana, un'esplicitazione delle potenzialità contenute nel sistema di segni d'ogni società e d'ogni epoca: l'opera continuerà a nascere, a essere guidata, a essere distrutta o continuamente rinnovata al contatto dell'occhio che legge; ciò che sparirà sarà la figura dell'autore, questo personaggio a cui si continuano ad attribuire funzioni che non gli competono, l'autore come espositore della propria anima alla mostra permanente delle anime, l'autore come utente d'organi sensori e interpretativi più ricettivi della media, l'autore questo personaggio anacronistico, portatore di messaggi, direttore di coscienze, dicatore di conferenze alle società culturali (CALVINO, 1980, p. 172-173)

Nesse ensaio, Calvino se refere claramente ao grupo francês *Tel Quel*, ao qual Roland Barthes estava conectado. No texto de Barthes sobre a morte do autor, seu corpo, sua alma e sua identidade se dissolvem no neutro da escrita. Se pensarmos no texto escrito, o autor não é mais a origem autoritária: "o escriptor moderno nasce ao mesmo tempo que seu texto; não é, de forma alguma dotado de um ser que precedesse ou excedesse a sua escritura, não é em nada o sujeito de que o seu livro fosse o predicado" (BARTHES, 2004, p. 61).

3. 2005

A pergunta retórica de Calvino sobre a capacidade de uma máquina substituir o autor pelo menos depois da sua morte, virou uma questão real em 2005. A empresa *Hanson Robotics* com a colaboração de pesquisadores americanos construiu um robô do autor de ficção científica, Philip K. Dick (autor de *Do Androids Dream of Electric Sheep?* e do filme popular *Blade Runner*, baseado no livro)⁴, que morreu em 1982. Vinte e três anos depois, o robô foi descrito pelos desenvolvedores como uma síntese de arte, ciência e engenharia. Eles escolheram enunciados como romances, contos, entrevistas e diários para construir um arquivo. Os filhos doaram roupas do escritor para o robô parecer ainda mais real. Além de um rosto parecido com o de Philip K. Dick, ele foi

4 <https://www.hansonrobotics.com/philip-k-dick/>

equipado com um software de reconhecimento de fala e funcionou de modo completamente autônomo, sem intervenção humana. O robô era capaz de conversar (usando os enunciados do arquivo) e reconhecer pessoas (através de um modo de *face recognition*) que estavam com ele no mesmo ambiente. Pessoas chegavam para conversar e fazer entrevistas. O público ficou surpreso porque várias respostas pareciam adequadas às perguntas. Infelizmente, a cabeça do *android* sumiu durante um voo em 2006. O robô de Philipp K. Dick era explicitamente o modelo para a construção do livro do escritor Clemens Setz (SETZ, 2018, p. 7-8) que tratarei a seguir.

4. 2018

“O *autor* ainda reina nos manuais de história literária, nas biografias de escritores, nas entrevistas dos periódicos e na própria consciência dos literatos, ciosos por juntar, graças ao seu diário íntimo, a sua pessoa e a obra” (BARTHES 2004, p. 58), menciona Roland Barthes no seu texto *A morte do autor* e acrescenta: a importância do conceito do autor é proporcional ao poder do crítico literário. Se a autoridade “autor” interpreta as suas próprias obras, o crítico seria absolvido de uma interpretação correta.

O escritor austríaco Clemens Setz questiona em seu livro *Bot. Gespräch ohne Autor* (2018) o gênero popular da entrevista de autor. No prefácio, ele conta como a ideia de fazer uma entrevista com o autor ausente surgiu: uma jornalista austríaca, Angelika Klammer, pediu ao escritor para fazer uma entrevista. Porém, ao invés de fazer a entrevista entre a jornalista e o autor empírico, Setz optou por deixar que seus próprios textos (anotações, trechos do diário, de romances, citações etc.) “respondessem”: „als wäre das Worddokument ein lebender Gesprächspartner“ (SETZ, 2018, 10). As respostas foram encontradas em arquivos digitais através de um motor de busca ou uma função aleatória (ou automatizada que ele chama de *bot*), que a entrevistadora utiliza como orientação para formular novas perguntas. Clemens Setz chama o arquivo de sua „ausgelagerte Seele“ (SETZ 2018, p. 10), porque os textos funcionam como uma cópia ou reconstrução do homem vivo, ou pelo menos de algumas partes dele. No livro, essa forma inovadora da entrevista tem uma ordem cronológica de cinco dias.

O autor descreve o conceito da entrevista e do livro da seguinte maneira: “Der Autor selbst fehlt und wird durch sein Werk ersetzt. Durch eine Art Clemens-Setz-Bot,

bestehend aus kombinierbaren Journaleinträgen, in deren rudimentärer K.-I.-Maschine er vielleicht noch irgendwo eingenistet lebt“ (SETZ, 2018, p. 10-11). O bot que responde lembra um bot num bate-papo, uma máquina que finge ser um humano e cria frases ou comentários. Mas em oposição a inventar ou criar frases, ele responde com os trechos do próprio autor através dos quais ele sobreviveu. Setz leva aqui ao pé da letra a palavra da “morte do autor” e o substitui pelo bot.

Os trechos que respondem abordam temas como o dia-a-dia de um autor, observações sobre animais, descobertas curiosas em livros ou na internet, viagens, sonhos, imagens, raciocínios sobre outros textos e autores (por exemplo, Gombrowicz, Flaubert, Renard, Grass, García Márquez, H.P. Lovecraft, etc.), e também os problemas de saúde do jovem autor. Há também algumas fotos que enriquecem a livro.

Direcionamos um olhar mais preciso para a forma do diálogo: essa „conversa“ entre a jornalista e o autor funciona ou não? Se sim, como e para quem funciona? Para a jornalista Angelika Klammer? Ou para o leitor? E o que significa “funcionar”? Começamos com o modo de atribuição: na maioria dos casos, obviamente palavras singulares ou campos semânticos funcionam como uma charneira algorítmica entre a pergunta e a resposta. O algoritmo encontra primeiramente palavras iguais, como no exemplo da atribuição do “Zwiebel-Prinzip” (na pergunta) com a observação sobre “Zwiebeln” (cebolas) na resposta (SETZ, 2018, p. 124). O algoritmo não reconhece o funcionamento das metáforas e do conceito de semelhança. Várias vezes a conexão entre pergunta e resposta parece arbitrária. Não fica claro para o leitor se uma pergunta foi respondida através de uma função aleatória ou se tinha alguma motivação desconhecida. Durante a entrevista não há uma cronologia ou conexão nas resposta e elas ficam sem referências mútuas. Na maioria dos casos, a resposta corresponde à pergunta de forma clara, em outras ocasiões a resposta parece totalmente arbitrária. Muitas vezes, a resposta parece uma resposta indireta, que *mostra* uma figura ou um cenário, uma parábola ao invés de responder discursivamente e logicamente, como por exemplo na pergunta da jornalista ao escritor que na juventude jogava videogames:

Können Sie die – nach langem Spielen auftauchende – Frage, ob wir überhaupt noch in Kontakt mit dem Zeugs da draußen seien, nachvollziehen? - Super Mario kriegt einen Stern und ist unzerstörbar. Aber anstatt in Monster zu rennen, steht er da, an diesem sonnigen Herbsttag, blinkend (SETZ, 2018, p. 27).

Às vezes a entrevistadora faz várias tentativas (“**Versuchen wir es noch einmal**”, SETZ, 2018, p. 51) quando o autor “decide” ficar calado (SETZ, 2018, p. 142) e recusa a resposta (quando a busca não encontrou um resultado?). Algumas respostas parecem adequadas, seja porque a pergunta se dissolve durante a entrevista, enquanto a resposta se desenvolve, ou por causa de um certo desejo do leitor de harmonizar a relação entre pergunta e resposta. Uma vez a entrevistadora parece aceitar o novo modo da atribuição, sai do gênero da entrevista e coloca referências como palavras-chave: “**Himmel, Ausflug, Rast, Bank** - [...]” (SETZ, 2018, p. 95). Dessas quatro palavras, apenas duas aparecem na resposta: *Bank* e *Himmel*. Aqui, visivelmente ela sai do gênero da entrevista e entra na lógica de um motor de busca.

Um grande meta-tema é o problema da comunicação humana. Clemens Setz, no seu último livro *Die Stunde zwischen Frau und Gitarre* estava interessado num fenômeno que se chama Nonsequ(uitur), uma relação totalmente desconectada entre dois enunciados dentro de uma conversa. Ele continua a demonstrar o seu interesse no livro atual, quando usa uma função técnica e aleatória para estruturar uma entrevista. No entanto, Setz deixa claro que o fenômeno já existe entre seres humanos, a lógica da máquina não é tão longe da lógica humana.

Durante a entrevista, a imagem do autor quase se dissolve – a dissolução é, sobretudo, uma dissolução corporal: em diferentes trechos do diário, ele sofre uma cegueira parcial, um resfriado, uma dor de garganta, um zumbido no ouvido, uma diarreia, uma náusea e teve um pé entortado. Tudo isso contribui, ao mesmo tempo, para a impressão da condição idiossincrásica do autor:

Worüber kaum einer spricht, sind körperliche Probleme, die auftreten können, wenn man obsessiv schreibt. Das tun sie aber, nicht wahr? - Vollkommen absurder Tag. Ich erwache mit einem großen blinden Fleck im Gesichtsfeld meines rechten Auges [...] Den ganzen Tag über wehre ich mich gegen den Sehverlust, kämpfe besessen um dieses kleine Stück Land. Es ist meins, meins. Eine permanent blinde Stelle im linken Auge habe ich schon, seit drei Jahren ist sie da [...] (SETZ, 2018, p. 46-47).

Seria por causa do seu corpo frágil que ele deseja sobreviver numa cópia digital? Ou, pelo contrário, a existência de doenças seria uma marca de que ele ainda é um ser humano com todos os defeitos possíveis? Um outro trecho mostra a felicidade

dele quando pensa numa decomposição do grande autor alemão Friedrich von Schiller, que mostra o desejo da humanidade pelo (corpo) original:

Die Malerin Katharina Weiß, die mich begleitet, erzählt mir, dass bei einer Untersuchung von Schillers Skelett festgestellt wurde, dass die Knochen von vielen verschiedenen Menschen stammen. Immer wieder nahmen Grabräuber Teile des Schillerskeletts mit, und man ersetzte den fehlenden Teil aus dem Knochenvorrat eines gerade verfügbaren, weniger weltbedeutenden Toten. Dort im Sarg liegen jetzt bestimmt an die fünfzig verschiedene Menschen. Man nennt sie mit dem Sammelbegriff: SCHILLER. Das macht mich merkwürdig froh. (SETZ, 2018, p. 37-38)

A imagem do autor sem alma (que, segundo Setz, é desnecessária) e sem corpo se repete durante do livro, como nos textos de Calvino e Barthes.

Textos literários têm uma estrutura aberta, ao contrário das entrevistas, que na maioria dos casos buscam um posicionamento da pessoa entrevistada. Roland Barthes também mencionou e criticou essa estrutura de pergunta-resposta na sua palestra “O neutro” (1977/78), publicado em forma de livro. Na busca das várias formas possíveis de pensar o neutro, ele critica as entrevistas com autores que substituíram gradativamente a arte de escrever uma resenha:

Resposta: parte do discurso determinada pela forma ‘pergunta’. Ora, o que quero indicar é que há sempre um terrorismo da pergunta; em toda pergunta está implicado um poder. A pergunta denega o direito de não saber ou o direito ao desejo incerto [...] sempre vontade de responder sem precisão a perguntas precisas: essa imprecisão da resposta, mesmo que passe por fraqueza, é uma maneira indireta de desmistificar a pergunta [...] toda pergunta pode ser lida como uma situação de questionamento, de poder, de inquisição (BARTHES, 2003, p. 222)

Responder a uma pergunta, segundo o autor, não é um discurso natural (só naturalizado) e sempre implica uma estrutura de poder. Barthes formula aqui um desejo de evitar a lógica de se decidir e se posicionar, de mudar completamente a direção ou virar um neutro. Ao invés de dar uma resposta, ele imagina fazer o gesto da fuga da estrutura. Barthes se refere ao linguísta pragmático e filósofo Paul Grice em seu livro *Logic and Conversation*. Grice formula quatro máximas para uma conversa racional: quantidade, qualidade, relevância e modalidade. Na tentativa de não responder, é necessário violar os princípios de Grice. No livro, Setz inverte o poder, e parece haver um terrorismo da resposta, que na verdade não é uma resposta *stricto sensu*. Barthes é a

favor de respostas distorcidas, quer dizer, respostas que não combinam com as convenções da entrevista, ou ele prefere não dar nenhuma resposta. Barthes deseja sair do paradigma binário para evitar o caráter afirmativo da linguagem:

Imagem por um momento que às grandes perguntas pomposas, arrogantes, dissertativas, de que é abusivamente tecida nossa vida social e política, que servem de matéria a entrevistas, mesas-redondas etc. (‘Existe uma escrita específica da mulher e uma escrita específica do homem?’ ‘O senhor acha que o escritor busca a verdade?’ ‘Acha que escrita é vida?’ etc.), imaginem que alguém responda: ‘Comprei uma camisa na Lanvin’, ‘O céu está azul como uma laranja’, ou, se a pergunta for feita em público, imaginem-se levantando, tirando um sapato, pondo-o na cabeça e saindo da sala → atos absolutos pois evitam qualquer cumplicidade de resposta, qualquer interpretação; salvo, é claro: ele é louco (BARTHES, 2003, p. 242)

O bot de Clemens Setz então produz uma loucura porque ele não faz cumplicidade nenhuma. O que acontece é que a fuga de sistemas fechados é semelhante a essa fuga da sala de Roland Barthes. Será que no livro o autor apresenta um outro caminho para evitar a estrutura afirmativa da linguagem como Roland Barthes sonhou?

Voltamos ao livro de Clemens Setz e à questão do autor. O ato da criação da entrevista parece uma morte antecipada do próprio autor. O livro imagina uma outra relação temporal quando a pessoa que pergunta e a „pessoa“ que responde não compartilham o mesmo tempo e espaço. O autor empírico com as suas intenções e suas emoções é ausente e substituído pela obra. Para o leitor, que observa tudo isso, já é uma *tautologia*, porque uma entrevista – mesmo sendo um gênero quase oral – na página publicada já existe e vive independente do autor empírico. Segundo Roland Barthes, “todo texto é escrito eternamente *aqui* e *agora*” (BARTHES, 2004, p. 61). Porém, o autor não é uma máquina. Em suma, o livro não foi escrito por uma máquina, mas somente a atribuição de pergunta e resposta foi feito por meio de um processo automatizado – o título em si é uma propaganda enganosa. De alguma forma o autor ainda está presente. Indiretamente, Clemens Setz deixa os leitores dar uma olhada nas bastidores do autor e ele se encena mesmo assim: ele descreve situações na vida de um autor. Ele está presente nos trechos e no prefácio. O nome Clemens Setz aparece na capa do livro. O livro, afinal, fortifica a saudade pelo autor ausente.

Sugiro, ao invés de falar da morte do autor, falar de uma *fuga* do autor, um desejo de virar um outro, por exemplo uma máquina. O movimento da fuga do autor, a fuga das redes linguísticas-cibernéticas, mesmo como uma fuga das posições do locutor em uma entrevista não diminui, mas ao contrário, aumenta a presença do autor. Clemens Setz não questiona profundamente a origem da voz, mesmo ao questionar o desejo humano para o original. Tudo isso evidencia uma nova importância e visibilidade do autor?

Esses textos paradoxais e antipsicológicos revelam que – além do autor empírico –, num outro nível, ainda precisamos pelo menos dos conceitos antropomórficos, sobretudo no mercado literário – e o texto de Setz reforça isso. Um texto literário ainda se posiciona num contexto abrangente de comercialização e personalização. Existem ainda gêneros como a entrevista do autor, eventos como saraus e autógrafos. E finalmente há o leitor que sempre imagina a existência de um autor através todas as palavras e de um locutor que participa de uma entrevista, como o teste de Turing já demonstrou.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O neutro: anotações de aulas e seminários no Collège de France, 1977; 1978**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **A morte do autor**. In: O rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 57-64.

CALVINO, Italo. *Cibernetica e fantasmi. Appunti sulla narrativa come processo combinatorio*. In: CALVINO, Italo. **Una pietra sopra. Discorsi di letteratura e società**. Torino: Einaudi, 1980, p. 164-181.

JANNIDIS, Fotis; LAUER, Gerhard; MARTINEZ, Matias; WINKO, Simone. *Einführung. Autor und Interpretation*. In: JANNIDIS, Fotis; LAUER, Gerhard; MARTINEZ, Matias; WINKO, Simone (org): **Texte zur Theorie der Autorschaft**. Stuttgart: Reclam, 2017, p. 7-29.

SETZ, Clemens. **Bot. Gespräch ohne Autor**. Berlin: Suhrkamp, 2018.

En el cambiante espejo de las aguas. Literatura y viaje en *El Danubio*, de Claudio Magris

Víctor Manuel Ramos Lemus¹

Resumen: *El Danubio* (1986), del germanista triestino Claudio Magris (n. 1939), está considerada una de las obras paradigmáticas de las nuevas formas de la escritura en que la libertad expresiva se manifiesta en la ruptura de las fronteras entre ficción, testimonio e historia, esenciales al ensayo. Al mismo tiempo, es pionera en la colección de obras que, a partir de la figura del río, reflexionan sobre historia cultural. Escrito en primera persona del singular (forma prototípica del género desde su fundación con Michel de Montaigne, en 1580), y con una concepción de la temporalidad inspirada en Fernand Braudel y su *El Mediterráneo y el mundo mediterráneo en la época de Felipe II* (1949), este libro es un recorrido por el Danubio, desde su nacimiento en la Selva Negra hasta su desembocadura en el Mar Negro. A través de este viaje, el escritor triestino navega no sólo por la superficie, sino también por las aguas profundas y antiguas de las culturas de la Europa Central que el río baña en su travesía. Ahí, se pregunta por la relación de esos territorios con Europa, los avatares históricos de las culturas germánicas, y su relación no sólo con el esplendor de la modernidad (tanto capitalista como su alternativa comunista) y sus constantes flujos y reflujos de civilización y barbarie, sino también con su colapso – lo que se constata en la época histórica en que la obra es pensada: en el vislumbre de la caída del Muro de Berlín y el ocaso de la Unión Soviética. En ese paisaje de renovación, el “yo” que se busca en las aguas turbulentas del Danubio explora al mismo tiempo los límites de la escritura, tanto de la Historia como de la ficción. De esta manera, *El Danubio* renueva la siempre vigorosa tradición germánica de la literatura de viajes.

Palabras-clave: Claudio Magris; *El Danubio*; Viaje y literatura.

Resumo: *Danúbio* (1986), do germanista triestino Claudio Magris (1939-), é considerado uma das obras paradigmáticas das novas formas de escrita em que a liberdade expressiva se manifesta na ruptura das fronteiras entre ficção, testemunho e história, essencial ao ensaio. Ao mesmo tempo, é pioneira na recolha de obras que, com base na figura do rio, refletem sobre a história cultural. Escrito na primeira pessoa do singular (uma forma prototípica do gênero desde sua fundação com Michel de Montaigne em 1580), e com uma concepção de temporalidade inspirada em Fernand Braudel e seu *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo no Tempo de Filipe II* (1949), este livro é uma viagem através do Danúbio, desde sua nascente na Floresta Negra até sua foz no Mar Negro. Através desta viagem, o escritor triestino navega não só na superfície, mas também nas águas profundas e antigas das culturas da Europa Central que o rio banha em sua viagem. Ali, ele se pergunta sobre a relação desses territórios com a Europa, os altos e baixos históricos das culturas germânicas e sua relação não apenas com o esplendor da modernidade (tanto capitalista quanto sua alternativa comunista) e seu constante refluxo e fluxo de civilização e barbárie, mas também com seu colapso – que pode ser visto no período histórico em que a obra é concebida: no vislumbre da queda do Muro de Berlim e do colapso da União Soviética. Nesta paisagem de renovação, o “eu” procurado nas águas turbulentas do Danúbio explora ao mesmo tempo os limites da escrita, tanto da história como da ficção. Desta forma, *Danúbio* renova a sempre vigorosa tradição germânica da literatura de viagens.

Palavras-chave: Claudio Magris; *Danúbio*; viagem e literatura.

¹ Doctorado en Teoría literaria (UFRJ); Profesor de Literaturas Hispánicas (FL/UFRJ). victormlemus@gmail.com.

El tiempo de la historia no fluye en una sola corriente. Tiene capas simultáneas como las hojas de un libro.
Fernand Braudel

1. Introducción: La cultura, el agua, el yo. Navegaciones por *El Danubio*.

A pesar de omnipresente e imprescindible a la vida humana, la cultura siempre ha tratado al agua como algo ajeno e insondable, capaz de revelar verdades profundas, inaccesibles en la esfera de lo cotidiano. Metáfora del movimiento, de lo irreversible, el agua simboliza lo que fluye inexorable, lo que no tiene vuelta atrás, como lo expresan las célebres “Coplas a la muerte de su padre”, del poeta Jorge Manrique, escritas en el siglo XV:

[III]	
Nuestras vidas son los ríos	25
que van a dar en la mar,	
qu' es el morir;	
allí van los señoríos	
derechos a se acabar	30
e consumir;	
allí los ríos caudales,	
allí los otros medianos	
e más chicos;	
allegados, son iguales	35
los que viven por sus manos	
e los ricos. (MANRIQUE, 2004, p. 135.)	

Aunque también lo es de todo lo que posee una alta capacidad de maleabilidad. De acuerdo con el filósofo polaco Zygmunt Bauman, la actual etapa de la modernidad marca el advenimiento de una época en que la inestabilidad se instaura en el seno de la vida cotidiana. Ahí, las identidades se ven obligadas a cambiar constantemente, y lo transitorio se apodera las cosas haciéndolas perder densidad y concreción, y ahora hasta las relaciones más íntimas y personales se ven obligadas a ocurrir contrarreloj: el veredicto del carácter líquido de la vida actual sólo encuentra una formulación apocalíptica a la altura en la celebre frase de Marx y Engels en su *Manifiesto comunista*: “Todo lo que era sólido y estable se desvanece en el aire.” (MARX & ENGELS, 2005, p. 43)

Los fluidos se desplazan con facilidad. “Fluyen”, “se derraman”, “se desbordan”, “salpican”, “se vierten”, “se filtran”, “gotean”, “inundan”, “rocían”, “chorrean”, “manan”, “exudan”; a diferencia de los sólidos, no

es posible detenerlos fácilmente - sortean algunos obstáculos, disuelven otros o se filtran a través de ellos, empapándolos-. Emergen incólumes de sus encuentros con los sólidos, en tanto que estos últimos - si es que siguen siendo sólidos tras el encuentro- sufren un cambio: se humedecen o empapan. [...]

Estas razones justifican que consideremos que la fluidez o la "liquidez" son metáforas adecuadas para aprehender la naturaleza de la fase actual – en muchos aspectos nueva – de la historia de la modernidad, (BAUMAN, 2004, p. 8)

Sin embargo, del mito de Narciso al célebre tratado de Gaston Bachelard, *El agua y los sueños*, pasando por las míticas aguas del Leteo de la memoria y el olvido, este elemento también se presenta como el lugar privilegiado para descubrimientos cruciales para el individuo, que ahí, probablemente, encuentra una verdad tan íntima y profunda que no resiste a la revelación y vuelve a ocultarse, siendo absorbida por las porosidades de un yo fustigado por las exigencias de la inmediatez de lo cotidiano.

Es bajo esos tres aspectos que Claudio Magris, germanista eminente, reflexiona en *El Danubio* sobre las culturas de la Europa central. Fluyendo junto con las aguas, escribe sobre la historia de esa región; a partir de la metáfora del agua, piensa la inestabilidad de la identidad, de sus transformaciones, así como del reflujo que con frecuencia la asola; y es también en la certeza de que, hundiéndose en las corrientes subterráneas, que corren a diversas profundidades y no siempre en las mismas direcciones, se puede indagar en las figuras cambiantes que se componen en la superficie.

Una diversidad de géneros y tradiciones converge en la configuración de una nueva forma narrativa que la literatura conquista para sí: los libros que son al mismo tiempo testimonio, historia cultural, ficción y ensayo, y al ser "literatura de viaje", discuten de manera rica y compleja una determinada geografía.

A partir de una poética del viaje, se evidencia que escribir es, también, postular una filosofía de la historia: en su caso específico de germanista, preguntarse por la relación entre Mitteleuropa y Europa. Todo esto, desde una perspectiva histórica situada en un momento de crisis intelectual de finales de los años 80.

2. La metáfora del agua como filosofía de la Historia

Por la amplitud de temas abordados y ser, quizá, el primero en hacer una exposición razonada de los hechos, Heródoto es considerarlo el padre de la Historia. Sin embargo, por su metáfora del río que constata el irreversible flujo de las aguas,

Heráclito bien podría ser considerado el padre de la filosofía de la Historia. Si la guerra de versiones muestra que determinar el carácter fidedigno de un hecho es ya problemático, más aún lo es establecer su significación: el polisémico término “sentido” (en el que las nociones de *esencia* y *movimiento* se confunden) ya lo revela. Transparente e insondable como el tiempo, el flujo de las aguas es aquí utilizado como metáfora del movimiento de la historia.

Una de las principales contribuciones de la *Escuela de los Annales*, de la que Fernand Braudel fue el principal animador de su segunda generación, es la de haber ampliado el abanico de elementos para reformular la pregunta por el sentido de la historia, considerando desde sus dimensiones “económicas y sociales” (en su primera etapa, bajo influencia de Marc Bloch y Lucien Febvre), hasta los problemas ideológicos, con énfasis en la historia de la cultura y de las ideas y la “historia de las mentalidades” (como se observa en la tercera etapa, con Jacques Le Goff y Pierre Nora a la cabeza). *El Mediterráneo y el mundo mediterráneo en la época de Felipe II*, obra pionera que toma el agua y una región concreta para reflexionar sobre una determinada formación cultural, fue escrita durante los años 40, en un campo de concentración cercano a Lübeck, Alemania.

“Apoyado en una tablilla que sostiene sobre sus rodillas”, Braudel escribe “de memoria” —sin sus notas de archivo a la mano— su voluminoso trabajo, como “una manera de conservar el ánimo enhiesto, de mantener las esperanzas”. En el proceso de investigación, después de haberse movido por mucho tiempo “en tinieblas, como a tientas”, y de haber visitado “con verdadera alegría todos los países y casi todos los archivos del Mediterráneo”, había terminado por descubrir el quid de su estudio entre finales de 1934 y principios de 1935, cuando consultó los archivos de Dubrovnik (Ragusa), en Yugoslavia. Ahí se le reveló ciertamente, en su más profundo significado, el “Mediterráneo económico” del siglo XVI: “conjunto de tráficos, intercambios, productos, precios y dimensiones de los principales mecanismos económicos” que articularon durante ese siglo, que en realidad se extiende desde 1450 hasta 1650, “la vida del más grande mar de todo el Viejo Continente”. (GAMBOA OJEDA, 1997, p. 35)

Esta monumental obra, decisiva en la interpretación de los orígenes y consolidación del capitalismo, propone una comprensión de la historia considerando tres formas de la temporalidad – que curiosamente recuerdan el flujo de las aguas: “En la superficie, una historia del acontecimiento, que se inscribe en el tiempo corto (...) en medio una historia coyuntural, que sigue un ritmo más lento (...) en lo profundo, una

historia estructural, de larga duración, que tarda siglos.” (BRAUDEL apud GAMBOA OJEDA, 1997, p. 39). Dicho con más detalle:

La historia se sitúa en niveles diferentes, fácilmente diría yo tres niveles, aunque es una manera de hablar, simplificando mucho. En la superficie, una historia evenemencial [sic] se inscribe en el tiempo corto: es una microhistoria. A nivel medio, una historia coyuntural sigue un ritmo más amplio y más lento. Hasta aquí se la ha estudiado, sobre todo, en el plano de la vida material, de los ciclos o interciclos económicos [...] Más allá de este “recitativo” de la coyuntura, la historia estructural o de larga duración trabaja con siglos enteros; la historia estructural se mueve en el límite del movimiento y de la inmovilidad y, mediante sus valores fijos durante largo tiempo, está considerada como invariante en relación a otras historias, más vivas en su discurrir y cumplimiento y que, en suma, gravitan en torno a ella. (BRAUDEL apud CHARTIER, 2005, p. 51)

Está ahí puesto, por lo tanto, el modelo de investigación que, tomando una región marítima o ribereña, la observa como espacio de cultura y la indaga en sus diversas realidades sociales para sacar a la luz las diversas capas que la constituyen, de manera que todo hecho histórico es considerado en los diversos estratos que lo conforman. La riqueza de ese método ha generado discípulos. Bajo ese espíritu, Giovanni Arrighi escribe *El largo siglo XX*, fundamental obra en la que, preguntándose por el capitalismo contemporáneo, se hunde en el pasado de la formación de este sistema económico para entender sus diferentes temporalidades y cómo ellas convergen en los rasgos que lo caracterizan en la actualidad.

El Danubio representa un hito en la serie de libros que se valen de la metáfora del río y del fluir de sus aguas como espacio privilegiado para reflexionar sobre la complejidad de los procesos históricos de una determinada región; indagando en su historia cultural, intenta comprender su *civilización material*. La historia, así, no es sólo económica, política, de guerras, de grandes personajes y efemérides. Lo es también de los objetos menores, de las subjetividades, de aspectos que parecen excluidos de la historia.

Aforista supremo, Augusto Monterroso escribió en *Lo demás es silencio*: “Cuando el río es lento y se cuenta con una buena bicicleta o caballo sí es posible bañarse dos (y hasta tres, de acuerdo con las necesidades higiénicas de cada quién) veces en el mismo río.” (MONTERROSO, 1978, p. 64) Al hacer historia cultural, Magris se hunde en los

diferentes niveles y tiempos de las aguas que cortan el Danubio, y pacientemente indaga en sus objetos.

Claudio Magris, germanista nacido en la frontera con Eslovenia, es un triestino que ha escrito obras en las que reflexiona sobre las culturas de aquello que geográfica y políticamente se denomina “Mitteleuropa”, es decir, los territorios que en diversos momentos de la historia han estado bajo la órbita alemana. Desde su tesis de doctorado *El mito habsbúrgico de la literatura austriaca moderna* (1963), pasando por *El Danubio* (1986), *Microcosmos* (1997), *El infinito viajar* (2005), incluyendo *Trieste: Una identidad de frontera* (1982), en colaboración con Angelo Ara, se ha dedicado a indagar sobre la historia cultural de esta región.

En *El Danubio*, el carácter relacional impregna la reflexión sobre cada figura o hecho concreto, de manera que, desde el comienzo del libro, los fragmentos mezclan sus aguas, y lo que comienza en su Trieste natal aún se mantiene, diluyéndose, en la incierta frontera del Mar Negro.

¿Dónde nace el Danubio? Desde el comienzo, todo en el río será incierto:

Aquí nace el brazo principal del Danubio, dice aquella placa junto a la fuente del Breg. Pese a esta declaración lapidaria, el plurisecular debate sobre las fuentes del Danubio sigue todavía candente y es incluso responsable de animadas discusiones entre las ciudades de Furtwangen y Donaueschingen. Para complicar las cosas se ha añadido recientemente, además, la atrevida hipótesis sostenida por Amedeo, apreciado sedimentólogo y secreto historiógrafo de errores, según la cual el Danubio nace de un grifo. Sin pretender resumir la milenaria bibliografía sobre el tema, que va desde Hecateo, el predecesor de Herodoto, hasta los fascículos de la revista *Merian* en los quioscos, baste recordar las épocas para las cuales el Danubio tenía unas fuentes tan desconocidas como el Nilo, en cuyas aguas por otra parte se refleja y se confunde, si no *in re*, sí por lo menos *in verbis*, por las comparaciones y paralelismos entre los dos ríos, que se han sucedido durante siglos en los comentarios de los doctos. (MAGRIS, 2003, pp. 16 – 17)

A la manera del discurso sobre las identidades, el carácter equívoco y polémico se encuentra en las narrativas sobre este río que es reivindicado por culturas que han florecido en sus márgenes. Volviendo a la pregunta, establecer que el Danubio fluye de la Selva Negra al Mar negro no explica mucho. Lo más probable es que sea el lugar histórico en el que se posiciona el observador el que explique ese *sentido*. Y ese no sólo está en Trieste (lugar en que la memoria y los afectos moldean la sensibilidad del ensayista), sino en los convulsos 80 del siglo pasado, que es cuando se escribe el libro y

ante cuyo momento histórico se posiciona: ahí se modela la gramática de la mirada, y de ahí se extraen los puntos de vista que figuran en el texto.

3. Una poética del viaje

Este ensayo de Claudio Magris hace parte de los libros en que el viaje se transforma en una metáfora decisiva para entender la cultura. ¿Por qué se viaja? Históricamente, las razones han sido múltiples. Éstas pueden ser “la peregrinación religiosa, la iniciación, el comercio, la exploración, la conquista, la colonización, la ciencia, la diplomacia, la emigración, el exilio, la educación estética, la indagación antropológica, el ocio o la exclusiva apetencia de exotismo.” (COLOMBI, 2002, p. 18)

Tres formas, sin embargo, son pertinentes aquí:

En *Diario del viaje de un naturalista alrededor del mundo*, publicado en 1839, Charles Darwin relata un viaje de casi cuatro años por América del Sur; en la medida en que las observaciones ahí recogidas le proporcionaron buena parte de sus conocimientos, podría decirse que más que sobre el tiempo y el espacio, ese viaje fue hecho hacia *El origen de las especies* (1859), suerte de *big bang* de la vida en la tierra.

Por su parte, Alexander von Humboldt representa la figura emblemática del viaje de investigación y desencantamiento del mundo – prototípico de la modernidad ilustrada. Su *Viaje a las regiones equinocciales del Nuevo Continente*, extensa obra escrita junto con Aimé Bonpland en el tránsito del XVIII al XX, constituye una ineludible cartografía sobre la geografía humana realizada desde un espíritu humanista e ilustrado.

Al mismo tiempo, precursor de la subjetividad burguesa, Goethe emprende su *Viaje a Italia* entre 1786 y 1788. Tras recorrer Venecia, Ferrara y Florencia, llega a Roma, ciudad que lo hace escribir: “Todos los sueños de mi juventud están ahora vivos ante mí; los primeros grabados que recuerdo –mi padre había colgado en una antesala las vistas de Roma– las veo ahora tal como son en realidad, y todo cuanto conocía desde hacía tiempo por cuadros y dibujos, grabados sobre cobre y madera, modelos de yeso y corcho, se encuentra ahora reunido a mi alrededor.” (GOETHE, 2001, p. 140) Ahí, contribuye a la tradición germánica que buscará en el renacimiento la expresión de continuidad con la cultura europea (célebre es el deslumbramiento que sintió ante Tiziano, el Quirinal, el *Trionfo di Bacco* e *Arianna* de Caracci, la *Transfiguración* de Sanzio, la Capilla Sixtina, el convento de *Sant’Onofrio*, donde está enterrado Torcuato

Tasso...), y, desde el frío de Turingia, verá en la claridad, el calor, las frutas y la naturaleza mediterráneas el triunfo de la vida. Con ese viaje, consolida su visión del romanticismo clasicizante que lo tornará célebre.

En estos tres viajeros, precursores de la sensibilidad burguesa y de la escritura de viajes, es posible sentir el eco de los consejos de Francis Bacon:

Es cosa extraña que en los viajes por mar, donde no puede verse más que mar y cielo, los hombres escriban diarios; pero en viajes por tierra, donde hay tanto que observar, generalmente lo omiten; como si el riesgo fuera más apropiado para registrar que la observación. Que se introduzca por lo tanto el uso de los diarios. (BACON, 1950, p. 9)

Karl Kraus, el escritor que incendió Viena con sus explosivos textos desde el umbral del siglo XX hasta la llegada del nazismo con de su revista “La Antorcha”, a pesar de admirar la riqueza espiritual femenina, que solía elogiar, dijo en un aforismo profundamente misógino: “No hay nada más insondable que la superficialidad de la mujer.” (KRAUS, 2010, p. 19) Para hundirse en lo más profundo de la cultura de la Europa central, Claudio Magris se extiende y se expande por la dilatada superficie del Danubio.

Conviene recordar, siempre, el principio de todo ensayista, de acuerdo como lo fundó Montaigne, quien el 12 de junio de 1580 escribe en la presentación de sus *Essais*: “quiero sólo mostrarme en mi manera de ser sencilla, natural y ordinaria, sin estudio ni artificio, porque soy yo mismo a quien pinto. Mis defectos se reflejarán a lo vivo: mis imperfecciones y mi manera de ser ingenua, en tanto que la reverencia pública lo consienta.” (MONTAIGNE, 1997, p. 31)

De esta manera, el ensayo es, al mismo tiempo que reflexión, una autobiografía intelectual: al escribir sobre “lo otro”, el ensayista escribe sobre “sí mismo”. Al delinear y hacer el recuento de lo que está afuera, el ensayista delinea los contornos de su propio rostro. En ese espíritu, Magris se pone como Magris, empapando su texto con sus datos biográficos, sus lecturas, su historicidad y sus gustos.

El Danubio es la aventura de un viajero que explora, se mueve, quiere conocerlo todo de primera mano, pero también es la de un lector. En *El alma y las formas*, escrito en alemán por el húngaro Georg Lukács, y que frecuentemente es citado en la obra del triestino, puede leerse:

El momento crucial del crítico, el momento de su destino, es, pues, aquel en el cual las cosas devienen formas; el momento en que todos los sentimientos y todas las vivencias que estaban más acá y más allá de la forma reciben una forma, se funden y adensan en forma. Es el instante místico de la unificación de lo externo y lo interno, del alma y de la forma. (LUKÁCS, 1985, p. 25)

El viaje bordeando el río no sólo es para observar “directamente” (ser de cultura, ¿es posible que el ser humano vea algo “a simple vista”, “a ojo desnudo”? Para Platón, conocer es, en realidad, reconocer) aquello sobre lo que se quiere reflexionar, cosa que hacen los testigos —y que frecuentemente es el material de primera mano de la literatura de viajes—, sino para situar geográficamente alguna figura sobre la cual ya ha leído u oído. De esta forma, el libro de Magris es una reflexión en segunda instancia de algo que ya se conoce y circula en la historia o en el imaginario cultural. Por lo tanto, en *El Danubio* se viaja a través de la vasta, compleja, contradictoria y caudalosa geografía de discursos que se han producido sobre las regiones que sus aguas surcan. La civilización material a la que se asoma el lector está determinada por el punto de vista de Claudio Magris, que combina lo observado con las leyendas, la literatura, los libros de historia, en fin, los discursos que le permiten realmente “observar”.

A diferencia de los humanistas de los siglos XVIII y XIX que se colocaban como pura subjetividad, que confiaban en el poder de sus propias impresiones para dotar de sentido lo visto, el libro de Magris, viaje cultural, se posiciona ante los discursos que han contribuido a la formación y consolidación de la cultura danubiana.

A la manera de Humboldt o Goethe, que (yendo más allá de la visión turística del *grand tour*) hicieron del viaje un instrumento para conocer otras geografías, o un elemento central en la formación del hombre burgués (el célebre *Bildungsreise*, cuya expresión literaria más significativa quizá sea *Los años de aprendizaje de Wilhelm Meister*, de Goethe), o aún del romanista Ottmar Ette, que ve en el viaje la forma privilegiada para entender las “Eras” de la cultura de la modernidad, el libro de Magris, a la sombra de esta vigorosa tradición, se propone reflexionar sobre la historia de esas culturas que enraizaron sus cimientos en las aguas barrosas del extenso Danubio.

4. ¿Mitteleuropa o Europa?

Con frecuencia, Claudio Magris es presentado como “escritor europeo” o representante de “la literatura europea”², a pesar de que *El Danubio* se abisma preponderantemente en los países de la Europa central.

Trieste, Eslovenia, Suiza, Alemania, Austria, Eslovaquia, República Checa, Hungría, Croacia, Serbia y otros países balcánicos, Moldavia y Ucrania, no son principalmente nombrados en cuanto tales, sino las ciudades o regiones por donde el Danubio transita, en una atención a lo particular y concreto. El Estado-nación, esa abstracción que el juego político y los intereses económicos que la modernidad capitalista produjo, son entidades fantasmales que en el libro ceden paso a la mirada que se pone sobre una formación cultural que, geográficamente, termina, diluyéndose o mezclándose sin saber exactamente dónde, en algunos charcos que se tornan el Mar Negro. Afirma el autor en las últimas páginas del libro:

El delta, para Sadoveanu, es también una cuenca de pueblos y gentes, como si el Danubio llevara al mar y esparciera a su alrededor, desbordando sobre las riberas, detritus de siglos y de civilización, fragmentos de la historia. Pero estos residuos tienen una vida breve, se arrojan sobre las orillas en la estación de la inundación y desaparecen en el suelo, como las hojas y las demás escorias traídas por el río; las historias del Danubio, dice Sadoveanu, nacen y desaparecen en un soplo, como un charco que se seca. [...] ¿Dónde termina el Danubio? En este incesante acabar no existe final, existe solo un verbo en infinitivo. [...] Me encamino hacia el mar, curioso por ver la desembocadura, por hundir mi mano y mi pie en la mezcla del traspaso o bien por tocar la solución de continuidad, el hipotético punto de disolución. El polvo se convierte en arena, la tierra ya es la duna de la playa, los zapatos se embarran en charcos que tal vez ya son desembocaduras, mínimas bocas torcidas en las que se desangra el Danubio. [...] La atmósfera es bochornosa, tengo sed, alguien me grita algo desde lejos pero no le entiendo, los cerdos siguen hozando alrededor de los grandes pájaros de hierro, el Danubio es el pantano en el que hunden el hocico, y desde ninguna parte desciende al mar el agua clara de la que habla el viejo libro, ¿por qué nuestro viaje tendría que terminar en la nada?, se pregunta un verso de Arghezi. (MAGRIS, pp. 362, 363, 368, 369)

La percepción es tan incierta que el ensayista observa a lo lejos aquello que en la época aún se denominaba Unión Soviética, síntesis arbitraria que comprendía diversidad de pueblos y culturas, y se pregunta si tras las aguas, en esa nebulosa

² Véase el recurrente uso de la fórmula en “Claudio Magris. Entre el Danubio y el mar. Itinerario de un escritor”, de 0’50” a 1’27”, aunque la expresión se repite con mucha frecuencia en este y otros documentos.

distante, no sobreviviría algo del Danubio. Y como de historia cultural se trata, es probable que exista una simbiosis entre el espacio geográfico y el “yo” que ahí se modela:

Al igual que cualquier frontera, incluidas las de nuestro yo, también el Pruth es una línea imaginaria, más allá de la cual la hierba es igual a la que crece en nuestra orilla. Es posible que la cultura danubiana, que parece tan abierta y cosmopolita, eduque también en esta cerrazón y en esta ansia; es una cultura que, durante demasiados siglos, ha estado obsesionada por la contención, por el baluarte contra los turcos, contra los eslavos, contra los demás. (MAGRIS, 2003, p. 359)

No. El libro no aborda preponderantemente la Europa que el “eurocentrismo” ha consolidado. Aquí no están las culturas del mediterráneo ni la herencia grecolatina, cuna de las artes de la oratoria, de la historia o la especulación filosófica. No está el teatro helénico ni el derecho romano, y menos aún el trazado de vías y acueductos que legitimaron la frase “todos los caminos conducen a Roma”, y que se extendió como modelo para buena parte del mundo “europeizado”. Aquí no está el legado Ibérico, ni la Capilla Sixtina o el exuberante y recargado barroco, ni sus vidrios de verde botella, ni las cúpulas de sus catedrales. No está el Iluminismo ni el enciclopedismo francés, ni la “doble revolución” que marca el esplendor y decadencia de la idea de “modernidad”, que es “europea”. No está el legado de la toma de la Bastilla ni las transformaciones del paisaje industrial de Inglaterra a partir de las leyes de tierras y la máquina de vapor de James Watt. No están, ni siquiera, los razonadores germánicos que, en la filosofía, instituyeron el primado de la Razón, ni que afirmaron que todo lo real es racional, ni que la Historia es una aventura del Espíritu. No están, por lo tanto, los que identifican “Europa” con Razón, Esclarecimiento y Civilización, ni están sus críticos dialécticos, como Marx y Engels, ni sus apocalípticos como Nietzsche o Spengler, que la consideraban agotada. Tampoco están los que, en la mejor tradición de la filosofía alemana, fueron notables en construir coherentes y sistemáticos edificios conceptuales que explicaban, sin que nada se les escapara, el sentido de la modernidad entendida como aventura “europea” del pensamiento – y cuyas contradicciones, ya se ve ahora, posibilitaron la institución del pensamiento posmoderno. No.

La Europa central sobre la que aquí se reflexiona es la que se debate entre la *Großdeutschland* (“Gran Alemania”) y la *Kleindeutschland* (“Pequeña Alemania”), cuyas tensiones no resueltas produjeron una significativa cultura durante los últimos

cuatrocientos años, de esplendor y barbarie, y desencadenaron conflictos que marcaron profundamente a la alta modernidad de los siglos XIX y XX. Situada al final de ese ciclo (¿era realmente el final?), a mediados de los 80, la voz ensayística de este libro traza un recorrido por esas culturas para establecer un balance provisional. Por lo tanto, son estos territorios, responsables por cierta Europa y cierta modernidad, los que se abordan en esta obra.

Como afirma el profesor Antoni Martí Monterde en su discurso de presentación del doctorado Honoris Causa que la Universitat de Barcelona concedió a Claudio Magris en 2011:

El Danubio (1986) puede leerse como el viaje de alguien que, siguiendo este río, va descubriendo aquello que tiene que ver con él mismo cada uno de los lugares que atraviesa –toda Europa central–, percatándose de que sus orígenes son inciertos, y su destino la disolución en el mar de toda certeza sobre la propia identidad; además, en este viaje descubre que todo lo que en principio era considerado ajeno se desvela como propio, que la historia de los otros resulta que no es sino la propia historia ignorada. (MARTÍ MONTERDE, 2011, pp. 28 -29)

En este libro, es la Europa central la que absorbe la idea de Europa, y la atrae a la órbita de su proceso histórico.

5. ¿Rin o Danubio?

A pesar de que la lengua materna de Magris sea el dialecto triestino, aquí se trata del libro de un eminente y notable germanista.

Sin embargo, no es el Rin, con sus afluentes Mosela (de dulces vinos), Meno o Elba; menos aún el Óder, que recibe las aguas del Inn y que también conecta con el Danubio y, de acuerdo con Magris, es más azul que éste. (MAGRIS, 2003, pp. 113 – 114) Por el contrario, para su viaje intelectual, escoge la transversalidad del Danubio.

Si *El viaje a Italia* de Goethe es el de un alemán deseoso de atemperar su clasicismo con el espíritu del renacimiento, y el del humanista von Humboldt en culturas no europeas para confirmar el humanismo ecuménico, este libro constituye un viaje hacia “la cuestión alemana”.

Recuperando el espíritu de la oposición decimonónica entre la *Großdeutsche Lösung* y la *Kleindeutsche Lösung*, pugna de posturas para unificar, o bien todos los pueblos germánicos, o sólo los del Norte, excluyendo Austria (en sus diversas

colaboraciones a la “Nueva Gaceta Renana”, Karl Marx colocaba esta encrucijada en un ángulo distinto), Claudio Magris toma como objeto de reflexión la disyuntiva entre una Gran y una Pequeña Alemania, situándose, como germanista, del lado de la primera, la “Gran Alemania”. Por eso, elige el Danubio para navegar a través del interior de su territorio. El posicionamiento es claro:

Desde la *Canción de los Nibelungos*, Rin y Danubio se enfrentan y se desafían. El Rin es Sigfrido, la virtud y la pureza germánica, la fidelidad nibelunga, el heroísmo caballeresco y el impávido amor del hado del alma alemana. El Danubio es la Panonia, el reino de Atila, la marea oriental y asiática que al final de la *Canción de los nibelungos* trastoca el valor germánico; cuando lo vadean los burgundios, para encaminarse a la desleal corte hunica, su destino —un destino alemán— está marcado.

El Danubio está a menudo envuelto en un halo simbólico antialemán; es el río a lo largo del cual se encuentran, se cruzan y se mezclan gentes diversas, en lugar de ser, como el Rin, un místico guardián de la pureza de la estirpe. Es el río de Viena, de Bratislava, de Budapest, de Belgrado, de la Dacia, la cinta que atraviesa y ciñe, de la misma manera que el océano ceñía el mundo griego, la Austria de los Habsburgo, que el mito y la ideología han convertido en símbolo de una *koiné* plural y supranacional, el imperio cuyo soberano se dirigía «a mis pueblos» y cuyo himno era cantado en once lenguas diferentes. El Danubio es la Mitteleuropa alemana-magiar-eslava-romanza-hebraica, polémicamente contrapuesta al *Reich* germánico, una ecumene «Hinternacional», como la exaltaba en Praga Johannes Urzidil, un mundo «detrás de las naciones». (MAGRIS, 2003, p. 26)

De esta forma, *El Danubio* constituye un viaje por las culturas de la Mitteleuropa intentando ver cómo esta región aún carga con las consecuencias de la contradicción no resuelta entre los afanes de pureza de una pequeña y exclusiva Alemania, y “la ecúmene” de una gran Alemania. Optando por esta última, el escritor triestino indaga las diferencias y semejanzas de sus culturas, lo que tiene de Oriente, desde el Imperio Otomano, las fronteras con Turquía y en general el Sur, o de judía, a fin de indagar lo que aproxima y distancia a alemanes, húngaros, checos, austriacos, rumanos, búlgaros... Se trata, por lo tanto, de entender el germanismo de manera compleja, para entender sus sueños de pureza y autenticidad amenazados por el fantasma de la hibridación, de la mezcla, de la dilución, así como la forma en que históricamente se han manifestado estas contradicciones.

En ese viaje, es de fundamental interés mostrar que en el corazón de la oposición imaginada entre los ideales del Rin y del Danubio se puede pensar la historia de la

modernidad – y que también está en la idea de “Europa” como proceso cultural e histórico. Porque a partir de la reflexión organizada en este libro es posible pensar las condiciones que marcan el auge y decadencia de los Estados coloniales, el mundo administrado de la modernidad capitalista, la ascensión del nazismo, la alternativa comunista y su decadencia. Asimismo, su proceso histórico ha desencadenado la escritura de libros paradigmáticos sobre el sentido y los límites de la modernidad, como *El asalto a la razón*, de Lukács, o la *Dialéctica del Iluminismo* – a la que confiere potencial explicativo: “dialéctica de progreso y violencia que, según el famoso análisis de Adorno y Horkheimer, acosa a nuestra civilización en una espiral fatal.” (MAGRIS, 2003, p. 249) Hablando sobre esa región específica, muchas de sus ficciones, como las de Canetti o Kafka, poseen enorme potencial metafórico para pensar el Estado moderno y el mundo administrado que se ha expandido a escala planetaria. Miradas dislocadas: para los lectores que no pertenecemos a ese sistema cultural, es posible percibir que lo que ahí ocurre es decisivo para la historia del siglo XX.

Subiendo a la embarcación dirigida por Claudio Magris para fluir y hundirse en la cultura del Danubio es posible avistar, desde el comienzo de sus páginas, publicadas en 1986, los campos de concentración del nazismo (Auschwitz y Dachau), y entender la poesía de Paul Celan, marcada profundamente por esta experiencia. Aquí también están “Josef Mengele, el médico carcelero de Auschwitz, probablemente el más atroz asesino de los Lager” (MAGRIS, 2003, p. 83), Adolf Eichmann, el “tecnócrata del mal” (MAGRIS, 2003, p. 105) y Linz, la ciudad de Hitler.

La embarcación también conduce a la contradictoria Viena, cuya refinada cultura, identificada con sublimes vales, esconde una sociedad miserable e insatisfecha – contradicción que sirvió para que uno de sus más ilustres hijos, en la casa situada en Bergasse, 19, descendiera “al Caronte. En el vestíbulo se ven sombrero y bastón, como si Freud hubiera acabado de llegar... en la pequeña sala de espera quedan unos cuantos libros de la verdadera biblioteca de Freud: Heine, Schiller, Ibsen, los clásicos que le enseñaban la discreción, el rigor y la *humanitas* indispensables para descender a los infiernos.” (MAGRIS, 2003, p. 189)

Hundiéndose en otro corte transversal por el río, en otro momento del pasado, es posible avistar los secretos de alcoba que condujeron a la “tragedia de Mayerling, la misteriosa muerte de Rodolfo de Habsburgo y de María Vetsera en el pabellón de caza el 30 de enero de 1889” (MAGRIS, 2003, p. 158), o el aún más dramático y decisivo

asesinato del archiduque Francisco Fernando, que desencadenaría no solo el fin del imperio austrohúngaro y con él el de dos Estados coloniales, sino también el del comienzo de la Primera Guerra Mundial. Apocalíptico, el ensayista sentencia: “La herida de aquel 28 de junio de 1914 sigue abierta, para toda Europa. Es posible que la cierre desastrosamente una tercera y definitiva catástrofe, porque dos guerras mundiales no han restaurado de modo estable el equilibrio roto en Sarajevo.” (MAGRIS, 2003, p. 168) Diagnóstico que se confirmó, prenunciando la terriblemente cruenta guerra de Bosnia entre 1992 y 1995.

Ahí también está el Café Central que frecuentaba un tal “Bronstein alias Trotsky, tan a menudo que un ministro austriaco, informado por los servicios secretos de los preparativos revolucionarios en Rusia, había contestado, según la famosa anécdota: «¿Y quién va a hacer esa revolución en Rusia? ¿No será ese tal señor Bronstein, que se pasa el día entero en el Café Central?»” (MAGRIS, 2003, p. 155)

En la ciudad imperial, visita la casa en que Franz Kafka murió, en la KIERLING, HAUPTSTRASSE, 187. Valiéndose del recurso kafkiano de narrar lo atroz con una voz impasible, casi de notario, para retirar cualquier rasgo de dramatismo, Magris anota “En una sala de estas habitaciones, el 3 de junio de 1924, murió Kafka. La casita de dos pisos, que hoy alberga viviendas modestas, era el sanatorio del doctor Hoffman en este pequeño pueblo cerca de Klosterneuburg, en el que Kafka confiaba en curarse y donde pasó sus últimas semanas. En el suelo de la entrada, una inscripción dice «Salve». La habitación de Kafka daba al jardín, probablemente en el segundo piso” (MAGRIS, 2003, p. 149)

Dejándose llevar por el fluir de las aguas, también está la Praga del 68 así como el espíritu “post-utopías” que se estaba apoderando del pensamiento en los 80. Sobre él, Claudio Magris escribe:

Como ha dicho Augusto del Noce, *El asalto a la razón* está sostenido por el secreto temor de que Nietzsche pueda prevalecer sobre Marx. En las sociedades occidentales ha ocurrido y está ocurriendo precisamente eso: el juego de las interpretaciones, la voluntad de poder hundida en el automatismo de los procesos sociales, la capilar, tentacular y difusa organización de las necesidades, un indiferenciado flujo libidinal colectivo parecen haber suplantado al pensamiento que descubre las leyes de lo real para cambiarlas y cita a juicio al mundo para cambiarlo. La cultura-espectáculo parece haber derrotado la idea de revolución. (MAGRIS, 2003, p. 174)

Contrario al anticomunismo de ocasión que amenazaba convertirse en *Zeitgeist*, el viaje recupera diferentes temporalidades para hacer emerger en toda su complejidad los procesos históricos que sólo así pueden comprenderse. Ante un conjunto habitacional del que esos años de deshielo realzaban toda su grisura, el autor levanta su bandera ética:

El famoso e inmenso conjunto de viviendas obreras construidas por la «Viena roja», el municipio socialista, después de la Primera Guerra Mundial, nació de la voluntad de reformar, de una confianza en el progreso, del intento de construir una sociedad diferente, abierta a nuevas clases y destinada a ser guiada por estas. Hoy resulta fácil sonreír ante esta uniforme grisura cuartelera. Pero los patios y los parterres poseen cierta melancólica alegría, hablan de los juegos de los niños que, antes de estas casas, habitaban en tugurios o en ratoneras sin nombre y del orgullo de las familias que en estas casas, por primera vez, tuvieron la posibilidad de vivir con dignidad, como personas. (MAGRIS, 2003, pp. 182 – 183)

De esta forma, a pesar de la *longue durée* que anima la reflexión, el ensayo de Magris coincide en focalizar *El breve siglo XX* de Hobsbawm, que, derrotando la idea de números redondos, comienza con las consecuencias del asesinato del archiduque Francisco Fernando y culmina a las puertas de la Caída del Muro de Berlín. Como si bajo la superficie de las aguas del Danubio hubiera un iceberg, la historia profunda sale a flote, dotando de nítidos contornos los rostros que el viento, en la superficie, altera y desdibuja.

6. Un humanista ante las puertas del Muro de Berlín

En “Ante la Ley” (cuento escrito en llave alegórica en la medida en que la modernidad había erosionado la capacidad expresiva del lenguaje – como ya lo constataban en diferentes registros Kraus, Benjamin, Adorno, Wittgenstein y otros notables pensadores de la cultura alemana), un campesino, por voluntad propia, va ante las puertas de la Ley. Se trata de unas puertas enormes y, como descubre por el guardián, intransponibles. Sin atreverse a cruzarlas, pero sin retirarse, permanece ahí, esperando que se abran para él, hasta el final de sus días. Sólo en el último suspiro descubre que la entrada siempre le estuvo franqueada, pues habían sido hechas expresamente para él. (KAFKA, 2003, pp. 125 – 126) Como toda alegoría, este relato se mantiene en el territorio de lo indiscernible. Pero lo que postula es ineludible.

El Danubio evidencia la época histórica en que fue pensado y escrito. Leyendo los signos de la caída del Muro de Berlín y de la URSS, y a pesar de ser crítico de lo que se denominaba “socialismo real” (particularmente opresivo en los países del Este, que bañan las aguas del Danubio), critica a los apresurados heraldos del triunfo del capitalismo (cautela acertada, sobre todo teniendo en cuenta la crisis actual por la que ese sistema pasa). En la voz narrativa que conduce la reflexión, se percibe cierto distanciamiento crítico para no dejarse confundir por el brillo y las ondas que reverberan en la superficie de las aguas y los fenómenos.

En este ensayo de evaluación, aprecia la diversidad que observa a lo largo de su viaje, revaloriza las culturas “menores”, cuestiona las interpretaciones inmediatistas y descrece de las monumentalizadoras, propias de reflujos nacionalistas (en el personaje “Kitanka”, la joven que los guía por territorios búlgaros, Magris coloca a una joven de extraordinaria vitalidad, aunque poco crítica ante la ideología del Estado: Renan afirmaba, como lo recuerda Benedict Anderson en *Comunidades imaginadas*, que una nación está conformada por personas que comparten la memoria y el olvido). Crítico del capitalismo y del “socialismo real”, tampoco se acoge a una “tercera vía”, que en ese momento estaba en boga. Lo que se observa en esos años nebulosos es la postura de un humanista. Volviendo al conjunto habitacional de la “Viena roja”, escribe:

Este monumento de la Modernidad encarna muchas ilusiones progresistas del período entre las dos guerras, que se derrumbaron, pero pone en evidencia también la realidad de un gran progreso, que solo una atrevida ignorancia puede subvalorar. En 1934, estas casas fueron el centro de la gran insurrección proletaria de Viena, que Dollfuss, el canciller austrofascista, reprimió con sanguinaria violencia. La derecha es patriótica, pero dispara con mayor frecuencia y gusto sobre sus propios compatriotas que sobre los invasores de la patria. Hoy nos sentimos huérfanos de esa modernidad y de sus promesas; Viena, en los años del exilio entre las dos guerras, fue también el teatro del mundo sobre cuyo escenario se derrumbaron, como alegorías barrocas, muchas certidumbres ideológicas y grandes esperanzas revolucionarias. (MAGRIS, 2003, p. 183)

En *El Danubio*, Claudio Magris se coloca como un humanista ante el muro de Berlín: ese momento histórico es la esfinge a la que debe dar respuesta para no ser devorado por ella.

7. Conclusión: ¿Novela? ¿Ensayo?

Mientras viaja por el Danubio, la voz narrativa recuerda haber visto en un Museo de la Ciudad de México una tabla denominada “Las castas”, en la cual, dieciséis viñetas exponen los diferentes tipos de mestizaje que resultan de ir mezclando, en *degradé*, las razas. En una especie de *in crescendo*, en cada uno de los niveles se encuentra una raza “más degradada”, en un descenso a los niveles de la más absoluta bastardía. De esta forma, “el Mestizo, hijo del Español y de la India, el Castizo, su hijo, el Mulato al que una Española regala un adornado Morisco y así sucesivamente hasta el Chino, el Lobo, el Jíbaro hijo del Lobo y de la China, el Albarazado hijo de la Mulata y del Jíbaro y padre de un Cambujo, padre a su vez de un Zambaigo.” (MAGRIS, 2003, pp. 30 – 31) Exasperado por tan paranoico afán taxonómico, llega ante la penúltima viñeta, donde “el fruto de los amores del Tente en el aire y de la Mulata deja perplejo el talento nomenclatorio del anónimo clasificador, que, en efecto, lo define como *Noteentiendo*.” MAGRIS, 2003, p. 31)

La búsqueda por la pureza revela que, en realidad, no hay tal. Y al final de ese recuento, descubre que la tabla sirve para entender la cultura del Danubio – y de sí mismo:

Ese Danubio que es y que no es, que nace en varias partes y de varios padres, nos recuerda que cada uno de nosotros, gracias a la múltiple y oculta trama a la que debe su existencia, es un *Noteentiendo*, como los pragueños de apellido alemán o los vieneses de apellido checo. Pero esta tarde, a lo largo del río que en verano, nos dicen, a veces desaparece, el paso junto al mío es tan irrefutable como el curso de agua y en su onda, siguiendo la curva de las riberas, es posible que sepa quién soy. (MAGRIS, 2003, p. 31)

Siguiendo ese mismo principio, en la época contemporánea, la escritura, experimentando diversas posibilidades, ha dado origen a diversos tipos de textualidades. De acuerdo con el testimonio de su autor, la gestación de *El Danubio* fue incierta:

Cuando comencé a realizar los viajes por el Danubio escribía, tomaba apuntes, sin saber bien a bien qué iba a encontrar. Pude percatarme de qué clase de libro estaba elaborando cuando ya llevaba escrito la mitad de él. Cuando tuve la idea de Liubliana, la idea de seguir el recorrido del río, aún no sabía si escribiría un reportaje, que no ha sido el caso; si resultaría una novela sumergida, como ha sucedido; si ese personaje que decía “yo” realmente era yo, como cuando escribo, en primera persona, mis artículos para el *Corriere della Sera*; o bien si

era un personaje inventado que ostenta muchas cosas de mí pero que es, de cualquier manera, un personaje ficticio. Los colores fueron apareciendo cuando entendí, en un cierto momento, qué tipo de libro era el que estaba surgiendo, y fue entonces que comencé a ubicar sus diferentes planos narrativos. El esquema no aparece antes, no existe previamente, se va armando conforme avanza la narración. (MAGRIS, 2015)

“Novela sumergida” o no, a pesar de estar escrita de una forma documental, la ficcionalidad la constituye. En los años setenta, el norteamericano Hayden White afirmó en *Metahistoria. La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX* (1973) que la escritura de la Historia (y en realidad de toda forma discursiva que pretende ser fiel y neutral en su descripción de los hechos) está marcada por modos de discursividad que colocan en entredicho su pretensión de neutralidad.

El libro de Magris posee las cualidades que harían de él una novela. Si el género ha sido practicado con mucha libertad, esta especie de *road novel*, que va circunnavegando el Danubio, está escrita en primera persona, es el testimonio-ensayo del germanista “Claudio Magris”, que viaja en compañía de algunos amigos, que a veces aparecen, junto con otros personajes que van siendo encontrados en la ruta. Con esos elementos, es posible aproximar este género al de la novela. Por eso, en su ensayo, “Desde el otro lado. Consideraciones de frontera”, que figura en *Utopía y desencanto*, afirma:

No sólo existen las fronteras entre los estados y las naciones, establecidas por los tratados internacionales, es decir por la fuerza. También la pluma que garabatea diariamente, como dice Svevo, traza, desplaza, disuelve y reconstruye fronteras; es como la lanza de Aquiles, que hiere y sana. La literatura es por sí misma una frontera y una expedición a la búsqueda de nuevas fronteras, un desplazamiento y una definición de las mismas. Cada expresión literaria, cada forma, es un umbral, una zona en el límite de innumerables elementos, tensiones y movimientos distintos, un desplazamiento de las fronteras semánticas y de las estructuras sintácticas, un continuo desmontar y volver a montar el mundo... Todo escritor, lo sepa y lo quiera o no, es un hombre de frontera, se mueve a lo largo de ella; deshace, niega y propone valores y significados, articula y desarticula el sentido del mundo con un movimiento sin tregua que es un continuo deslizamiento de fronteras. (MAGRIS, 2001, pp. 67 - 68)

Pero la multiplicidad de formas hace que esta “novela sumergida” sea también un libro de viajes, un testimonio, y un ensayo.

Es decir, que la subjetividad que sale es la de un lector, alguien que de entrada admite que su punto de vista se encuentra atravesado por miradas anteriores a la suya, de manera que ya es complejo afirmar que su mirada le pertenezca.

Hablando de *El alma y las formas*, de Georg Lukács, Magris afirma:

el ensayismo es la peripecia, desgarradora y al mismo tiempo irónica, de la inteligencia que advierte la inautenticidad de la inmediatez y la distancia entre la vida y su significado y sin embargo apunta, aunque sea de forma oblicua, a esa trascendencia del significado que resulta inalcanzable en la realidad, pero que brilla en la conciencia de su ausencia y en su nostalgia. (MAGRIS, 2003, p. 242)

Es decir, que el “yo” que aquí se pone, antes que enfrentarse desnudo ante los objetos por primera vez, lo hace cargado de discursos. Colocado ante lo que “no ha visto”, pero se le ha presentado previamente a través de diversas formas del lenguaje (ensayo, historia, literatura, películas, pintura, música, debates), el “yo” accede a una forma de la experiencia más compleja. En ese sentido, el punto de vista que conduce el texto se encuentra en la encrucijada, no exenta de choques, de lo que se ha experimentado previamente y del contacto directo en el viaje.

Siguiendo un camino distinto a la tradición alemana de la filosofía sistemática, la forma aforística y ensayística que viene de Lichtenberg, Schopenhauer y Nietzsche, y desemboca en Lukács, Benjamin y Adorno pone el acento en lo particular, en lo fragmentario, y acepta el desafío de ser una aventura de la inteligencia

Contrario al “yo” que, enamorado de su propia identidad y rechazando lo Otro, sucumbe ante su propio reflejo en las cálidas aguas transparentes, el “yo” que nos conduce por *El Danubio* acepta hundirse en la multiplicidad y turbulencia de las aguas barrosas de la historia que no conocemos, pero que nos constituye, y escuchando las voces ajenas, busca su rostro bajo el cambiante movimiento de las aguas.

REFERENCIAS

- BACON, Francis. “De los viajes.” In: *Ensayistas Ingleses*. Adolfo Bioy Casares [comp.] Buenos Aires: Jackson, 1950, pp. 9- 11.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidad Líquida*. Trad. Mirta Rosenberg en colaboración con Jaime Arrambide Squirru. 3ª reimpresión. Buenos Aires: F.C.E., 2004.
- BRAUDEL, Fernand. “Mares y tiempos de la historia.” Entrevistado por J. J. Brochier y F. Ewald. México: Vuelta, núm. 103, 1985. Disponible en

<https://www.letraslibres.com/vuelta/fernand-braudel-entrevista>. Última consulta: 30 de noviembre de 2019.

CHARTIER, Roger. *El presente del pasado. Escritura de la historia, historia de lo escrito*. Trad. Marcela Cinta. 1ª ed. México: Universidad Iberoamericana, 2005.

“Claudio Magris. Entre el Danubio y el mar. Itinerario de un escritor”. Taro de Tahíche, España: Fundación César Manrique, 2010. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=8oyxgbuLCK4>. Última consulta: 30 de noviembre de 2019.

COLOMBI, Beatriz. *Viajes y desplazamientos en el fin de siglo*. (Tesis presentada con el fin de cumplimentar con los requisitos finales para la obtención del título en Doctor de la Universidad de Buenos Aires en Letras. Orientación; ZANETTI, Susana). Buenos Aires: U.B.A., 2002.

GAMBOA OJEDA, Leticia. “Fernand Braudel y los tiempos de la historia”. In: “Sotavento”, verano de 1997, v. 1, no. 2, p. 33-45. México: Universidad Veracruzana. Disponible en: <https://cdigital.uv.mx/handle/123456789/8744>. Última consulta: 30 de noviembre de 2019.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Viaje a Italia*. Trad. Fanny Garrido de Rodríguez Mourelo. Barcelona: Ediciones B, 2001.

KAFKA, Franz. “Ante la Ley.” In: KAFKA, Franz. *Cuentos completos*. Traducción y prólogo de José Rafael Hernández Arias. Madrid, Ediciones Valdemar, 2003, pp. 125 – 126.

KRAUS, Karl. *Antología de aforismos*. Trad. Guillermo Fernández. México: Revista de la Universidad de México, 2010. Disponible en: http://www.revistadelauniversidad.unam.mx/ojs_rum/index.php/rum/article/view/1914/0. Última consulta: 30 de noviembre de 2019.

LUKÁCS, Georg. “Sobre la esencia y forma del ensayo. (Carta a Leo Popper)” In LUKÁCS, Georg, *El alma y las formas; Teoría de la novela*. Trad. Manuel Sacristán. México: Grijalbo, 1985, pp. 13 – 39.

MAGRIS, Claudio. *El Danubio*. Trad. Joaquín Jordá. 5ª ed. Barcelona: Anagrama, 2003. (Compactos, 149)

_____. “La memoria es la salvación de la vida.” Entrevista realizada por Alejandro García Abreu. In: México: Nexos, 1 de diciembre de 2015. Disponible en <https://www.nexos.com.mx/?p=26952>. Última consulta: 30 de noviembre de 2019.

_____. *Utopía y desencanto. Historias, esperanzas e ilusiones de la modernidad*. Trad. J. A. González Sáinz. 1ª ed. Barcelona, Anagrama, 2001.

MANRIQUE, Jorge. *Poesías*. Edición, prólogo y notas de Jesús-Manuel Alda Tesán. Madrid: Cátedra, 2004. (Letras Hispánicas)

MARTI MONTERDE, Antoni. “Discurso de presentación del Doctor Honoris Causa a Claudio Magris”. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2011, pp. 27 – 37.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifiesto comunista*. Tradução de Álvaro Pina. Organização e introdução de Osvaldo Coggiola. 4ª reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2005.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensayos escogidos*. Traducción de Constantino Román y Salmero. Prólogo de Juan José Arreola. Epílogo "Por el país de Montaigne", de Adolfo Castañón. México: U.N.A.M., 1997.

MONTERROSO, Augusto. *Lo demás es silencio*. México: Joaquín Mortiz, 1978.

Onde está Jonas no Quirguistão – uma tentativa de pertencimento em *Kirgistan gibt es nicht*, de Jan Sprenger

Sofia Froehlich Kohl¹

Michael Korfmann²

Resumo: No artigo em questão, propomos uma análise do romance de estreia de Jan Sprenger, *Kirgistan gibt es nicht* – ainda sem tradução para português –, sob a ótica da necessidade de pertencimento, personificada pelo narrador, vinculada ao conceito de *Heimat* (DORN & WAGNER, 2012). Partimos das resenhas propostas pela Revista Cultural *Perlentaucher* (2012), por Vladimir Balzer (2012), para a *Deutschlandfunk Kultur* e Friederike Gösweiner (2013), para a *literaturkritik.de*. Conjugamos a perspectiva dessas três resenhas para sugerir que a jornada de Jonas não seja entendida nem apenas em relação ao seu não-par romântico, Olga, tampouco apenas como mero cenário para discussão histórica do Quirguistão, mas defendemos o pertencimento³ como Leitmotiv de *Kirgistan gibt es nicht*.

Palavras-chave: Jan Sprenger; Leitmotiv; Pertencimento; *Heimat*; Quirguistão.

Zusammenfassung

In diesem Artikel schlagen wir eine Analyse des Debütromans von Jan Sprenger, *Kirgistan gibt es nicht*, aus der Perspektive des Bedürfnisses nach Zugehörigkeit vor, personifiziert im Erzähler, verbunden mit dem Konzept von *Heimat* (DORN & WAGNER, 2012). Wir gehen von den Rezensionen aus, die vom *Perlentaucher Kulturmagazin* (2012), von Vladimir Balzer (2012), für den *Deutschlandfunk Kultur* und Friederike Gösweiner (2013), für die *literaturkritik.de* vorgeschlagen wurden. Wir kombinieren die Perspektive dieser drei Rezensionen und kommen zu dem Schluss, dass die Reise von Jonas nicht nur in Bezug auf seine romantische (nicht) Partnerin Olga oder einfach nur als ein bloßes Szenario für historische Diskussionen in Kirgisistan verstanden werden kann, sondern wir verteidigen die Frage der Zugehörigkeit als Leitmotiv von *Kirgistan gibt es nicht*.

Schlüsselwörter: Jan Sprenger; Leitmotiv; Zugehörigkeit; *Heimat*; Kirgistan.

1. Introdução

É possível que estejamos mais abertos quando estamos viajando porque sabemos que em breve esse momento passará. E, porque assim é, tentamos ser mais rápidos do que o tempo que ainda nos resta. Então estamos mais abertos porque estamos mais rápidos. E quando pensamos com mais rapidez, agimos mais rapidamente. E quando somos mais rápidos, dizemos coisas que, se fôssemos mais lentos, não diríamos tão rapidamente (tradução da autora).⁴
Kirgistan gibt es nicht (SPRENGER, 2012)

¹ Bacharelada em tradução Português-Alemão na UFRGS; sofia.fk@hotmail.com.

² Doutor em Literatura Comparada e Professor da UFRGS; michael.korfmann@ufrgs.br

³ Sobre isso, *Le monolinguisme de l'autre*, (DERRIDA, 1996).

⁴ Möglich, dass man unterwegs offener ist, möglich auch, dass man deshalb offener ist, weil man weiss, dass es schnell wieder vorbei sein wird. Und weil das so ist, versucht man, schneller zu sein als die Zeit, die man noch hat. Man ist also offener, weil man schneller ist. Man denkt schneller, man handelt schneller. Und wenn man schneller ist, sagt man Dinge, die man, wenn man langsamer wäre, so schnell nicht sagen würde.

A epígrafe que introduz esse artigo é parte do texto que compõe a contracapa de *Kirgistan gibt es nicht* (sem tradução para português), primeiro romance de Jan Sprenger, lançado em 2012, pela editora Rowohlt. De acordo com as informações que o próprio livro oferece, Sprenger estudou história e filosofia e vive na China desde 2006, onde é diretor de uma unidade do Instituto Goethe.

Logo na contracapa, o livro propõe uma reflexão a cerca do potencial humano de adaptação, levado ao extremo quando se viaja só, que pode culminar em um estado de instabilidade emocional.

Em uma viagem, as pessoas são como detritos marinhos, que podem ser capturados ou levados para qualquer lugar. Ainda há pouco se estava sozinho e, de repente, se está em grupo (traduções do alemão feitas pela autora)⁵.

À medida que o tempo do qual dispomos em viagem é breve, nossas reações têm a tendência de ser mais rápidas – pessoas que, em situações normais da vida, teríamos anos para conhecer e delas gostar/desgostar, nos são apresentadas e desaparecem em questão de dias.

*Eu tinha viajado para encontrá-la, pensei, mas isso era um absurdo, porque ela não estava lá, ela iria desaparecer em breve (...).*⁶

A narração do relato de viagem, reflexiva para além da contracapa, é assumida por Jonas, que encontra outros também trilhando suas trilhas e com os quais estabelece relações como os goles de vodka que irrigam seus relatos: breves, intensos - e geralmente com efeitos colaterais. A história é ambientada na Ásia Central, especialmente no Quirguistão, mas descobrimos, conforme Jonas compartilha seus planos de viagem com os demais viajantes, que o tempo transcorrido nesse país é apenas uma fatia da viagem. O Uzbequistão foi a última parada (antes do atual Quirguistão) de um percurso que se desenrola desde a Alemanha e que tem a China como destino.

⁵ Auf so eine Reise sind Menschen wie Treibgut, das sich überall verfangen oder mitgenommen werden kann. Gerade war man noch allein, und plötzlich ist man eine Gruppe (S.124).

⁶ Ich war gereist, um ihr zu begegnen, dachte ich, aber das war Unsinn, weil sie nicht da war, sie würde gleich verschwinden (...) (S.34).

Roger consentiu, e eu disse a ele que meu próximo destino era a China, mas que eu não queria acampar lá, e sim passar a noite em um albergue como todo mundo.⁷

O primeiro capítulo é iniciado com o relato de Jonas a respeito de Olga, a primeira personagem que nos é apresentada (já na primeira linha do primeiro capítulo) e que o narrador-viajante conhece em um hostel de Bishkek. Dentre os mais relevantes para a trama, Olga é a única que originalmente pertence ao cenário, tendo em vista que é ucraniana por nascimento. Jonas a transforma, pouco a pouco, em uma obsessão, procurando aproximar-se dela primeiro casualmente e, por fim (esperançoso depois de episódios de correspondência amorosa) quase alucinadamente.

Fiquei pensando que eu não a conhecia, mas isso não significava que eu não queria abraçá-la e tocá-la, talvez eu quisesse abraçá-la e tocá-la justamente porque parecia a melhor maneira de conhecê-la.⁸

Quando Jonas e Olga se deparam com uma barraca à beira do lago Issyk Kul, conhecem Camille e Roger (um casal de franceses que viaja acampando), pelos quais Jonas e Olga são entendidos como par romântico, o que, de certa forma, os torna realmente um casal: “Agora Olga e eu éramos um casal, e um belo casal, ainda por cima”.⁹ Os quatro prosseguem sua viagem em conjunto e se descobrem quase incompatíveis. Enquanto Camille é muito interativa e funciona como amarração do grupo, Roger é distante, passando a maior parte das cenas nadando – dá a impressão de que ele nada preferencialmente para longe da agrupação que sua namorada atraiu. Olga e Roger têm personalidades semelhantes – se distanciam e calam sempre que possível: “Roger não era nenhum parceiro para conversa, ele sempre deixava morrer”.¹⁰ A mudez de Olga, porém, é obrigatoriamente desrespeitada de tanto em tanto, toda vez que é necessário que ela interaja com os locais em nome do grupo, visto ser a única falante de russo entre os quatro.

⁷ Roger nickte, und ich erzählte, dass China mein nächste Ziel sei, ich aber dort nicht zelten, sondern ganz normal in Hostels übernachten wolle (S.41).

⁸ Ich dachte darüber nach, dass ich sie nicht kannte, was aber nicht bedeutete, dass ich sie nicht umarmen und nicht berühren wollte, womöglich wollte ich sie gerade deshalb umarmen und berühren, weil mir das als der beste Weg erschien, sie kennenzulernen (S.33)

⁹ Jetzt waren Olga und ich ein Paar, und ein schönes noch dazu (S.41).

¹⁰ Roger war kein Gesprächspartner, er verschwand im toten Winkel jeder Konversation.

Então, inesperadamente, o motorista começou a falar. Ele só falava com Olga. Camille queria que ela traduzisse tudo, mas Olga não traduziu nada e continuou conversando com o homem.¹¹

Jonas – nem tanto ao céu, nem tanto ao mar – não se preocupa tão somente com ele próprio, mas tampouco compartilha da tentativa constante de Camille de mantê-los todos juntos. Interessa-se quase que restritamente por Olga e se esforça para estar junto dela tanto quanto possível, como se só através dela ele pudesse realmente experienciar o Quirguistão.

Essa tentativa de conexão com o local e com as experiências da viagem é parcialmente quebrada quando Jonas reencontra Uta, uma austríaca que ele conhecera no Uzbequistão, com quem tivera um breve relacionamento amoroso e a quem ele abandonara em uma praia, a caminho do Quirguistão.

*Uta então disse algumas frases em inglês, e nessa língua ela era outra, uma Uta desprendida de mim, uma viajante e não mais um fardo. Que eu tinha deixado para trás no Uzbequistão.*¹²

Uta se integra ao grupo mesmo essa não sendo a vontade de Jonas, e o que antes eram dois (imperfeitos) pares, passa a ser um par (Roger e Camille) e três pessoas individuais.

2. Análise

Utilizamos três resenhas como base para discussão interpretativa: a da Revista Cultural *Perlentaucher* (2012), a de Vladimir Balzer (2012), para a *Deutschlandfunk Kultur* e a de Friederike Gösweiner (2013), para a *literaturkritik.de*.

No caso da resenha disponibilizada pela *Perlentaucher*, a abordagem escolhida para apresentação do livro prende-se substancialmente aos fatos da narrativa: o encontro e o não-relacionamento entre Jonas e Olga. A existência de Uta é suprimida, e se opta por abordar primordialmente a relação entre Jonas e Olga, de forma a apresentar um nível mais superficial da história. Entendemos aqui que uma análise da problemática geral do livro, que se desprenda da mera narração dos acontecimentos do romance, seja mais adequada – uma vez que os personagens estão mais para tipos

¹¹ *Dann fing überraschend der Fahrer an zu reden. Er sprach nur mit Olga. Camille wollte, dass sie alles übersetzte, Olga übersetzte jedoch nichts, sie unterhielt sich mit dem Mann (S.48).*

¹² *Uta sagte dann einige Sätze auf Englisch, und in dieser Sprache war sie eine andere, eine von mir gelöste Uta, eine Reisende und keine Last mehr. Die ich in Usbekistan hinter mir gelassen hatte (S.124).*

(enquanto mochileiros) do que propriamente para indivíduos. Assim, não percebemos como imediatamente aceitável que Uta não tenha status equiparável aos demais personagens, considerando que ela instaura uma situação de conflito bastante relevante para o desfecho: o reaparecimento de Uta tem status para Jonas de uma lembrança imperfeita, parcial da *Heimat*¹³. Uta é o que Jonas tem de mais próximo enquanto pertencimento cultural, mas também não é um encaixe exato, não há identificação a ponto de ele prescindir de uma nova possibilidade de pertencer, agora a esse cenário – para o qual Olga é o caminho. E, dessa maneira, se desenvolve o relacionamento entre Jonas, Olga e Uta: Jonas procurando entender junto à Olga os acontecimentos presentes, enquanto Uta é como uma lembrança latente do que já lhe é familiar, mas que, gradativamente, se torna mais distante.

A segunda resenha, de Balzer, enfatiza os aspectos históricos do romance (tendo em vista sua ambientação no Quirguistão, país ex-membro da URSS) – considerando o passado político e como esse passado influencia a visão do mundo e dos próprios quirguizes sobre o país. Relega, portanto, as interações das personagens principais a segundo plano, quase como se sua existência fosse condicionada à apresentação do cenário. Seria possível pensar aqui em um uso metafórico, individualizado da narrativa para discutir justamente essa falta de respaldo que o Quirguistão e Jonas compartilham. O país, uma vez parte de uma unidade enquanto membro da União Soviética, agora precisa fundar sua própria história, assumir-se – um indício da falta de definição com que o país ainda sofre é a possibilidade de ser referido por vários nomes: além de Quirguistão, também Quirguizistão, Quirguízia e ser, oficialmente, República Quirguiz. Jonas inclusive se depara com alguns habitantes que, por esses motivos, afirmam a inexistência do país, que o entendem como um construto da Ásia Central, como destaca Balzer (2012). Também Jonas, em meio a uma viagem solitária, é impelido a traçar suas rotas e se fazer conhecer.

Já a resenha de Gösweiner contempla, de certa forma, ambas as visões anteriormente expostas: ele comenta a narrativa sobretudo do ponto de vista de sua apresentação – que não teria sido muito bem sucedida, apesar de ser potencialmente interessante. Gösweiner tenta encontrar uma resposta para o que teria sido o Leitmotiv do romance, que parece abordar diversos assuntos, mas não se concentrar

¹³ *Heimat* é entendida aqui conforme Dorn & Wagner (2011), que ligam esse conceito a origem (*Herkunft*), ao pertencimento (*Zugehörigkeit*), ao que é familiar desde a infância.

especialmente em nenhum a ponto de esse ou daquele ser o seu cerne. O crítico analisa diferentes facetas da história e conclui que a indiferença (*Gleichgültigkeit*) foi o elemento propulsor que levou Sprenger à escrita. Portanto, se juntarmos as três opiniões, não se trataria de viver uma situação amorosa não correspondida, de estar longe de casa, de os momentos e as pessoas serem efêmeras. A questão é que nada disso importaria, fosse na Alemanha ou no Quirguistão, e que, acima de tudo, essa seria uma marca dessa geração. Talvez uma geração que pode alcançar – quase – tudo, chegar a qualquer parte e para a qual, no fim, resta a indiferença.

Conclusão

Para a construção do enredo, propriamente, Sprenger seleciona sentimentos experienciados quando se está em viagem, já há muito longe de casa e, mais do que fisicamente distante, sobretudo culturalmente. Apresenta seus personagens explicitando a carência humana em um momento de fragilidade, enquanto desprovidos de suporte familiar e em meio a uma cultura para a qual, de certa forma, não foram criados. Em viagens nas quais se lida com mais de um tipo de distância – física, cultural, cronológica –, momentos insignificantes no cotidiano tomam proporções solenes; tudo parece decisivo e irremediável: *"Auf einer Reise verwechselt man gelegentlich einen Tag mit dem Rest des Lebens"* (contracapa).

Apesar de as resenhas que elencamos não terem emitido pareceres tão convidativos à leitura, certamente o livro dispõe de outras características que possam torna-lo interessante. Uma delas é o fato de, propositada (talvez devida sua ligação com ensino de alemão como língua estrangeira) ou despropositadamente, Sprenger lançar mão de uma linguagem comparativamente menos hermética, o que aumenta a atratividade do livro para aqueles procuram melhorar sua proficiência em leitura antes de enfrentar obras consagradas.

REFERÊNCIAS

BALZER, Vladimir. *Kennt eh keiner*: Jan Sprenger: „Kirgistan gibt es nicht“, Rowohlt Berlin, 240 Seiten. 2012. Disponível em: <https://www.deutschlandfunkkultur.de/kennt-eh-keiner.950.de.html?dram:article_id=219323>. Acesso em: 21 nov. 2019.

DERRIDA, Jacques. *Le monolinguisme de l'autre*. Paris: Galilée, 1996.

DORN, Thea; WAGNER, Richard. *Heimat*. S. 233 – 237. In: DORN, Thea; WAGNER, Richard. **Die deutsche Seele**. Munique: Knaus Verlag, 2012.

GÖSWEINER, Friederike. **Durch's fade Kirgistan: Jan Sprengers Debüt „Kirgistan gibt es nicht“ über eine Generation, die sich vor allem durch eine fundamentale Gleichgültigkeit auszeichnet, überzeugt leider nicht**. Disponível em: <<https://literaturkritik.de/id/17545>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

PERLENTAUCHER: Das Kulturmagazin. **Buchautor: Jan Sprenger. Kirgistan gibt es nicht**. Disponível em: <<https://www.perlentaucher.de/buch/jan-sprenger/kirgistan-gibt-es-nicht.html>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

SPRENGER, Jan. **Kirgistan gibt es nicht**. Berlin: Rowohlt, 2012.

A aquisição “quase” simultânea de alemão e português: um estudo de caso

Daniele Ione Schneiders¹
Kainã Pereira Gonçalves²
Wendy Kaori Usuki³
Andressa Brawerman-Albini⁴

Resumo: O Brasil, como um país colônia cuja parte considerável da população é formada por imigrantes vindos de várias partes do mundo, possui diversas comunidades em que tais imigrantes se concentram. A fim de preservar parte de suas culturas, esses imigrantes continuam comunicando-se com a língua do seu país de origem. Devido a isso, seus filhos acabam por desenvolver a língua dos pais, juntamente do português, constituindo assim, um ambiente bilíngue. Tendo essas comunidades em mente, pretende-se entender de que forma o desenvolvimento linguístico e pessoal de uma criança pode ser afetado na aquisição quase simultânea de duas línguas, por ocorrer em momentos distintos, mas ainda na infância, e se há interferência de um idioma no outro. Nesse contexto, mesmo que as características das línguas sejam diferentes, há uma competência linguística comum entre as linguagens, o que possibilita que algumas habilidades sejam transferidas de uma língua para outra. Além disso, sabe-se que no léxico de crianças que falam duas línguas, é possível acessar palavras de qualquer uma delas ao mesmo tempo, verificando a conexão entre os idiomas (SCHUETZE, 2001). Para a realização desta pesquisa, a comunidade bilíngue abordada foi no oeste de Santa Catarina, onde concentra-se uma grande população descendente de imigrantes alemães. Foi realizada uma entrevista com dois jovens falantes de português e alemão, junto de seus pais, buscando definir o processo de aquisição das duas línguas na infância e a interferência das mesmas entre si. A análise das informações obtidas teve a influência do conhecimento prévio de uma das autoras da pesquisa, devido à aquisição de linguagem similar. Nos casos investigados, as crianças adquiriram o alemão em casa como primeira língua e o português como segunda em ambiente escolar. Os resultados apontam que ocorre influência de um idioma em outro e que há troca de letras ou palavras, como justifica o *code-switching*. Pesquisas como esta se fazem necessárias tendo em vista o crescente número de imigrantes vindos ao Brasil, cujos filhos estarão em um ambiente bilíngue, tendo que desenvolver o português enquanto os pais possuem apenas a língua do seu país de origem.

Palavras-chave: Bilinguismo; *Code-switching*; Imigrantes; Alemão; Português.

Abstract: Brazil, as a majorly mixed country, with people from all over the world, concentrates many communities in which immigrants from certain countries or cultures live together. In order to preserve their origins, these immigrants have kept communicating in their mother languages throughout the years. Therefore, their children happen to have learned their parents' language along with the Brazilian native language, which is Portuguese, resulting in a bilingual environment. Having these communities in mind, this article aims to understand the way in which a child's linguistic and personal development can be affected during this almost-simultaneous acquisition of both languages, for that it happens in different stages but still during the same period of childhood, and if the languages interfere with one another. In this context, even if the

¹ Graduanda de Licenciatura em Letras Inglês na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. danieleschneiders@alunos.utfpr.edu.br

² Graduanda de Licenciatura em Letras Inglês na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. ka.ina@outlook.com

³ Graduanda de Licenciatura em Letras Inglês na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. wendy.usuki@terra.com.br

⁴ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná. andbraw@gmail.com

language aspects are different, there is a common linguistic competence between both, which allows some of these abilities to be transferred from one language to another. In addition, in the lexical of children who speak two languages, it is possible to access words from any of those languages at any given moment, confirming that there is a connection between both languages (SCHUETZE, 2001). For this research, the chosen bilingual community was the West of Brazilian state Santa Catarina, where a great population of German immigrants and descendants is settled. Two young people, speakers of both German and Portuguese, were interviewed along with their parents, aiming to define the process of acquisition of both languages in their childhood and the interference of those with each other. The data analysis had the influence of one of the authors' previous knowledge on the subject, having gone through a similar language acquisition process. In both examined cases, the children had acquired German at home as their first language, and Portuguese as a second language at school. The results point out that there is influence of one language on the other and there is a mix of letters and words, as justified by code-switching. Research such as this one is made necessary having in view the crescent growth of immigrants coming to Brazil, whose children are going to grow in a bilingual environment, having to develop Portuguese while their families still speak the language of their home country.

Keywords: Bilingual environments; Code-switching; Immigrants; German; Portuguese.

1. Introdução

A história do Brasil é marcada pela miscigenação de culturas. Desde os tempos da colonização portuguesa, foram incorporados ao Brasil elementos europeus e dos povos africanos trazidos pelos portugueses, além da cultura indígena advinda dos povos que já habitavam o país antes mesmo da colonização. Ao longo do tempo, povos como italianos, espanhóis, japoneses e alemães fizeram do Brasil seus lares, contribuindo para o processo de mistura racial. Essa herança de mistura cultural ainda é recorrente no Brasil, para o qual, atualmente, povos de diversas nacionalidades e etnias têm se refugiado ou se mudado. Assim, o Brasil continua a reiterar o seu caráter de país multicultural.

Dentre os diversos elementos trazidos de outras culturas para o Brasil, a língua de origem dos imigrantes é um dos elementos que permaneceu sendo utilizado a fim de manter parte de suas culturas. Nesse contexto, em algumas regiões do país existem falantes de outras línguas, comunidades que se comunicam entre si majoritariamente com a língua do país de origem, e assim, as crianças dos moradores dessas regiões nascem tendo seu primeiro contato com a língua materna (L1) dos pais e passam a adquirir o português brasileiro apenas como segunda língua (L2), mesmo que sejam nascidas no Brasil.

Considerando esse panorama geral da cultura do país, viu-se a necessidade de estudar esse bilinguismo, que acontece de forma quase simultânea, já que a aquisição de ambos acontece na primeira infância. Para tal, fizemos entrevistas com dois

brasileiros nascidos no Oeste de Santa Catarina, região com grande número de imigrantes alemães, que adquiriram o alemão como primeira língua, pelo contato com os pais e familiares e, posteriormente, o português brasileiro como L2, pelo contato com pessoas externas à família, na comunidade ou em ambiente escolar, onde foram incentivados a aprender o português.

Por meio dessas entrevistas, buscou-se encontrar as influências da aquisição simultânea (ou quase simultânea) de duas línguas. Assim, nossas hipóteses iniciais eram de que uma língua exerceria influência sobre a outra e ocorreria o prevalecimento de uma das línguas no decorrer do desenvolvimento linguístico da pessoa. Em vista disso, os objetivos desta pesquisa são de, primeiramente, entender de que forma o desenvolvimento linguístico e pessoal de uma criança, falante de uma L2 como língua materna mesmo estando no Brasil, pode ser afetado na aquisição quase simultânea de duas línguas. Além disso, procuramos verificar se há algum tipo de interferência negativa de um idioma no outro durante a aquisição.

Para fins de organização, este trabalho é composto inicialmente por uma seção introdutória, seguida de uma seção teórica que servirá como base para as seções posteriores: a metodologia utilizada e a análise e discussão dos resultados. Por fim, a seção de considerações finais conclui este artigo.

2. Fundamentação Teórica

Ao realizar um estudo sobre segunda língua, é necessário estabelecer qual abordagem será estabelecida sobre dois conceitos principais: aquisição e aprendizado, que podem ser considerados sinônimos ou duas ideias completamente distintas, dependendo da teoria adotada.

A aquisição de uma língua ocorre em um meio informal, sendo assim comparado ao processo realizado por uma criança ao adquirir a língua materna. Segundo Krashen (1981), para que ocorra a aquisição, necessita-se que haja uma comunicação natural com interações significativas em que o foco não esteja na forma estrutural da língua, mas no significado que se deseja transmitir e sua inteligibilidade.

Por outro lado, o aprendizado de uma língua, caracterizado como um processo mais consciente, será desenvolvido em ambientes formais que realizarão instrução e correções de erros, permitindo dessa forma que o aprendiz tenha uma melhor

representação linguística e gramatical da língua a qual está sendo estudada (KRASHEN, 1981).

Ressaltamos, assim, que a presente pesquisa utilizará os seguintes conceitos com significados dessemelhantes, tendo como foco principal a aquisição simultânea de duas línguas em crianças e jovens.

Além disso, para o estudo de aquisição de dois idiomas, caracterizamos o bilinguismo segundo a definição de Savedra (2009):

[...] um fenômeno relativo; uma condição particular, identificada pelo contexto e forma de aquisição das duas línguas, bem como pela manutenção e abandono das mesmas. Com esta condição particular, os indivíduos bilíngues apropriam-se de dois códigos distintos e os utilizam em determinadas comunidades de fala, em diferentes ambientes comunicativos (familiar, social, escolar e profissional) (SAVEDRA, 2009, p. 121).

Desse modo, quando um indivíduo for exposto a duas línguas simultaneamente, ou mesmo que uma língua seja desenvolvida um pouco posteriormente, mas ainda na primeira infância, a aquisição bilíngue seguirá padrões semelhantes daqueles ocorridos em aquisição de L1 (BONGARTZ, 2016).

Durante os primeiros anos de vida em que uma criança começa a desenvolver a L1, seu conhecimento semântico se constrói por volta dos dois anos de idade, seguido pelos primeiros sinais de estruturas frasais sintáticas e o aparecimento da morfologia. Porém, é somente em torno dos três anos de idade que o desenvolvimento linguístico estará mais consolidado com a formação de frases mais complexas (SCHUETZE, 2001). Dessa maneira, tendo o mesmo processo em uma aquisição bilíngue simultânea, na qual ambos os idiomas se desenvolveriam do mesmo modo, resultaria em uma competência balanceada das duas línguas.

Entretanto, é possível questionar-se de que modo o desenvolvimento linguístico de uma criança poderia ser afetado ao adquirir duas línguas ao mesmo tempo. Segundo Schuetze (2001), a teoria de interdependência linguística, desenvolvida por Cummis (1983, 1989), justifica que mesmo que as características das línguas sejam diferentes, há uma competência linguística comum entre as linguagens, o que possibilita que algumas habilidades sejam transferidas de uma língua para outra. Além disso,

sabe-se que no léxico de crianças que falam duas línguas, é possível acessar palavras de qualquer uma delas ao mesmo tempo, verificando a conexão entre os idiomas.

Sendo assim, apesar da facilidade das crianças em adquirir mais de uma língua, é provável que ocorra o fenômeno *code-switching* (CS), que pode ser caracterizado como o processo que ocorre entre as interações dos sujeitos e consiste no trânsito entre dois códigos (línguas) ou mais. O fenômeno aparece com frequência no discurso de indivíduos bilíngues ou aprendizes de uma língua adicional. No processo comunicativo, o falante pode optar por utilizar o CS, quando acaba por alternar as línguas, utilizando ambas na mesma frase e trocando uma pela outra de acordo com sua familiaridade com determinada língua. Portanto, é possível verificar que o falante recorre àquela em que julga ser mais proficiente e com a qual conseguirá expressar-se melhor, geralmente a língua materna. Assim, o CS pode se configurar como uma estratégia comunicativa que acontece durante uma interação social para a transmissão de significados.

O falante bilíngue faz escolhas linguísticas no processo de comunicação, considera o interlocutor e a língua falada por ele, assim como as situações e o ambiente em que a comunicação ocorre. Cada código linguístico tem uma função e consequências, que são calculadas pelo falante e empregadas de acordo com cada situação, para que maiores recompensas comunicativas sejam obtidas.

Segundo Mozzillo de Moura (1997), o fator decisivo para que o falante empregue o CS nas interações é o desejo, consciente ou não, de marcar o discurso de acordo com a necessidade imediata de expressar uma ideia da forma mais significativa possível. Dessa forma, a alternância de códigos obedece a motivações linguísticas, sociolinguísticas, emocionais, ambientais, digressões, preferência pessoal por um ou outro idioma, entre outros motivos.

O CS é um fenômeno complexo e, portanto, é passível de diferentes definições, podendo ser analisado de diferentes perspectivas, formalista e funcionalista, por exemplo. Por muito tempo, o CS foi considerado uma característica de um “bilinguismo imperfeito”, já que o falante não consegue separar completamente uma língua da outra (SOARES *apud* WEINREICH, 2012). Com o avanço dos estudos a respeito do assunto, pôde-se perceber que não se trata de uma falha comunicativa, assim como não se caracteriza apenas pela alternância de estruturas sintáticas ou vocábulos. Descobriu-se que o uso do *code-switching* reflete parte da identidade e dos valores individuais do falante, tendo ainda funções sociais e discursivas, como afirma Soares (2012):

[...] descobriram-se a existência de elementos motivacionais discursivos e/ou de natureza sócio-pragmática na realização dos enunciados híbridos. Isso quer dizer que o CS pode ser utilizado em contextos sociais para a transmissão de significados sutis – como identificação étnica e cultural, papéis/hierarquia dos participantes da interação, valores sociais e situacionais etc., – e ainda, no contexto da educação bilíngue como estratégias discursivas que desempenham diferentes funções – tais como ênfase, preenchimento lexical, objetivação, endurecimento da mensagem etc. (SOARES, 2012, p. 7)

Dessa forma, as escolhas que o falante faz, optando por um ou outro código, são explicadas pelo princípio da negociação de identidades. Tais escolhas permitem a negociação de uma identidade particular do falante em relação aos demais. Cada código possui determinada função para cada falante bilíngue. De acordo com diferentes parâmetros, o falante pratica uma contínua negociação com o interlocutor, podendo empregar o CS com o objetivo de suprir a necessidade de encontrar uma língua em comum (MOZZILLO, 2009).

Consideraremos no presente trabalho, a definição de *code-switching* descrita acima, cuja ocorrência acontece de forma natural para o aprendiz de uma língua adicional e que não caracteriza imperfeição na língua, e sim uma estratégia de comunicação utilizada para a transmissão de significados.

3. Metodologia

Esta pesquisa possui natureza qualitativa, tendo utilizado um método de estudo de caso documentado por meio de entrevistas gravadas e transcritas. As transcrições das entrevistas podem ser encontradas no Apêndice B, juntamente com o roteiro de perguntas das entrevistas (Apêndice A). A pesquisa tem como *corpus* de análise duas entrevistas realizadas com dois jovens que nasceram no oeste de Santa Catarina de pais descendentes de alemães, tendo a língua alemã como primeira língua e o português brasileiro como segunda língua. Durante a entrevista de cada um deles, estavam presentes também, no caso do Entrevistado 1, seus pais, e no caso do Entrevistado 2, sua mãe. A presença dos pais foi requerida para eventuais dúvidas sobre como foi o desenvolvimento linguístico dos Entrevistados, já que as perguntas tratavam de uma fase da infância deles.

A Entrevistada 1, uma jovem de 18 anos, estudante do Ensino Médio, adquiriu como língua materna o alemão, por volta de um ano de idade, e o português como

segunda língua, por volta dos cinco anos, após começar a frequentar a escola e a interagir com colegas e pessoas da comunidade. Filha de pais agricultores com escolaridade básica, a jovem foi criada pelos pais, que se comunicavam com ela antes das primeiras palavras apenas em alemão.

O Entrevistado 2, um jovem de 20 anos de idade, com Ensino Médio completo, filho de agricultores, teve uma aquisição de língua similar ao primeiro caso, tendo começado a falar o alemão por volta do primeiro ano de idade. O entrevistado começou a desenvolver o português após um ano frequentando a escola, aos cinco anos. Também foi constatada a exposição à língua alemã antes do Entrevistado 2 desenvolver a fala.

Para as entrevistas, foram elaboradas 13 perguntas, além de questões sobre dados gerais dos participantes, como idade, profissão, escolaridade e se já haviam morado em algum país estrangeiro para considerar a possível influência de outras línguas. As perguntas se referiam aos primeiros meses da criança, à língua em que os pais falavam com ela antes das primeiras palavras, à idade com que começou a falar o primeiro e o segundo idioma, a qual língua era utilizada em diferentes contextos, como familiar e escolar, às dificuldades e influências perceptíveis de uma língua na outra e, finalmente, à frequência de uso da L1 atualmente. Essa última pergunta fez-se necessária para esclarecer nossa hipótese inicial, de que em casos como esse, uma língua acabaria prevalecendo sobre a outra com o passar do tempo. Nesse caso, a hipótese era de que o alemão seria utilizado em contextos mais restritos e com menos frequência do que o português.

É importante ressaltar que durante o processo de formulação das perguntas, delimitação de tema e análise de dados, foi levada em consideração a vivência de uma das pesquisadoras, sendo que a mesma teve um processo de aquisição de linguagem similar ao dos entrevistados, tendo adquirido o alemão como L1 e o português como L2.

Além disso, posteriormente, observamos a necessidade de entrar em contato com os entrevistados novamente para sanar algumas dúvidas que surgiram no decorrer da análise dos resultados, como por exemplo, como essa alternância das línguas os afetam emocionalmente e como eles achavam que eram vistos pelas pessoas com quem interagiam.

4. Resultados e Discussão

Em relação à influência da característica bilíngue na fala de ambos os entrevistados, foi possível observar a presença de diferenças na formação de linguagem em comparação com aqueles que adquirem apenas uma língua na infância. Entretanto, essas diferenças são comuns no processo de aquisição de qualquer segunda língua, como casos de dificuldades sintáticas ou *code-switching*.

A Entrevistada 1, por exemplo, relatou ter tido muita dificuldade nos primeiros anos aprendendo o português, já que esse aprendizado aconteceu na escola, mais formalmente, enquanto o alemão era majoritariamente falado em casa mesmo antes de seu nascimento. Essa dificuldade resultou em mistura de idiomas, como relatado pela própria e isso ficava evidente nas suas interações. De acordo com a entrevistada, ela tentava se comunicar usando o português, mas encontrava dificuldades em se expressar e acabava por recorrer ao alemão, julgando não saber como dizer a mesma coisa em português. A participante associou os momentos de dificuldade na comunicação com sua timidez, afirmando que se sentia envergonhada. A participante também relatou a influência do alemão sobre o português na escrita, como a troca dos artigos feminino e masculino, ou confusão com a ordem das palavras em uma sentença.

Para o Entrevistado 2, uma influência que o mesmo nota em sua fala é a “troca de letra” que, de acordo com o conhecimento de ambas as línguas de uma das pesquisadoras, diz respeito à dificuldade sintática comum de falantes do alemão em definir o gênero do artigo, produzindo assim, exemplos como “o porta” ou “a menino”.

Como parte dos resultados, também pudemos observar a ocorrência do fenômeno de *code switching*, mencionado na Seção 2 deste artigo, como no caso da Entrevistada 1, que relata momentos em que começava sentenças em português, mas acabava terminando-as em alemão.

Os pais do Participante 2 afirmaram, ainda que com certa incerteza, que o Entrevistado misturava as duas línguas quando estava aprendendo a segunda, o português, já que ele também só falava alemão em casa e passou a aprender e praticar o português apenas na escola. O participante também concordou com a possibilidade de ter misturado os idiomas.

Quando questionado em relação aos seus sentimentos no processo de aquisição, o Entrevistado 2 relata que, devido à natureza da comunidade, onde grande parte das pessoas tem conhecimento de ambos os idiomas, a troca não se faz problemática, porém

em meios onde os locutores não dominam ambas as línguas, o entrevistado relata mal-estar e dificuldade na comunicação. Ele ainda afirmou que atualmente utiliza socialmente mais o português do que o alemão, mas que em contexto familiar ainda utiliza as duas línguas. O participante destacou ainda que o alemão é mais utilizado por ele em contextos específicos, como em interações com pessoas de mais idade.

Sobre a influência do alemão no português na escrita, o participante relatou ter, eventualmente, problemas com a troca dos artigos feminino e masculino assim como a Participante 1.

Quando questionados em relação às impressões dos locutores com quem conversavam, ambos os entrevistados admitiram que reconhecem as vantagens do bilinguismo, sendo que a Entrevistada 1 percebe que outras pessoas a vêem como alguém com “uma cultura mais ampla”, além de um conhecimento adquirido por meio do contato familiar. O Entrevistado 2 também afirma que reconhece seus privilégios por dominar ambos os idiomas e vê que outras pessoas também apreciam tal conhecimento.

Apesar de ter sido notada a ocorrência de influências de uma língua sobre a outra, além da predominância de um idioma após um certo período da vida, as duas pessoas Entrevistadas ainda possuem certo domínio das duas línguas e ainda as utilizam, mesmo que em menor frequência, em seu cotidiano. Além de agregarem aspectos positivos na vivência do falante, como ressaltado pelo Entrevistado 1, a fluência no alemão auxilia na busca de empregos na região e, segundo a entrevistada 2, também auxilia na convivência com familiares e pessoas de idade da comunidade.

5. Considerações Finais

Esta pesquisa procurou analisar como ocorre o processo de aquisição quase simultânea em jovens habitantes de uma comunidade bilíngue no Brasil, investigando as possíveis interferências no desenvolvimento linguístico da pessoa. Utilizando-se do método de estudo de caso, a análise se baseou em gravações e transcrições de entrevistas, possuindo 13 perguntas cada, com dois jovens do oeste de Santa Catarina.

Os resultados desta pesquisa confirmam nossas hipóteses de que, em casos de aquisição simultânea de dois idiomas distintos, haveria influência de um idioma no outro, como foi confirmado pela verificação do *code-switching*. Outra hipótese confirmada foi a de que, no decorrer do desenvolvimento linguístico do falante, uma língua acabaria prevalecendo sobre a outra, no sentido de que uma seria utilizada com maior

frequência, no caso, a língua do país na qual a pessoa reside atualmente, enquanto a outra seria utilizada para fins e situações mais restritas, no caso, o alemão. Esse fato foi confirmado nos casos de ambos os entrevistados.

Considerando o panorama atual do Brasil, com o crescente número de imigrantes e refugiados chegando ao país, pesquisas como essa tornam-se relevantes para entender como ocorre o processo de aquisição de línguas diferentes para as crianças, filhas de imigrantes, que chegam ao país no período em que ainda estão adquirindo a língua do país de origem, falada pelos pais, tendo que lidar simultaneamente com a língua do país de chegada.

Durante a entrevista, o pai da Participante 1 destacou sua satisfação em participar desta pesquisa, por estudar as raízes de sua família que, em suas próprias palavras, preserva essas raízes. Tendo em mente essa preservação de valores culturais, espera-se que no futuro ainda mais pesquisas sejam realizadas na área para que possamos desenhar um quadro em relação à aquisição simultânea de línguas diferentes, seja em casos de crianças imigrantes ou de países bilíngues. Dessa forma, poderemos criar um ambiente livre de preconceitos para que estas crianças se desenvolvam da melhor forma possível.

REFERÊNCIAS

- BONGARTZ, Christiane M. *Bilingual and second language development and literacy Emerging perspectives on an intimate relationship. Selected papers on theoretical and applied linguistics*, 21, p. 3-42, 2016.
- KRASHEN, Stephen. *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. Los Angeles: Pergamon Press Inc., 1981. 150 p.
- MOZZILLO DE MOURA, Isabella. 1997. **Traição lingüística e lealdade cultural. A alternância de código no discurso bilíngüe**. Dissertação de Mestrado, UCPEL.
- MOZZILLO DE MOURA, Isabella. **O code-switching: fenômeno inerente ao falante bilíngüe**. Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico, v.19, p. 159, 2009.
- SAVEDRA, M.M.G.; Bilinguismo e bilingualidade: uma nova proposta conceitual. IN:SAVEDRA, M.M.G; SALGADO, A.C.P. (Org.) **Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato**. Rio de Janeiro: 7 Letras, p.121-140, 2009.

SCHUETZE, Ulf. *Code-switching in bilingual children at the age of three - Should It Be Corrected?* **Multilingual Matters**, v. 18, n. 3, p.1-8, mar. 2001. Disponível em: <http://www.multilingualmatters.com/pdf/bilingual_family/BFN%2018-3.pdf>. Acesso em: 16 nov. 18

SOARES, Mariana Schuchter et al. A alternância de códigos no contexto da educação bilíngue: code-switching, code-mixing e as transferências lingüísticas. **Revista Gatilho**. Juiz de Fora, ano 8, v. 15, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2012/11/15-soares.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

APÊNDICE A

Roteiro de entrevista

1. Dados Gerais pais: profissão; já morou fora; formação.
2. Dados Gerais criança: faz algum curso de línguas; mora com os avós ou algum outro familiar; escolaridade.
3. Em que língua os familiares conversavam com a criança antes de ela começar a falar?
4. Com quantos anos/meses a criança começou a falar e em qual língua?
5. A criança começou a frequentar a escola regular com que idade?
6. A língua falada na escola era diferente da língua falada em casa?
7. Com que idade se começou a desenvolver a segunda língua (português ou alemão)?
8. Houve dificuldade na aquisição/aprendizado da segunda língua (português ou alemão)?
9. Houve um momento em que a criança estava adquirindo os dois idiomas ao mesmo tempo?
10. Houve casos perceptíveis de mistura entre as línguas?
11. Houve um momento em que uma das línguas prevaleceu sobre a outra? Quando? Qual língua?
12. Hoje você utiliza as duas línguas? Em que contexto cada língua é utilizada?
13. Você já notou, na sua fala e escrita da língua portuguesa, alguma característica adquirida do alemão?
14. Concluindo, você acha que o fato de falar essas duas línguas teve alguma influência na sua vida? Comente.

APÊNDICE B

Transcrição da entrevista 1

Nesta, a letra P diz respeito à pesquisadora, enquanto E representa a Entrevistada e P.E. o pai da mesma e M.E. a mãe.

P: Vocês permitem a gravação, agora, da nossa conversa que nós vamos falar agora?

E: Sim

P: Então tudo bem

P: Então, eu preciso saber ... de vocês, qual a profissão de vocês.

P.E: Agricultor

P: Agricultores ... e se vocês já moraram...estiveram fora do país... alguma vez

E: Não

P: Não...E a formação de vocês? Escolaridade

P.E: Ah, no meu caso, eu fiz ensino médio

P: Ensino médio

M.E.: Quarta série

P: Quarta série, beleza. E da “Entrevistada” ... se tu já fez algum curso de língua...Wizard e ...

E: Não

P: Não. E se tu mora com algum outro familiar além dos teus pais e irmão

E:Tia

P.: A Tia. E a tua escolaridade, ta?

E: Cursando o Ensino médio

P: Cursando o ensino médio, beleza. Em que língua vocês conversavam com a “Entrevistada” antes dela começar a falar? Quando ela era bebê

P.E.: Tipo o alemão

P: Alemão

P.E: O dialeto assim da região

P: Isso, aham. E com quantos anos ela começou a falar? Ou meses?

P.E.: Ah o alemão ele...não dá pra dizer bem exatamente...a idade

P: Mas ela...

P.E: Acho que 1 ano mais ou menos dali pra frente começou as primeiras palavras

P: Sim, e era em alemão então?

P.E.: Alemão

P: As primeiras palavras...OK. E.. com quantos anos mais ou menos que “a Entrevistada” começou a ir pra escola?

P.E: 5 anos, no prezinho ai

P: 5 anos no pré, beleza. E a língua que falava na escola era...português ou alemão?

M.E: Português

P: Português...E com que idade que a “entrevistada” começou a falar esse português? Essa segunda língua

P.E: 5 anos, aí começou com o pré né. Os professores eram obrigado né

P: Sim. E foi difícil aprender a falar português sendo que tu já falava alemão em casa?

E: Foi bastante, tipo eu tive bastante dificuldade porque em casa, sempre, geralmente era alemão né

P: E daí em casa... tu falava em alemão e fora tu falava português na escola

E: É, eu tentava, muitas vezes não dava muito certo né

P: Sim. E tu misturava as duas línguas?

E: Sim

P: ...quando tentava falar, falar um pouquinho E teve algum momento em que tu, uma das duas línguas foi por cima da outra e tu parou de falar uma e continuou falando a outra ou...

E: é, geralmente quando eu começava a falar, tentava a falar português, quando eu via eu tava falando alemão porque eu não sabia mais...

P: Sim

E: ...o que queria dizer, daí eu falava alemão né. Ninguém entendia

P: e hoje em dia, tu utiliza as duas línguas?

E: Não tão frequentemente, mas...sim

P: Mas depende do contexto, se cê ta em casa fala em alemão...

E: Sim

P: E tu já percebeu assim, quando tu fala ou quando tu escreve português alguma coisa do alemão?Alguma característica assim?

E: ah, tem uma e outra palavra que às vezes...

P: Muda ou...

E: é

P: E... assim, o fato de que tu fala alemão isso influencia em outras áreas da tua vida? Tu acha que...que muda alguma coisa? de como tu fala ou de como tu...

E: Ah de que sentido? Digamos... tipo

P: Tipo, tu acha que... o fato de que tu fala tua... falar essas duas línguas diferencia tu de outras pessoas que fala só uma?

E: Ah, na questão de empregabilidade talvez ajude

P: Sim

E: e... tipo, as vezes comunicação, que nem avós ou pessoas mais velhas geralmente vem de origem alemão, aí ajuda pra comunicação, né

P: É mais confortável né, aham. É isso, vocês tem alguma colocação a fazer? Algum comentário?

P.E.: Ah eu agradeço pra uma pesquisa assim que procura a gente pra ver as raízes da família né um pouco assim. Então eu fico muito agradecido por isso, para não deixar morrer o pé sem a raiz

P: Então é isso, obrigada.

Transcrição da entrevista 2

Nesta, novamente, P diz respeito às falas da pesquisadora, E sendo o Entrevistado e M.E a mãe do mesmo.

P: Então, preciso saber a tua profissão.

M.E: Agricultura, né?

P: E se tu já morou fora do país? Ou já esteve fora do País?

M.E.: Não.

P: A escolaridade?

M.E: Até a quarta série eu fiz.

P: E tu (se referindo ao E) já fez algum curso de línguas?

E: Só na escola mesmo.

P: Tu mora com algum avô ou familiar além dos teus pais?

E: Não, só com os pais.

P: E tua escolaridade?

E: Ensino médio completo.

P: Em que língua vocês conversavam com o -- antes dele começar a falar? (se referindo aos pais)

M.E: Alemão.

P: E com quantos meses ele começou a falar?

M.E: Ele começou cedo, acho que... Eu só me lembro bem quando ele começou a encaminhar a falar, não me lembro tão bem, mas com um ano por aí.

P: E ele começou a falar em que língua:

M.E: Em alemão, até os 4 anos, ele não falava nada nada em português.

P: E com quantos anos ele começou a frequentar a escola:

M.E: 4. Com quatro anos né? (se referindo ao filho)

P: Na escola, falavam contigo em português ou alemão? (se referindo ao E)

E: No começo acho que era em alemão, depois acabei aprendendo português.

P: Com quantos você começou a falar português? Começou a aprender o português?

E: Quando fui pra creche, no meio do ano né? Quando fui na creche.

M.E: É, quando foi na creche, com uns 5 anos.

P: E quando tu começou a aprender português, era difícil, foi mais complicado?

E: É difícil dizer, não consigo lembrar.

P: Mas foi lá pelos 5 anos, por aí?

E: Acho que era.

P: Teve algum momento em que tu tava aprendendo as duas ao mesmo tempo? Quando tava começando a falar, falava as duas?

M.E: Acho que sim, ainda mais que tu falou só o alemão em casa, só na escola que tu falou mais o português (se referindo ao E)

P: E, tinha casos em que tu tava falando uma língua e começava a falar outra no meio da frase?

E: Ah, deve ter tido.

P: E teve algum momento em que você parou de falar uma e continuou falando a outra? Ou continuou falando as duas na vida inteira?

E: Ah, ainda falo as duas, não tanto assim o alemão, é o mais o português, mas falo.

P: Hoje tu utiliza as duas?

E: Sim.

P: E aí muda o contexto, ou todo mundo fala em casa português e alemão?

E: É, depende, em casa falo as duas.

M.E: Depende né, quais pessoas.

E: É mais com as pessoas mais de idade que eu falo mais alemão.

P: Sim. E tu já percebeu quando ta falando ou escrevendo português, alguma coisa do alemão? Alguma interferência?

E: É, às vezes as trocas de letra né.

P: Pra finalizar, tu acha que mudou muito na tua vida tu falar as duas línguas, ao invés de falar só o português?

E: Ah, acho que é sempre interessante, né? É sempre uma coisa a mais. Eu pelo menos acho interessante, né? Mudança assim, eu não sei dizer alguma, mas é interessante né? Tipo uma coisa a mais.

APÊNDICE C

Contato posterior com Entrevistada 1, feito através do WhatsApp:

P: 1. Como saber falar duas línguas faz você se sentir?

2. Como você acha que as pessoas te vêem quando você fala as duas línguas?

E: 1- Bom, me sinto orgulhosa em dominar duas línguas diferentes, é motivo de orgulho.

2 Na minha opinião, acredito que me vêem como uma pessoa que tem uma cultura mais ampla e um conhecimento que vem de seus pais ou gerações anteriores.

P: Quando você trocava uma palavra do português por uma em alemão, por exemplo, como você se sentia nesse tipo de situação?

E: Envergonhada por não saber me expressar como realmente queria.

Contato posterior com Entrevistado 2, feito através do Facebook.

P: 1. Como você se sentia quando trocava as palavras em português por outras em alemão?

2. Como você acha que as pessoas te vêem quando você fala as duas línguas?

E: 1- Por ser uma região com muitos alemães, quando você está numa rodinha que tem pelo menos mais um que entende e fala o alemão, não dava aquele sentimento de vergonha ou de mal estar, mas se não tinha ninguém que entende, vc se sente um pouco mal, não sei descrever certo o sentimento que eu sentia, mas dava um pequeno mal estar.

2- Tem muitas pessoas que gostariam de ter o privilégio de poder falar as duas línguas, então eu acho q elas me vêem como um privilegiado.

Resenha Kunkel-Razum, Kathrin und andere.
Warum es nicht egal ist, wie wir schreiben.

Félix Valentín Bugueño Miranda¹

La obra que se reseña en esta oportunidad posee un título que conlleva una implicatura. El que no sea egal cómo se escribe supone que en ciertos círculos de profesionales vinculados a la enseñanza de la lengua materna en Alemania (y en otros países, por cierto) aparentemente lo es. El libro entero tiene como objetivo mostrar que el dominio de la ortografía constituye un valor significativo en la competencia que el individuo debe poseer con relación a la lengua materna.

Tras la primera sorpresa que provoca el título escogido, lo segundo que llama la atención es que el Plädoyer a favor de la ortografía se organiza textualmente en torno a una conversación entre Kathrin Kunkel-Razum, directora de la redacción de Duden, Burghart Klaußner, conocido actor alemán de cine y teatro, Ulrike Holzwarth-Raether, profesora de enseñanza fundamental y diseñadora de materiales didácticos y Peter Gallmann, catedrático de lengua alemana. El lector se pregunta a qué se debe un grupo tan heterogéneo. La respuesta se encuentra en los cinco tópicos que articulan el diálogo entre los participantes. Cada tópico aparece precedido de una pregunta que la moderadora Kathrin Kunkel-Razum le formula a los participantes para dar inicio a los diferentes temas que se abordan a lo largo de la conversación. El primer tópico se titula “Was hat das mit mir zu tun - Persönliche Berührungspunkte mit der Rechtschreibung”; el segundo, “Zum Klagen und Lamentieren – Der aktuelle Zustand der Rechtschreibung in der Ausbildung heute”; el tercero, “Elementar wichtig oder überschätzt? – Die Bedeutung von Rechtschreibkompetenzen”; el cuarto, “International relevant oder typisch deutsch? – Der Diskurs der Rechtschreibung”; finalmente, el quinto lleva el título de “Engagement und Förderung fordern? – Viele können etwas tun”.

Hay que reconocer, sin embargo, que el propio dinamismo de la conversación y la heterogeneidad de los participantes –piénsese, por ejemplo, en el caso del actor Burghart Klaußner, que, por la propia naturaleza de su ocupación,

¹ Doutor em Filologia Românica; Professor no Instituto de Letras – Departamento de Línguas Modernas – da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. felixv@uol.com.br.

trabaja más con la palabra oral que con la escrita- tornan la lectura un tanto difícil. Ello acontece no porque las opiniones de los participantes no sean interesantes ni relevantes, sino que porque al fragor del diálogo muchas de sus afirmaciones y observaciones se perciben como una concatenación de insights que no siempre tienen un desarrollo más profundo (como el quinto tópico, por ejemplo).

Al discutir el primer tópico, “Was hat das mit mir zu tun - Persönliche Berührungspunkte mit der Rechtschreibung”, la moderadora K. Kunzel-Razum relaciona la ortografía con la cotidianidad de sus entrevistados, o, como se destaca a lo largo del libro, indaga por la relación entre la competencia ortográfica [Rechtschreibkompetenz] y la vida cotidiana. Como respuesta inicial B. Klaußner (p. 8) afirma, por ejemplo, que la ortografía equivale a civilización. Una cuestión que también se debate en este ámbito es la atención a la corrección ortográfica ante el uso masivo de dispositivos de tecnología de la información. P. Gallmann reconoce su ocasional olvido al no accionar el comando del teclado para escribir con mayúscula. Recordemos que el empleo de mayúscula tiene una frecuencia de uso elevadísima en alemán. En la misma dirección B. Klaußner relaciona al mundo digitalizado con la necesidad de escribir con observancia a las normas ortográficas del alemán y no apegándose a usos ingleses o americanos. En síntesis, este tópico deja claro que la ortografía impregna la vida de los interlocutores en esta discusión, tanto en su condición de usuarios como también como en su condición de profesionales relacionados de una u otra forma a la lengua alemana.

El segundo tópico abordado, “Zum Klagen und Lamentieren? – Der aktuelle Zustand der Rechtschreibung in der Ausbildung heute” se inicia con una referencia a un estudio del Institut für Qualität im Bildungswesen, que alerta para la mala ortografía entre los estudiantes de enseñanza fundamental. P. Gallmann acota que, no obstante esa constatación, se le concede hoy mayor importancia a un espectro más amplio de competencias lingüísticas. En su opinión, la ortografía sigue constituyendo un asunto difícil tanto para los docentes como para los estudiantes. U. Holzwarth-Raether también concuerda en que el conjunto de competencias lingüísticas ha sufrido una expansión y no se restringe ya únicamente a la ortografía. P. Gallmann acrecienta que el déficit de competencia en el uso de la lengua materna es tan evidente que es posible establecer una jerarquía de problemas [Hierarchie der Auffälligkeiten] (p. 21). Menciona que en los ciclos superiores de la Enseñanza

Media se abandona la atención a todo aspecto formal de la lengua. U. Holzwarth-Raeter recuerda también que muchos escolares llegan a la escuela con un déficit de lenguaje [Sprachdefiziten], lo que incluye hasta dificultades para articular. Estos factores en su opinión tornan todavía más difícil la enseñanza de la norma ortográfica. P. Galmann agrega que un estudio demuestra que el registro oral se ha convertido en lengua estándar. Lo más grave en su opinión es que a los niños no se les hace ver que la lengua escrita y la lengua hablada son dos sistemas diferentes.

En este punto de la discusión, K. Kunkel-Razum elabora una síntesis parcial de lo tratado hasta el momento procurando establecer qué lleva a preocuparse con este tema. Una causa sería que la mala ortografía se tornó un fenómeno más visible porque un mayor número de escolares llega a la universidad. La otra causa corresponde al número de escolares que provienen de familias de inmigrantes [Migrationshintergründe]. A lo anterior U. Holzwarth-Raether agrega que se ha convertido en algo aceptable [gesellschaftsfähig] escribir mal (p. 28). De hecho, B. Klaußner destaca que la resistencia de los jóvenes a una escritura ortográficamente correcta es tan patente que han desarrollado Sondersprachen y Sonderschreibweisen. A este ya sombrío panorama K. Kunkel-Razum agrega otros factores más, tales como la influencia del inglés en la ortografía del alemán. Para el final de este tópico de la discusión, los participantes discurren sobre lo apropiado o no del empleo del método Lesen durch Schreiben (p. 35-39), destacando que el empleo de este método no faculta al docente a no corregir. A manera de síntesis se puede afirmar que los participantes ofrecen un panorama oscuro sobre el estado del dominio de la ortografía entre los escolares alemanes.

El tópico a continuación, "Elementar wichtig oder überschätzt? Die Bedeutung von Rechtschreibkompetenzen" (p. 41-49) se abre con una reflexión sobre la importancia de poseer dominio ortográfico. La primera a manifestarse es U. Holzwarth-Raether, quien señala que el dominio ortográfico garantiza la igualdad de oportunidades de aquellos que procuran empleo y que deben presentar un currículo. Su intervención concluye con una frase que debiera hacer reflexionar a todo docente: "Die Rechtschreibung spielt eben [...] eine Rolle [...] eher bei denen, die es nicht schaffen [sc. richtig zu schreiben]" (p.42). A esta clara afirmación B. Klaußner acrecienta una todavía más lapidaria: "Wer falsch schreibt, ist unten durch" (p.43).

Como cuarto tópico, los participantes se cuestionan si el discurso de la corrección ortográfica es internacional o “typisch deutsch” (p. 51-53), constatando que la preocupación por el ámbito de la observancia ortográfica también está presente en Francia y Holanda. Es indudable que la preocupación por el uso adecuado de la lengua, después de años de negligencia en aras de un muy mal entendido *laissez-faire*, cobra nuevamente relevancia. No es, por lo tanto, *typisch deutsch*.

El último tópico tratado, “Engagement und Förderung fordern? Viele können etwas tun” es el más débil de todo el libro. En este tópico se invita a presentar propuestas que permitan mejorar la ortografía de los estudiantes. Se recuerda que los *Diktatwettbewerbe* cuentan ya con una sólida tradición en Alemania. Los participantes mencionan también la ayuda que podrían brindar las agencias de publicidad, las empresas de software, la iniciativa económica privada y, finalmente, el propio mundo editorial.

En síntesis, como un *Anstoß* para una reflexión sobre el dominio de la corrección ortográfica, el libro vale la pena. Las observaciones hechas por los participantes, tales como la dimensión social que el dominio de la ortografía comporta, constituyen tópicos e investigación que merecen especial atención. Una nota crítica que el texto merece es la exposición una tanto errática que la discusión a veces toma, lo que perjudica un desarrollo más profundo. La propia dinámica del diálogo lleva, evidentemente, a que algunos tópicos no alcancen la expansión argumentativa que merecen. Si hubiera que respaldar la afirmación que forma parte del título, sin lugar a duda que las palabras de U. Holzwarth-Raether y B. Klaußner, referentes a que la falta de dominio ortográfico deslegitima al individuo, constituyen una admirable síntesis. La ortografía no es un preciosismo, sino que una verdadera herramienta para interactuar y legitimarse eficientemente frente al mundo.

Referência

KUNKEL-RAZUM, Kathrin et al. *Warum es nicht egal ist, wie wir schreiben*. Berlin: Bibliographisches Institut, 2018. 64 pp.